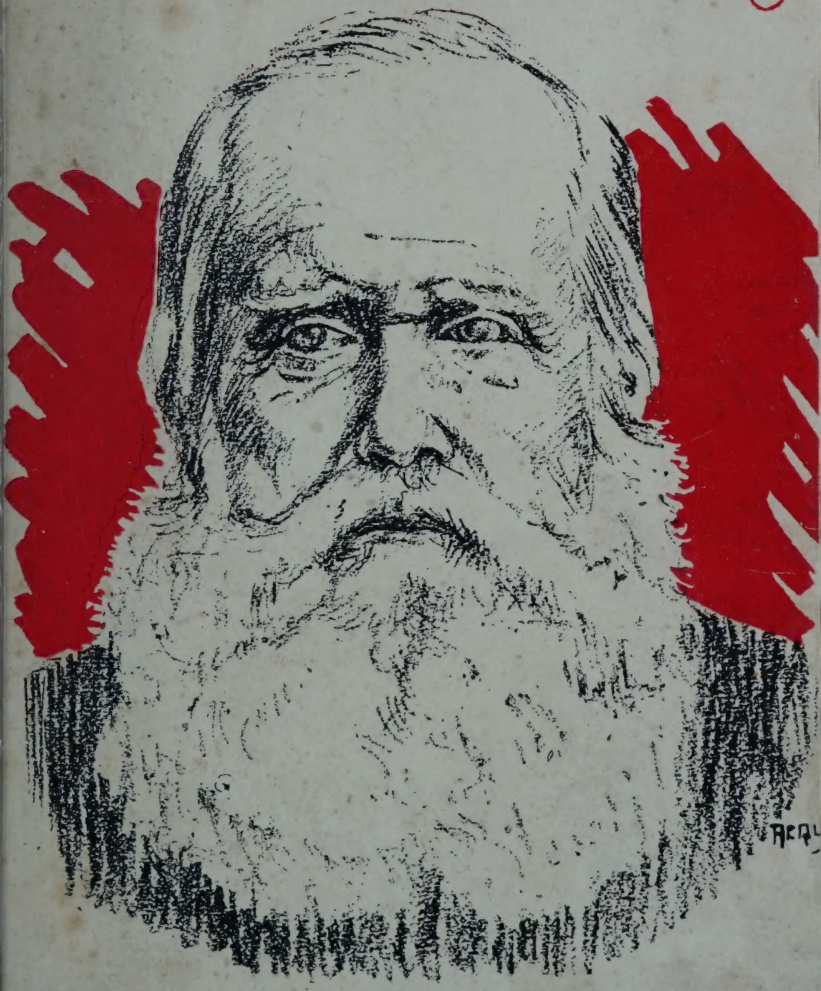
2º reinado

Heitor Moniz



Livraria Editora Leite Ribeiro

LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF ILLINOIS
AT URBANA-CHAMPAIGN

920.081
M74s
1928

VIDA SOCIAL
R. Bahia, 2
Poços de Caldas

O SEGUNDO REINADO

DO AUTOR

Discursos Academicos — (1923).

Prosas Esparsas — (1924)

O 2.º Reinado — 2.ª Edição (1928)

O Brasil de Hontem (1928).

A SAHIR

O Brasil Imperio.

O Senado do Imperio e seus Presidentes.

Amores . . .

HEITOR MONIZ

O SEGUNDO REINADO

2.ª EDIÇÃO

LIVRARIA EDITORA LEITE RIBEIRO
FREITAS BASTOS & CIA.
Ruas: — Bethencourt da Silva, 21 — A
e 13 de Maio, 74 e 76 — RIO DE JANEIRO
1928

HELIOS MONIZ

O SEGUNDO REINADO

2ª EDIÇÃO

LIVRARIA EDITORA ERITO MINEIRO
PRESTAM BARATOS E DIA
Rua — Numeração de ambos os lados
n 10 de Maio 27 e 29 — RIO DE JANEIRO
1928

920.081
M74a
1928

A Edmundo Bittencourt

Testemunho de admiração e de amisade.

Latin Am Mss

O 2.º REINADO

O imperio é a edade de ouro do Brasil. Quanto mais se estudam os factos do passado, quanto mais se analisam as nossas condições no preterito, quanto mais exacto e mais rigoroso o paralelo que se trace do que eramos hontem e do que somos hoje, mais nitido, mais claro, mais impressionante se apresenta o quadro da nossa decadencia.

O imperio foi a moralidade administrativa, foi a rotação dos partidos politicos no poder, foi a representação, no parlamento, das correntes de opinião, foi a leal e honesta applicação dos dinheiros do thesouro, foi a liberdade de palavra e a liberdade de imprensa levada aos seus ultimos e extremos limites: foi, finalmente, o equilibrio orçamentario e a folga financeira, eterno sonho destes 38 annos de Republica.

Os primeiros tempos do regimen monarchico, — o periodo que vae de 1822 a 1840, o reinado de D. Pedro I e a regencia, — constituem a nossa phase inicial de orga-

nização. Antes de se tratar, propriamente, de governo, tinha-se que cuidar da causa da independencia, e consolidada esta, tinha-se de formar politicamente a nação. Foram 18 annos de luctas, de agitação, de guerras, de revolução, em meio do que sossobrou o throno do proclamador da nossa libertação, e quasi se esphacellou a unidade de nossa patria e com ella o sceptro do imperador menor.

Com a maioridade de D. Pedro II raia para o Brasil nova era de paz, de prosperidade e de grandeza. O seu reinado fecundo e glorioso de quasi meio seculo é o mais bello patriciado liberal e democratico que se conhece na historia da civilisação.

Em 1840 recebe D. Pedro um grande paiz numa vasta desordem. Em 1889 deixa uma nação forte, pacificada, em pleno surto do seu engrandecimento. Os pruridos revolucionarios que se manifestaram nos movimentos de S. Paulo, Minas, Maranhão, Rio Grande do Sul e Pernambuco, nos oito primeiros annos do segundo imperio, elle os domina e os extermina com a sua energia e a sua liberalidade. E' o que já notara com toda a precisão o Conde de Affonso Celso: "á victoria sobre as revoluções seguiu-se sempre ampla e generosa amnistia." Em 1850 estava pacificado o Brasil e entravamos, definitivamente, na senda do progresso.

No terreno politico não fizemos senão nos engrandecer. Não attingimos, em materia eleitoral, ao quanto seria de desejar? Mas, comparadas as eleições e os parlamentos daquelle tempo, com as eleições e os parlamentos de hoje, não temos senão que nos cobrir de vergonha. Todas as corrente partidarias se fizeram sempre representar na Camara, até a propria corrente republicana, a corrente declaradamente revolucionaria, cuja finalidade era a derrocada, mesmo, das instituições politicas vigentes. Havia no monarcha um defensor apaixonado da verdade eleitoral e um fiscal exigentissimo dos direitos da opposição. Com todos os defeitos, com todas as falhas, com todos os vicios que se passam apontar nos pleitos de outr'ora, é fôrça reconhecer — e os factos estão ahi para não deixar ninguem mentir — que o parlamento, no imperio, representava de facto a opinião publica do paiz. Não o fosse assim e não se teriam verificado, como varias vezes se verificou, a derrota, nas urnas, de ministros de Estado, em pleno fastigio de seu poder, quando se candidatavam á reeleição para a Camara. Era que todas as vezes que um deputado fosse convidado para o ministerio, tinha de renunciar o mandato, pleiteando-o de novo, de maneira que se fosse

mal succedido na eleição perderia a cadeira e perderia a pasta.

A imprensa gozava de uma independencia e de uma liberdade sem limites. D. Pedro não comprehendeu nunca que se pudesse querer restringir o direito de critica, de analyse e até de aggressão. Os jornaes da época o insultaram varias vezes em linguagem vehemente e apaixonada. A amplitude era tal que durante a guerra do Paraguay, "no mais acêso da luta, um jornalista francês, na capital do Imperio, apoiava a Lopez e ridicularisava até pela caricatura a generaes brasileiros, sem que a publicação da folha fosse interrompida."

Se no terreno politico, o reinado de D. Pedro II se caracterisa pela liberdade, pela tolerancia, pela democracia, no terreno administrativo o imperio foi o progresso. Para ter-se uma idéa do nosso immenso surto basta ver o que eramos em 1889 e qual a nossa situação em 1840. Então era a nossa importação de 57.727 contos. Em 1889 ella está elevada a 187.488:000$000, quer dizer muito mais do dobro. Em 1840 a exportação não ia além dos 41.671:791$000. Em 1889 é de 206.405 contos. A receita eleva-se de 18.600 contos a 177 mil. O imperio é o *deficit,* diziam, no ardor de sua propaganda, os enthusiastas da Republica... Bem-

dito *deficit!* A 15 de Novembro de 1889, quando a monarchia baqueava, o governo podia contar, como consta dos documentos officiaes, com mais de 100 mil contos de réis. No thesouro havia um saldo de 7.500 contos. No Banco Nacional do Brasil, o de 2.600 contos; na Agencia Financeira de Londres, 21.300. Cerca de 3.000 estavam nos Estados Unidos para a compra de prata destinada á cunhagem das moedas. Do emprestimo externo entabolado pelo Visconde de Ouro Preto havia 65 mil contos a receber. Tudo isso sem falar em 28 mil contos que o thesouro deveria arrecadar, ainda, por conta do exercicio financeiro prestes a findar-se.

Era só? Não. O cambio estava a 27. Uma libra valia 8$800! Hoje temos cambio a 5, menos que a fracção do que elle era quando se proclamou a Republica, e a libra cotada a 34$000. E o credito do governo? O Visconde de Ouro Preto balanceando os recursos de que elle podia lançar mão, mostrava em 1889 que o governo podia retirar do Banco do Brasil a somma de 10 mil contos, em conta corrente. Em condições identicas, por contrato firmado, podia levantar 5 mil contos no Banco Nacional. E sobre a Europa podia "sacar a descoberto", na propria phase do benemerito presidente do gabi-

nete de 7 de junho, até cinco milhões de libras esterlinas, "importancia do credito que negociara e conseguira abrir."

Em 1840, quando se inicia o segundo reinado, não havia estradas de ferro no paiz. Em 1889 estão construidos nada menos de 9 mil kilometros. E' pouco? Sim, é pouco. Mas precisamos descontar dos 49 annos que durou o imperio de Pedro II, dez annos que se consumiram na grande obra de pacificação nacional, sem se falar nas tres guerras externas que o Brasil foi obrigado a sustentar.

No campo da instrucção publica realizamos progressos espantosos. A este respeito, o erudito historiador e illustre homem de letras, o sr. Max Fleiuss fornece-nos dados de uma precisão impressionante. Em 1844 havia no Rio apenas 16 escolas publicas e 34 collegios particulares. Em 1851 promulga-se aquella sabia lei que commina va multas em dinheiro, dobradas em caso de reincidencia, para os paes, tutores e curadores "que mantivessem sob sua guarda maiores de 7 annos, sem incapacidade physica ou moral, e não as mandasse frequentar as aulas primarias."

Em 1860 ha, em todo o paiz, 3.516 escolas, com frequencia superior a 115 alumnos. Em 1876 contam-se 6.000 escolas pri-

marias e uma frequencia de 200.000 alumnos. Finalmente, em 1889, 300.000 creanças frequentam 7.500 escolas!

E o imperador achava que era pouco, achava que era nada. Conta-se que quando os ministros lhe falavam em construir um palacio imperial digno da sua magestade, a resposta foi sempre, invariavelmente:

— Qual o que! Cuidar em palacio quando não possuimos escolas, nem estabelecimentos de ensino em numero sufficiente. Precisamos cuidar de vias de communicação, de immigração e de escolas.

Eis ahi, a traços geraes, o que foi o segundo reinado. Havia muito maior moralidade nos nossos costumes, muito mais liberalismo em nossa politica, muito mais severa noção dos deveres administrativos naquelles que nos dirigiam.

Realizamos grandes progressos materiaes e moraes. Ficamos a primeira nação do continente sul-americano. "No Brasil, ha annos, (escreve Ribeyroles, no seu *Brésil Pittoresque*), não ha mais nem processos politicos, nem prisioneiros de Estado, nem processos de imprensa, nem conspiração, nem banimento. A alma é livre em todas as diversas confissões religiosas e o cidadão em

todos os seus actos. A razão de Estado não sophisma o direito de ninguem."

O segundo reinado foi a ordem, a paz, o progresso, a democracia, o liberalismo.

D. PEDRO II

Um dia, na França, saindo da casa de Victor Hugo, ouviu D. Pedro II estas palavras do grande romancista e homem politico:

— Felizmente não temos na Europa um monarcha como Vossa Magestade...

Volta-se o Imperador e pergunta com aquella sua vivacidade habitual:

— Porque?

E Victor Hugo tranquillamente, com o sorriso a lhe aflorar nos labios:

— Porque se houvesse não existiria um só republicano...

Nesta phrase do glorioso autor dos *Miseraveis* está feita toda a psychologia do homem extraordinario que reinou no Brasil, por espaço de 50 annos, e desthronado e banido, vive, ainda hoje, no coração, na saudade e na gratidão de todos os brasileiros.

Poucos homens terão tido a formação moral de D. Pedro II. Raros monarchas possuiram tanta illustração e tão insaciavel

vontade de aprender, dilatando os seus conhecimentos aos limites mais amplos. Poucos governos se souberam manter numa atmosphera tão elevada de honestidade e de liberalismo.

Investindo-se no throno quando não tinha, completas siquer, as suas 16 primaveras, e o Brasil acabara de sair de um regimen regencial que foram 10 annos de lutas incessantes, coube-lhe, ao filho do proclamador de nossa Independencia, a gloria de haver restaurado a paz publica no seu paiz e de haver infundido, no espirito do povo, o respeito ás instituições e ás pessoas que as encarnavam, dando-nos meio seculo de um reinado fecundo, labiorioso, progressista e honesto, num ambiente de tranquillidade e da mais pura democracia.

Comparado D. Pedro II com os homens de seu tempo e com todos esses outros que têm dirigido ou influenciado na Republica, não se hesitará em dizer que elle terá sido, julgado com rigorosa justiça e absoluta imparcialidade, o maior dos estadistas brasileiros. Não só o maior de todos, senão tambem o mais completo...

Accusa-se o imperador de haver interferido sempre nos negocios politicos da monarchia com o peso do seu poder pessoal, ou, aliás, mais propriamente, o poder moderador

que lhe era attribuido pela magna lei do Imperio. Mas, façamos mentalmente, uma recapitulação dos factos mais importantes do segundo reinado; raciocinemos, um pouco, sobre elles; procuremos tirar as nossas conclusões, baseando-nos em premissas que sejam logicas. E nós veremos que a intervenção de D. Pedro II na administração e na politica foi sempre orientada no bom sentido, foi sempre tendo em vista e sempre os attendendo aos legitimos interesses publicos. Não se aponta, em contrario disso, um unico exemplo. Não se argue um unico facto...

Houve quem dissesse, no tempo do imperio, que com D. Pedro II não se poderia ser ministro duas vezes... Joaquim Nabuco, fazendo a fé de officio do segundo reinado, explicou claramente porque: porque não consentiu jámais que o partido que estivesse no poder esmagasse o adversario no ostracismo... Eis ahi o movel que teria ditado aquella phrase, jogada no tablado da ampla publicação nos momentos de contrariedade, pelos mesmos que, mais de uma vez, foram e ainda viriam a ser ministros de D. Pedro.

Note-se que o parlamentarismo que vigorou na monarchia não o foi nunca em virtude de lei: Constitucionalmente o nosso regimen não era parlamentar. A Constituição do Imperio não subordinava á condição de

ter confiança da Camara o se ser ministro da corôa. A constituição dava ao Imperador a franca attribuição de livremente escolher os seus ministros, auxiliares de sua confiança immediata, que elle podia amplamente nomear e demittir. E' a disposição clara e expressa da carta de 25 de março de 1826.

O parlamentarismo appareceu, extra-leis, como uma conquista do povo e só victoriosa porque teve por si a bôa vontade do dynasta imperante. Não chegamos a ter um parlamentarismo puro, o parlamentarismo que os liberaes desejariam e se consubstanciava na fórmula conhecida: *o rei reina, mas não governa*. Ficamos sempre com a outra fórmula, a de Itaborahy e dos conservadores, *o rei reina, governa e administra,* principio que Oliveira Vianna, com a sua autoridade de o maior sociologo brasileiro não se desdenha de dizer que foi "o mais salutar, o mais pratico, o menos perigoso, o mais cauteloso, o mais adequado á nossa indole e á nossa civilização politica". Tivemos assim um parlamentarismo que foi mais "uma adaptação genial do instituto europeu ao nosso clima partidario."

D. Pedro II é a cupula magestosa que domina todo este vasto scenario. Não era, apenas, o homem-sabio, o homem-philosopho, o monarcha mais notavel do seu tempo, a

cujo saber as maiores mentalidades mundiaes — Hugo, Gladstone' Nietzsche, Darwin, Pasteur, Longfeller, — rendiam o culto de sua admiração. Havia em D. Pedro, accentuadamente, um largo traço de liberalismo. Com o seu grande espirito de justiça, a sua profunda honestidade e o coração magnanimo que batia no seu peito, terá sido um rei completo.

Em todas as grandes conquistas liberaes do Imperio inscreve-se o nome de D. Pedro. Foi a sua influencia, diz Nabuco, que produziu, em 1850, a lei Eusebio de Queiroz, de suppressão do trafico, e em 1871 a lei Rio Branco, do ventre livre. A abolição encontrou no monarcha o seu mais decidido patrono. A federação das provincias ia ser effectuada sob as suas vistas experimentadas quando rebentou a revolução triumphante de 15 de novembro de 1889.

A attitude do monarcha em face da propaganda republicana é o exemplo mais suggestivo que se póde apontar de quanto era grande a sua tolerancia e como eram largos os horizontes do seu espirito.

D. Pedro não só consentiu sempre que ella se fizesse pela tribuna e pela imprensa com a mais ampla liberdade e a maior segurança para os propagandistas, como elle, individulmente, tratou sempre os republicanos

com excepcional consideração. Entendia que o facto de não se ser monarchista não era impecilho para que os homens capazes desempenhassem os altos cargos. Neste sentido ha episodios frisantes.

Nabuco narra que em 1870, o Marquez de São Vicente procurava D. Pedro II:

— Senhor, os republicanos publicaram o seu manifesto, e uma das medidas que o governo imperial deve adoptar, por norma invariavel, é de não prover nos empregos publicos quem tiver opiniões republicanas. Nem o governo da Inglaterra, com todas as suas garantias de liberdade, admitte que sirva em empregos publicos quem tem opiniões republicanas, nem os Estados Unidos, tambem com as suas liberdades, admittiriam que o occupassem empregos publicos quem tivesse opiniões monarchicas.

O imperador respondeu serenamente:

— Senhor São Vicente, o paiz que se governe como entender, e dê razão a quem tiver.

— Senhor, replica o ministro, V. M. não tem o direito de pensar por este modo. A monarchia é um dogma da Constituição, que V. M. jurou manter; ella não está encarnada na pessoa de V. M....

D. Pedro sorriu:

— Ora, se os brasileiros não me quizerem para seu imperador, irei ser professor.

E nunca ninguem, no Imperio, deixou de ser investido nesta ou naquella funcção por ter idéas republicanas. Lafayette, signatario do manifesto de 1870, era, pouco depois, ministro da Justiça e, em seguida, presidente do Conselho.

Ha outro caso passado com Benjamin Constant não menos expressivo que o occorrido com o Marquez de São Vicente. Recorda-o o sr. Tobias Monteiro. O imperador mandara convidar Benjamin para ensinar mathematica aos seus netos e elle se excusava nobremente, allegando as suas convicções doutrinarias contra a monarchia.

— Mas a mathematica não tem nada que vêr com as idéas republicanas, responde o monarcha.

Benjamin, atrapalhado, lança mão desse ultimo recurso: "mas se taes fossem as circumstancias, ver-se-ia arrastado a mostrar aos principes a superioridade dessas idéas".

— Não faz mal, responde D. Pedro. Estimaria que os pudesse converter...

Se o liberalismo do Imperador attingia a eses extremos, a sua bondade era ainda maior. Em 1883 a Imperatriz foi roubada nas suas joias, no Paço de São Christovão.

Tanto se descobre o roubo e se descobre o autor, logo D. Pedro condóe-se da sorte do desventurado e dispensa o processo. Em 1889, ao sair de um espectaculo no theatro Sant'-Anna, é victima o soberano de uma tentativa de morte... Preso o criminoso, recebia dias depois o ministro Candido de Oliveira, um pedido, por escripto, de D. Pedro para que não se fizesse mal a ninguem e se perdoasse o homem que lhe quiz tirar a vida!...

Conta Magalhães de Azeredo que, nos primeiros annos da Republica, cansou de ouvir perguntar no estrangeiro:

— Mas porque desthonaram o velho D. Pedro II, um imperador tão bom e tão sabio?

E de uma feita escutou, mesmo:

— Pois nós se cá o tivessemos e elle quizesse deixar-nos, o fariamos prisioneiro para que não se pudesse ir embora!

No exilio mostrou-se o imperador uma alma de espartano. Deposto e banido, ninguem o viu proferir uma palavra de pesar contra o desabamento do thorono e a quéda de sua dynastia.

Pedro II dissera uma vez:

— *Isso de fórmas de governo, são meras questões de esthetica!*

De facto, sempre entendeu que todo o povo tinha o direito de escolher o systema

porque queria ser governado. No desterro conservou uma energia e uma serenidade que espantam. Não se queixou de nada. Não admittiu nunca que se conspirasse para a sua volta ao throno. E pela patria ingrata só tinha palavras de ternura e de carinho.

Ainda antes de morrer manifestára esse desejo supremo: o de que debaixo de sua cabeça, no caixão que o levasse ao tumulo, se puzesse um pouco de terra brasileira!

E' justiça confessar: raramente se attinge á perfeição moral a que chegou D. Pedro II!

ZACARIAS DE GÓES E VASCONCELLOS

Zacarias de Góes e Vasconcellos é uma figura impressionante de politico e de estadista. Poucos homens no Imperio lograram ter uma tão vasta reputação de austeridade. Desde estudante era um typo modelo de sisudez e de retraimento. Não procurava amizades. Não se mettia nas "partidas" ou quaesquer outras brincadeiras academicas. Ninguem o via ás risadas em rodas de rapazes. Sempre severo, o ar sempre grave, cumpria, com escrupuloso rigor, os seus deveres na Escola, frequentando as aulas com assiduidade, não deixando de trazer, nunca, em dia os pontos explicados, mantendo no porte, no vestir, no falar aquella linha de altiva discreção que conservaria, atravéz de todas as vicissitudes, até os seus ultimos momentos.

A muita gente poderia aquillo parecer ostentação ou hypocrizia. Engano. Nada havia ali de artificialidade. Tudo espontaneo e natural. O temperamento do moço é

que era assim. E mesmo quando elle o quizesse mudar não o teria, por certo, conseguido. Aquelles modos seccos, aquelle alheiamento ás aventuras da vida estudantina, aquella austeridade precoce, aquelles ares instinctivos de superioridade, estavam na massa do seu sangue. Nascera desta fórma. Não haveria de rebelar-se contra a natureza.

Mais tarde, crescendo na politica, elevado aos mais altos postos a que poderia attingir, deputado, ministro, senador, conselheiro de Estado, presidente de gabinete, Zacarias conserva aquelle mesmo feitio, inimigo de intimidades, autoritario, não raro aspero, desdenhoso, intolerante, não se curvando nunca, querendo que todos se submettessem á sua vontade.

Não foi, nem o poderia ser, nunca, com esse genio, um politico popular. Mais do que estimado tornou-se temido e respeitado. Respeitado e admirado. Não só pelas suas grandes virtudes moraes como pela sua alta capacidade mental. Neste ponto a superioridade de Zacarias é incontestavel. Além disso, em materia de probidade, era intangivel, diz Oliveira Vianna. Em sua vida, escreve Constancio Alves, não tinha "falha por onde penetrasse o estilete vingativo de amigo ou adversario ferido. A perfeição de sua couraça era um dos elementos do seu des-

asombro de duelista parlamentar. A certeza de que não poderiam retorquir-lhe com estocadas eguaes ás de sua polemica, permittia-lhe entrar em pelejas com o passo de quem já voltava victorioso."

No Senado, ha um tempo em que Zacarias se transforma no fiscal irritante e importuno dos modos e costumes dos proprios collegas. O visconde de Taunay conta, a esse respeito, casos curiosissimos que valem ser recordados. Uma vez pronunciava Zacarias um discurso politico de certa relevancia, ouvido, silenciosamente, voltada para elle a attenção geral, quando, de repente, estacou em meio ao periodo que mal iniciara. Movimento de espanto... Olhares de surpresa cravam-se sobre o orador. Elle explica, então, sem alterar a sua calma, o olhar severo de mestre escola:

— Esperei que os illustres barões de Pirapama e do Rio Grande acabassem de se barbear...

Esses dois senadores conversavam sobre navalhas e sobre barbas, e como ambos eram surdos e falavam alto, as suas vozes chegaram até á tribuna de onde orava Zacarias... Foi a conta. E elle não deixou passar, contundindo, com o seu repente e a sua ironia, os dois desattentos...

Outro caso interessante occorreu com o

senador Cruz Jobim, frequentemente em turras com o seu collega da Bahia, por causa das irmãs de caridade que o primeiro sempre combatia. Jobim tinha o costume de descalçar os sapatos para descansar os pés, emquanto durava as sessões. Zacarias não concordava com estas scenas... E ponderou, um dia, máo humorado:

— Neste Sénado vemos coisas bem curiosas... Por exemplo um collega que mal chega á sua cadeira tira as botinas, fica de meias, e pega logo no somno...

Teixeira Junior, ao lado de Jobim, sussurra-lhe aos ouvidos, por perversidade:

— O Zacarias está affirmando que V. Ex. em outros tempos defendeu calorosamente as irmãs de caridade...

Tocaram na ferida do homem, e o senador explode com vehemente indignação:

— Não é exacto... Prove V. Ex. o que avança! Venham as provas...

Zacarias responde, então, desdenhosamente, com a maior serenidade:

— Os seus collegas de bancada que attestem se digo ou não a verdade.

Só então explicaram certo a Jobim o que acontecia:

— Elle assevera que V. Ex. tirou as botinas e está de meias...

A este tempo todos riam, a bom rir da

pilheria e do *qui pro puo*. Só o pobre velho, vexado, é que não achava graça... E endireitando-se, vermelhinho, na sua cadeira:

— Com a bréca! Lá isso é facto. Que malvado de homem!

Melhor de tudo é o encontro tribunicio de Zacarias com Cotegipe, então titular da pasta da Marinha, e outro espirito, como elle, sarcastico, zombateiro, mofador.

Zacarias combatia o ministerio e avançou, assim, para o seu collega e patricio:

— S. Ex. não tem o tempo material sequer para despachar o simples expediente de sua pasta. Senão vejamos. O nobre ministro levanta-se tarde, mais ou menos ás 10 horas da manhã; faz a sua *toilette* com apuro, o que lhe leva bem uma hora; almoça ás 11, palestra com os amigos; chega ao Senado ás 12; vae á Camara ou responde aqui pelos desacertos do gabinete; fica livre ás 4; acha a casa cheia de gente; torna a palestrar com os intimos; janta ás 7 1|2; joga a sua indefectivel partida de voltarete; vae ao theatro ás 10, sáe delle ás 11, passeia por ahi, etc., etc... e afinal recolhe-se á meia-noite, senão mais tarde!

Cotegipe replica no mesmo tom, só lhe faltando á resposta, os etc., etc. da perversidade do seu companheiro de bancada. Vale recordar as suas palavras:

— Sinto, Sr. presidente, não ter podido ouvir hontem o minucioso relatorio que o nobre senador apresentou sobre o minha vida diaria, pois houvera rectificado varias inexactidões... Até certo ponto, porém, foi conveniente, porquanto tive ensejo de proceder a conscienciosas indagações e estou agora habilitado, do meu lado, para indicar ao Senado o modo por que S. Ex. reparte as horas do seu dia. Levanta-se cedo, ás 6 horas da manhã, toma o seu banho frio, bebe café com leite e come um pratinho de torradas. Depois, estuda os relatorios e as materias da ordem do dia até ás 9. Ahi, almoça e vae vestir-se, no que gasta algum tempo, por isso que, prova varias sobrecasacas, a ver a que melhor lhe assenta. Vem para o Senado e até ás 4 horas da tarde leva a causticar a todo o mundo. Volta a casa na sua caleça; janta ás 5 e palita os dentes. A's 6 1|2 sae para a Misericordia; ás 8 encerra-se com as irmãs de caridade e com ellas conversa até ás 9 1|2; recolhe-se ás 10 e deita-se dormindo o somno de beato por ter bem cumprido com todas as suas obrigações...

* * *

Como orador, possuia Zacarias uma invejavel segurança na tribuna. Houve phases

em que occupava, diariamente, a attenção dos seus collegas, discorrendo sobre as mais importantes questões politicas, juridicas ou sociologicas que se agitavam no scenario da vida brasileira. Homem essencialmente methodico, era um dos seus habitos jámais discutir qualquer assumpto sem que sobre o mesmo não estivesse profundamente preparado.

Tinha eloquencia, tinha logica, as palavras affluiam-lhe, naturalmente, correntemente, com extrema facilidade. Não sabia o que se chama guardar conveniencias quando se tornava preciso dizer as coisas como ellas eram e deveriam ser dtias. Manejando a satyra, a ironia, a mordacidade, obtinha effeitos extraordinarios. Accrescente-se a tudo isso a circumstancia de ser Zacarias um espirito fundamentalmente independente, desabusado, autoritario, e será facil comprehender o prestigio que adquiriu a sua oratoria e o temor da grande maioria em enfrentar adversario desse quilate.

A consciencia do dever predominava nesse estadista acima de tudo. Agindo como lho indicava, em cada caso concreto, o seu modo pessoal de encarar as coisas, pouco se lhe dava a repercussão do seu gesto ou o conceito que delle formassem os outros. Em 1871, ao discutir-se no parlamento o projecto

que foi mais tarde a lei de 28 de setembro, entendeu que a proposição de Rio Branco só vendo uma face da questão, não satisfazia aos verdadeiros interesses do paiz. Deixou de lado amigos. Arrojou-se de encontro á opinião publica, collocou-se contra o principio do ventre livre e nessa posição manteve-se até ao fim...

* * *

Salles Torres Homem disse, de uma feita, de referencia ao vestiario masculino:

— E' preciso não deixar aos mediocres e aos tolos, sequer essa superioridade: trajarem bem.

Zacarias professava, como o visconde de Inhomirim, essa mesma doutrina. Nós já vimos, no trecho aqui transcripto do discurso de Cotegipe, a allusão que faz ao seu collega de provar, diariamente, "varias sobrecasacas a ver a que melhor lhe assentava".

E' possivel que tenha havido ahi o exagero natural da troça. Mas a verdade é que Zacarias apresentava-se, sempre, em todo o logar, correctamente trajado, calças bem caídas, *paletots* elegantes, o laço da gravata ajustado ao collarinho alto, a barba escanhoada, o cabello — o pouco que elle tinha — penteado para cima, quasi grudado ao casco da cabeça...

A austeridade physica do homem retratava, com precisão, a sua austeridade moral. Zacarias eleva-se no seu meio como um dos caracteres mais nobres de sua época. Certos gestos que elle teve são de molde a não deixar duvidas sobre a sua envergadura. Em 1868, como presidente do Conselho, divergindo da escolha senatorial de Salles Torres Homem, que o imperador desejava, rompe com a corôa e dá a sua demissão. Não conheceu o apego ao poder. O seu mesmo temperamento politico era, como o de Martinho Campos, essencialmente opposicionista. Se não póde ser considerado um espirito liberal, por ter sido intolerante, nunca, quando de cima, desrespeitou os direitos de quem quer que fosse, assim como fóra do governo jámais compactuou com os excessos dos que nelle se achavam...

Foi, em uma palavra, uma vida limpa. Limpa e nobre, sem preoccupações pessoaes que elle desconheceu, e inteiramente devotada aos interesses de sua patria...

FRANCISCO OCTAVIANO

A 26 de julho de 1825, no Rio de Janeiro, filho de Octaviano Maria da Rosa e de d. Joanna de Almeida Rosa, nascia Francisco Octaviano.

Vinha ao mundo fadado ás grandezas da terra, justamente num periodo de vibrante agitação da nossa vida politica, naquella phase febril, turbilhonante, alvoroçada, que medeia entre a dissolução da Constituinte, em 23, e a convocação do primeiro congresso legislativo brasileiro em 26.

Francisco Octaviano era dessas figuras privilegiadas que a natureza escolhe, nos caprichos da fortuna, para conjugar nellas as mais diversas qualidades, de talento, de superioridade moral, de modo a tornar quasi impossivel ao apreciador imparcial, distinguir na sua individualidade, o que constitue, propriamente, o seu traço distinctivo e essencial.

Deante do homem, do chefe politico, do poeta, do jornalista, e que foi, tambem, cri-

tico, diplomata e orador, fica-se sem se poder dizer em qual desses ramos da sabedoria foi maior e mais se exalçou o illustre brasileiro.

Desde cedo, começou a brilhar no firmamento de nossa patria a intelligencia fulgurante do moço poeta. Elle conta 16 annos de edade quando ingressa na Academia de Direito de S. Paulo. Data dahi sua revelação. Entra nos exames, por si só, serenamente, não confiando em mais nada senão o seu preparo, o que faz com que Amaral Gurgel, o respeitavel professor de tantas gerações brilhantes que passaram pela paulicéa, o apresente como "*avis-rara*, "um examinando sem carta de recommendação" para o director da Faculdade... E começa a fama dos seus meritos. Nas conversações, nas rodas de estudantes, nos exames, nas menores coisas, emfim, manifestam-se do modo mais alviçareiro, as suas habilidades, não faltando para a sympathia pessoal e a estima do jovem academico a sua lhaneza de trato, a sua bondade de espirito, a sua simplicidade.

Coisa interessante que todos notavam, sem encontrar explicações, era como aquelle moço, sabia tanta coisa sem abrir livro. De facto se alguma ostentação fazia Octaviano era esta a da vadiagem. Martim Frncisco, seu collega e intimo amigo, é que vivia "in-

trigado de vel-o adivinhar direito sem ler". E tanto esmiuça e tanto espiona que acaba por descobrir a trama do brincalhão: elle tinha duas velas, "uma que acendia para constar e logo apagava; outra que guardava occulta numa gaveta, e que fazia o gasto das longas horas de vigilia."

Em 1845, aos 20 annos, formado em direito começa Octaviano a sua vida publica. Alguns cargos, entre os quaes o de Secretario da Provincia, no governo da cidade do Rio, passam-lhe pelas mãos, sem que, comtudo, o funccionario revele mostrar por elles nenhuma propensão. Assim até 1846, quando fez a sua entrada na imprensa, dirigindo até 1848 a "Gazeta Official do Imperio do Brasil".

A politica o attrae e o envolve. Amigo pesoal do Imperador, nascido, como elle, em 1825, e de quem fôra, na infancia, companheiro de innocentes brincadeiras, vae se deixando, aos poucos, enlevar pelas miragens dos negocios publicos. Da "Gazeta Official" passa para um jornal matutino. E' a época dos folhetins da "A Semana" sempre vivos, scintillantes, a palpitar actualidade, que ainda hoje se lêem com agrado e com encantamento, modelares, que o são, no seu genero.

De 51 a 52 dirige, em Nictheroy,a "Gazeta da Instrucção Publica," até que em

1853, já então grandemente popular, é eleito deputado geral pela provincia do Rio.

Um anno mais tarde, cercado o seu nome de alta notoriedade, começa o seu pontificado no "Correio Mercantil" e dahi por deante na "Reforma" e na "Tribuna Liberal", sem falar em diversas publicações outras que lhe disputavam, interessadamente, a collaboração.

Como jornalista, foi Octaviano um dos mais completos de quantos possuimos. Discutindo maravilhosamente todos os assumptos, não ha só a destacar nos seus escriptos a logica da argumentação e a felicidade com que sabia ferir as questões nos seus pontos essenciaes. Octaviano não sómente convence, não sómente impresiona, senão, tambem, encanta e arrebata, na doçura e na harmonia dos seus periodos. Mesmo na polemica, em asumptos politicos tratados no encandecer das paixões, a "penna de ouro" do escriptor, — como lh'a chamou Nabuco — jámais perde aquella sua linha de elegancia moral, traçando com firmeza as palavras que devem ser lidas, mas sempre e através dos seus artigos, predominando o feitio literario, a trair a alma do poeta.

No parlamento, o orador rivaliza com o jornalista. Enfrenta qualquer assumpto de momento, com desassombro e com brilho, a

palavra sempre inspirada e fluente, tocada sempre das flores da rhetorica.

Actuando quotidianamente no espirito das massas, pela tribuna e pela imprensa, não é difficil prever a popularidade que, em breve, avultará em torno ao politico, augmentando-lhe, num crescendo, o prestigio que desfruta, tanto maior quanto, pela sua desambição e o seu desinteresse pessoal, recusa, systematicamente, quantas opportunidades lhe permittam a entrada no ministerio.

Entre os liberaes o seu logar é ao lado dos proceres, no estado maior, e cercado, a todo o momento, da consideração de todos. Na provincia do Rio é o chefe incontestado do Partido Liberal.

Em 1864, o governo appellando para o seu civismo, confia-lhe uma missão diplomatica no Prata. Succedendo, então, a Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco, acceita a sua nomeação como ministro plenipotenciario e enviado especial junto ás Republicas Argentina e Uruguaya, assignando, em 1° de Maio, aquelle celebre tratado da Triplice Alliança que foi, na phrase de Ouro Preto, o "facto culminante daquelle periodo". A questão da canhonheira ingleza "Doterel" e da corveta franceza "Decidée", constituem outros tantos casos que a habilidade do embaixador consegue resol-

ver da melhor maneira para os interesses de seu paiz.

Finalmente, em 1867, depois de ter sido deputado 14 annos, a provincia do Rio elege o seu grande filho para o Senado.

Tinha tocado ao seu apogeu a carreira politica de Octaviano.

Do seu adeantamento de idéas, da liberalidade do seu espirito póde-se apontar como prova, sem falar no seu abolicionismo, o desejo que já naquelle tempo, manifestava no sentido de que o Senado não fosse vitalicio, mas se renovasse, triennalmente, pelo terço. Era uma das conquistas que a Republica alcançaria em 89.

"Certa vez na sociedade intima dos que lhe queriam com admiravel e amoravel estima, escreve o professor Jacques Raymundo, externara ainda que o ideal na vida politica do Brasil estava na liberdade da acção de cada uma das suas provincias".

Era a Federação.

*
* *

Tal, em traços ilgeiros, o politico, o jornalista e o parlamentar que, entre tantos titulos, juntava mais os de socio honorario do Instituto Polytechnico, da Ordem dos Advo-

gados, da Sociedade da Historia de Nova York, dignatario do Ordem do Cruzeiro, official da Ordem dos Membros do Conselho, Director da Instrucção Publica, Commercio e Estatistica do Imperio.

Mas restam, ainda, o critico e poeta.

Como critico literario, Octaviano, no conceito de muitos, foi o primeiro do seu tempo.

Onde, porém, sua personalidade mais avulta é na poesia, que através de todas as phases de sua vida, jámais deixou de cultivar com carinho e com primor.

Romantico de primeira agua, tem producções poeticas de um lyrismo doce e commovente. A lyra sentimental elle a soube tanger com toda a expontaneidade de um coração em extase de amor, dando-nos verdadeiras obras primas que enrqiuecem o patrimonio poetico de nossa lingua.

Foi, em toda a expressão da palavra, um mavioso e inspirado poeta, cujas producções se lêem com deleite e com emoção. Não são poesias profundas, versando assumptos graves e penetrantes. Mas, no seu genero, de poesias leves, ligeiras, sentimentaes, não se é possivel exigir melhor.

Francisco Octaviano, encerrando o cy-

clo de sua existencia a 28 de Maio de 1889, cerca de 6 mezes antes da proclamação da Republica, deixa á posteridade uma grande reputação de talento e de caracter.

ANTONIO PEREIRA REBOUÇAS

Revive a data de 19 de Junho de 1880 o fallecimento de um dos nossos homens publicos do Imperio que mais alto souberam elevar a sua reputação de talento e de honradez: Antonio Pereira Rebouças.

Nascido na Bahia, em Maragogipe, a 10 de Agosto de 1798, provinha da ascendencia mais modesta. Parco de recursos, sem meios de estudo, só a muito custo conseguiu fazer o seu curso primario.

Entrando para um cartorio, como servente, aos 16 annos de edade, era já a este tempo, uma intelligencia viva e insinuante, avida de saber, anciosa de expansões. Nos intervallos do seu trabalho humilde e sem futuro, o moço bahiano, só por si, sem ajuda de quem quer que fosse, lutando com os tropeços mais descoroçoadores, entregava-se ao estudo. Devorava os processos todos que lhe iam parar ás mãos, escutava, com penetrante attenção, quanto se falava e se discutia de doutrina e de direito. Ia adqui-

rindo, pelo labutar diario, a pratica de todas essas pequeninas e mysteriosas tricas de fôro.

Com a intelligencia que possuia, com uma facilidade de percepção que só se comparará á sua sêde de instrucção, é facil prever-se que Rebouças se destacará, dentre em pouco, da modestia do seu obscuro cargo, como uma capacidade admiravel, no meio em que vivia e passou a actuar com efficiencia.

Em 1822, quando começam as luctas pela independencia do Brasil, o seu patriotismo não lhe permitte uma posição excusa e secundaria.

Com nobreza e com coragem, aquelle moço idealista, de 24 annos, enfileira-se resolutamente nos batalhões patrioticos que guerreiam os portuguezes, defendendo o ideal da liberdade da patria. E Rebouças, pelas suas qualidades pessoaes, de valor moral e valor intellectual, impõe-se ao seus conterraneos que o elegem secretario da Junta Revolucionaria de Cachoeira, tão celebre pelos seus feitos heroicos nas paginas empolgantes de nossa historia.

Com a proclamação da independencia faz parte do governo da Bahia, sendo, successivamente, conselheiro geral da provincia e deputado á Asembléa Provincial, sem falar na sua acção na imprensa, como redactor,

primeiro d'"O Constitucional", depois d'"O Bahiano", que se editará até 1831.

Na legislatura de 1830, num justo premio aos seus serviços e aos seus meritos, elegem-n'o seus conterraneos para a Camara dos Deputados Geraes, onde Antonio Pereira Rebouças não tardará de elevar-se como uma das figuras mais representativas da oratoria brasileira.

Logo nas sessões preparatorias, o novo deputado bahiano terça as suas armas, ora ao lado, ora contra os maiores oradores parlamentares de sua época, taes como Lino Coutinho, Bernardo de Vasconcellos, Martim Francisco, Evaristo da Veiga, Martiniano de Alencar, Souza e Mello.

Pretendia-se nessa occasião que José Clemente Pereira, pelos seus attentados contra as liberdades publicas, e o brigadeiro Salvador José Maciel, por ter sido cooperador de Madeira nos successos de 1822, não poderiam ser reconhecidos membros da representação nacional.

Rebouças colloca-se ardentemente á frente dos que assim o sustentam, e os discursos incendiados que pronunciou foram dos melhores que então se ouviram.

Estava feita a sua estréa. Dahi por deante o seu caminhar seria sobre victorias e se succederem a victorias.

Conhecedor seguro da arte de falar, manejando a palavra com facilidade e galhardia sobre qualquer que fosse o assumpto em debate, destacam-se entre os numerosos discursos que pronunciou os contrarios á pena de morte, sobre a guarda nacional, revisão da Constituição, vitaliciedade do Senado, sobre o recrutamento militar, a dotação da imperatriz, o Conselho de Estado, sobre finanças, direito de familia, reforma judiciaria.

Quando se agitou no Congresso o projecto de exilio perpetuo de Pedro I, foi de notar a sua attitude em favor do Imperador desthronado, em quem via, acima de tudo, o proclamador da independencia brasileira. Não transigiu, não contemporisou, assim como tambem foi inflexivel contra os accusadores de José Bonifacio.

Por outro lado, quando Feijó, no governo, dominava em pleno fastigio de sua força, Antonio Pereira Rebouças sabe collocar-se contra elle, numa opposição tenaz e violenta. Combate-o com o mesmo fulgor e a mesma lealdade com que mais tarde, por occasião dos acontecimentos de 1842, defende como um leão, ao seu antigo adversario vencido, preso e arrastado ao pelourinho da diffamação.

"Era o homem das campanhas genero-

sas, escreve a seu respeito Affonso Taunay, e tal reputação de magnanimidade de espirito angariou que de differentes partes do Brasil recebeu as maiores demonstrações espontaneas de apreço".

Em 1847, numa prova de excepcional consideração ao seu extraordinario valor juridico, o Congresso vota uma autorização especial para que elle possa advogar livremente em todo o Imperio, como qualquer diplomado em direito.

No fim da vida encontrou-se a braços com a cegueira. Ella o prostou de abatimento e de desanimo, máo grado a conformidade com que o velho brasileiro se resignou aos caprichos da fortuna e o estoicismo com que procurou resistir, não abandonando a profissão, ditando os seus pareceres.

A 19 de junho de 1880, Antonio Pereira Rebouças entregava, no Rio, a sua alma ao Creador, tendo sido ainda membro do Instituto Historico Brasileiro, da Sociedade Auxiliadora da Industria, da Sociedade Amante da Instrucção, da Sociedade de Agricultura da Bahia, official do Cruzeiro e conselheiro de S. M. o Imperador D. Pedro II.

Entre outros trabalhos deixava: "Nota dos primeiros móvimentos brasileiros na Bahia para a independencia do Brasil", "Me-

moria sobre os effeitos da amnistia" (1850) "Consolidação das leis civis", 2ª edição augmentada pelo dr. Teixeira de Freitas (1876), "Recordações patrioticas" e "Vida parlamentar" (discursos na Camara).

Morria aos 82 annos de edade, depois de uma vida accidentada e gloriosa, cheia de serviços inestimaveis, á sua terra e ás instituições a que serviu com o maior devotamento.

BERNARDO PEREIRA VASCONCELLOS

Bernardo Pereira de Vasconcellos é desses nomes que, por si só, enchem toda uma quadra da vida historica de um povo. Ao lado de Evaristo da Veiga, de José Bonifacio, de Feijó, de Lino Coutinho, de Sepetiba, de Paraná, pertence áquella grande geração de estadistas, homens de pensamento e homens de acção, que na época perigosa da independencia souberam jugular a anarchia para edificar a nossa nacionalidade.

Vistos hoje, através a distancia de mais de cem annos que nos separa, aquelles constructores formidaveis adquirem uma aureola inexcedivel de grandeza e admiração, apresentando-se-nos a sua obra como um dos mais altos monumentos da sabedoria de politicos.

Em 1819, ao regressar ao Brasil, vindo de Coimbra, em cuja Universidade recebera o gráo de bacharel, Bernardo de Vasconcellos, então na flôr dos seus 23 annos, traz

cheia a cabeça daquellas idéas novas, repassadas de um nobre idealismo constructor, que já então sopravam na velha e gloriosa metropole e de que resultaria, um anno mais tarde, a revolução constitucional que, estalando no Porto, logo se irradiaria, triumphante, por todos os pontos do paiz.

O 7 de setembro de 22, com o seu cortejo immenso de actos memoraveis, anteriores e posteriores, desde o 9 de janeiro, na jornada do "fico", até a consummação da victoria no 2 de julho de 23, vae encontral-o, calmamente, no exercicio pacato de funcções de magistratura.

Mas as idéas liberaes do joven patriota, que não faz mysterios de suas convicções pessoaes, estas todos as sabem, todos as conhecem. Impõe-se em Minas pelo seu talento, pela sua visão, pelas suas habilidades politicas. E na primeira assembléa legislativa que se reune no Rio, em 1826, o seu nome figura entre os representantes da gloriosa terra mineira.

Então, Bernardo de Vasconcellos collocar-se-á naquelle grupo de patriotas que, a medida que se passam os dias, mais distanciando se vão do imperador.

Os actos de Pedro I dissolvendo a Constituinte, fechando jornaes, prendendo e desterrando compatriotas illustres e cheios de

serviços á patria, organizando os seus ministerios sem satisfação ás correntes da opinião representadas na Camara temporaria, não podiam deixar de chocar o liberalismo daquelle espirito de concepções tão adeantadas.

E Vasconcellos fechou-se a quaesquer relações officiaes. Logo numa das primeiras sessões, quando o visconde de São Leopoldo, ministro do Imperio, ensaia-se na sua doutrina de que os secretarios de Estado não estão sujeitos á dar contas ao Congresso, o austero representante de Minas, ao lado de Lino Coutinho, são os dois grandes baluartes da resistencia victoriosa com que a Camara fez o gabinete retratar-se.

Em 12 de maio, num dos seus discursos, o orador advertira, em linguagem bastante incisiva: "O ministerio tende sempre ao abuso do poder, que lhe foi confiado pelo monarcha: este é o seu mal endemico. Nós somos guardas da Constituição, podemos a todo o tempo advertir o ministerio dos seus erros e mesmo castigal-o."

Era a noção que tinha dos deveres dos mandatarios do povo num regimen representativo.

Aos seus 31 annos possue a austeridade de um velho de 50. As suas attitudes sempre desassombradas, muito claras, muito in-

dependentes, sem preoccupações menores de desgostar este ou aquelle, quando se trata do cumprimento inflexivel do dever, grangeam-lhe, num instante, as sympathias publicas.

O povo gosta dessa franqueza sem temores. Vasconcellos não cortejava a popularidade. Não era do seu feitio moral. Não era do seu temperamento politico. Mas a sua altivez, a sua elevação de vistas, a sua inflexibilidade contra os excessos do poder e as demasias da força, impunham-n'o á admiração geral.

O successo que o provinciano desconhecido consegue, em dois annos, no grande scenario da vida nacional, é simplesmente assombroso. Ninguem sabe quem, nem o que elle é, quando surge em 26, na Camara dos Deputados. Em 28 tornara-se, já, um nome que écôa, de ponta a ponta, na vastidão immensa do nosso territorio.

"São os dois grandes acontecimentos intellectuaes da época, escreve Nabuco: a pena de Evaristo da Veiga e a palavra de Bernardo Pereira de Vasconcellos. Uma e outra têm os mesmos caracteristicos de solidez e de força que nenhum arteficio póde substituir. Uma e outra são a ferramenta simples, mas poderosa que esculpe o primeiro esboço do systema parlamentar no Brasil."

A cultura intellectual do politico é das mais vastas e das mais profundas de sua época. Os assumptos economicos e financeiros, nas suas mais differentes variedades, são-lhe inteiramente familiares. Na tribuna discute qualquer thema, qualquer questão politica ou juridica, com sabedoria, com logica, com eloquencia. A sua palavra arrebata e enthusiasma. Em dado instante de sua carreira politica uma doença fatal inhibia-o de levantar-se e de gesticular. Mas, caso raro, os seus males physicos em nada lhe vieram abater o moral, fraquejando-lhe as possibilidades mentaes. Redobrou no estudo. E, sem perder o animo ou a fé nos seus ideaes, ia sempre ao Congresso, lucido, vivaz, attencioso a tudo, para tomar parte saliente em todos os debates.

Nabuco depõe, enlevado na sua admiração:

"Do meio para o fim de sua carreira parlamentar, falou sempre sentado, e os que o ouviram sabem que essa postura, em vez de privar o orador dos seus meios de acção, sobre o auditorio, augmentava a solemnidade do gesto, a repercussão da palavra, a animação do discurso. Chumbado pela paralysia na sua curul, mas dominando della com um sarcasmo, uma pausa, um lampejo de olhar, a Camará suspensa e maravilhada."

O sarcasmo, a ironia, a allusão ferina e contundente, foram sempre as armas predilectas de sua oratoria. Com ellas desnorteava ou aniquilava os adversarios mais potentes. Era de uma inclemencia impiedosa. Não deixava passar o mais insignificante deslise. Nas suas lutas, nas suas polemicas, ia até o fim, sem esmorecimentos, avançando, insistindo.

Em 1828, numa daquellas vacillações do monarcha, ora desejoso de ceder á opinião, ora deixando-se dominar pelos seus impulsos pessoaes, Bernardo de Vasconcellos foi convidado para o desempenho de uma das pastas, nos conselhos da Corôa. Declinou do convite. Comprehendeu logo a sua situação como secretario de Pedro I. Era uma coisa impossivel. Não se entenderiam. Vasconcellos percebeu isso, num instante, na sua alta visão de homem de Estado. E preferiu continuar na opposição, ao fogo vivo da batalha que só terminaria com o 7 de abril de 31: a abdicação do imperador.

Entregue o governo do paiz á regencia permanente de Lima e Silva, Costa Carvalho e Braulio Moniz, e organizado o gabinete liberal de 16 de julho, Vasconcellos acceita a pasta da Fazenda.

São seus companheiros, como ministros do Imperio, da Justiça, dos Estrangeiros, da

Marinha e da Guerra, respectivamente, Lino Coutinho, Feijó, Carneiro de Campos, Rodrigues Torres, mais tarde visconde de Itaborahy e Manoel da Fonseca Lima e Silva, depois barão de Suruhy.

O parlamentar mineiro está, assim, em excellente companhia. Vae mostrar-se agora o homem de governo, o administrador, o financista. A situação do paiz é a mais precaria possivel. Ha nove annos que não ha administração, nem regularidade nos gastos dos dinheiros publicos. E o Brasil, mal saido da submissão para a liberdade, necessitava imperiosamente de um governo constructor. A desordem financeira é de uma evidencia alarmante. Uma invasão de cobre falso, surgida no auge da desvalorização da moeda, vem ainda mais, augmentar o cháos. Uma anarchia generalizada, tanto mais agravada pelos effeitos ruinosos da revolução!...

Vsconcellos mostra-se o ministro á altura do momento. A sua acção reaccionaria e constructora, em menos de um anno de administração, é francamente admiravel.

Deixando o governo em maio de 32, logo em 33 é submettido á prova do fogo, como homem de energia em meio do perigo. Uma revolta rebentára, então, em Ouro Preto, capital da provincia de Minas, da qual

era o 1º vice-presidente. O chefe do executivo estava ausente. Vasconcellos não vacillou um instante e assumiu o governo para jugular a mashorca. Vencem os sediciosos, que o aprisionam no seu posto de honra, reagindo, defendendo a autoridade. Conseguindo, porém, evadir-se, dirige-se para São João d'El-Rey, e pessoalmente dirige a contra-revolta. Põe homens em armas. Organiza batalhões. Concerta planos de luta. E marcha sobre a capital, retomando-a aos occupantes, para entregar o poder ao presidente legitimo, Manoel Ignacio de Mello e Souza ,logo chamado a reassumir as suas funcções.

Em fins de 1835 as contingencias politicas o separam dos seus correligionarios. Abrindo-se o Congresso em 36, vae mover uma opposição tenaz e continua, de todo o momento e de todos os instantes, ao seu velho companheiro do gabinete de 16 de julho de 31, o agora Regente Feijó. Não o deixa senão quando elle renuncia, entregando o cargo ao futuro marquez de Olinda. E Vasconcellos torna ao governo para exercer, na combinação de 13 de setembro de 37, as duas pastas do Imperio e da Justiça.

Em 1838 Minas Geraes o envia ao Senado, conservando-se Vasconcellos no minis-

terio até a quéda do gabinete em 16 de abril de 39.

Pouco mais de um anno tinha transcorrido quando Vasconcellos é de novo procurado por Olinda, de quem se separára, para manter, em face de seu governo, uma discreta attitude de opposicionismo, e por quem era agora chamado, voltadas ás vistas para elle, como o homem do momento. Os debates no Senado e na Camara, a agitação dos liberaes ajudados pelos conservadores descontentes, a ebulição popular, tudo isso num movimento extra-constitucional para a proclamação immediata da maioridade de Pedro II, tornava a situação de uma extrema gravidade. A Regencia parecia insustentavel.

Neste instante, Olinda convoca uma reunião dos chefes conservadores, convidando especialmente Vasconcellos, que embora houvesse desejado a acclamação, como regente, da princeza Januaria, irmã do imperador menor, todavia, no Senado, votára contra o projecto dos dois irmãos Cavalcantis, determinando a chamada incontinente de d. Pedro ao poder.

Nesta reunião Vasconcellos expõe, com toda a rudeza, o seu modo de ver e de pensar. Achava a situação collocada nas pontas do dilemma: ou a maioridade ou a revo-

lução. Mas nas circumstancias especiaes de exaltação e de apaixonamento em que se encontrava a nação, a providencia melhor a ser tomada seria o adiamento das Camaras, que só em fins de novembro voltariam a reunir-se, proclamando, então, a maioridade, a 2 de dezembro.

O alvitre de Vasconcellos é o acceito, logo convidado elle a dirigir o barco, com a pasta do Imperio. Isso se pasava a 22 de julho de 1840. Mas os acontecimentos precipitam-se. Communicado ao Congresso o decreto de adiamento, a minoria de ambas as casas, reunindo-se no Senado, sob a presidencia de Villela Barbosa, proclama revolucionariamente a maioridade, logo acceita pelo imperador.

Estava victorioso o movimento. No dia seguinte Pedro II prestava o juramento e assumia o governo.

"Foram as horas mais gloriosas da minha vida", disse, depois, Vasconcellos, disfarçando os despeitos do seu ministerio de oito horas.

Membro do Conselho de Estado e senador, o seu resto de vida é consagrado ás consultas daquelle scenaculo ou ás discussões da Camara vitalicia. Ao deixar o mundo, em 1850, deixa o seu nome ligado á lei de fundação do Conselho de Estado, ao Codigo

Criminal, ao Codigo do Processo, á creação do Collegio Pedro II, á organização do Thesouro Nacional.

E' uma figura que domina e empolga todo o primeiro reinado e grande parte do segundo, ingressando na historia politica do Brasil como um dos constructores maximos da nossa nacionalidade.

VISCONDE DE JEQUITINHONHA

Os politicos do Imperio possuiam uma outra envergadura, que não a têm, em sua generalidade, os politicos da Republica. Atrophiamento do caracter nacional? Degenerescencia da raça? Ou effeitos da substituição calamitosa, que fizemos, do regimen parlamentar, essencialmente seleccionador das capacidades, por esse outro regimen, o presidencial, retrogado, e que tendendo, francamente, para o poder pessoal é o grande animador da subserviencia e da abdicação da personalidade?

Nada disso importa aqui, propriamente ao caso. Mas o facto em si, falando mais alto que quaesquer explicações em que é fertil a sophisticaria dos homens, ahi está para nos collocar em situação humilhante e vexatoria, quando se traçar a psychologia das duas épocas, a do governo austero, progressista, patriotico de Pedro II, e da outra que se inicia na alvorada radiosa de 15 de novembro de 89.

Escrevendo, já acabada a monarchia, sobre o que foram os ministros de Estado no 2º reinado, accentuava o preclaro brasileiro, grande alma de patriota inexcedivel, o sr. Affonso Celso, que "nenhum" ascendeu ao governo por mero favoritismo ou por capricho", "nenhum comprometteu a dignidade governamental, nenhum foi vergonhosamente esmagado, nenhum se portou de maneira ignobil, nem deixou nome odioso na tradição popular. Nunca, um só que fosse, se aproveitou de suas funcções "para locupletar-se." "Todos se exoneravam endividados ou menos ricos. Era um sacrificio ser ministro."

Os costumes politocos têm evoluido tanto, nestes ultimos annos, que se as palavras sinceras do brilhante homem de letras não têm sido escriptas, como o foram, em 1901, todos diriam logo que ellas representavam allusões ferinas aos secretarios do Executivo na Republica, num talhar sem cerimonioso de terriveis carapuças.

O conceito que de nós se forma no estrangeiro é uma coisa humilhante. Ainda ha pouco um dos mais conhecidos sociologos do mundo moderno, Gustavo Le Bon, traçava de nossa terra esse quadro vergonhoso:

"Um só paiz, o Brasil, tinha escapado a essa profunda decadencia dos povos sul-

americanos, em virtude de um regimen monarchico que collocava o governo ao abrigo das competições. Muito liberal para raças sem energias e sem vontade, acabou por sucumbir.

Desde então o paiz ficou entregue a uma completa anarchia, e, em poucos annos a gente incumbida do poder, delapidou de tal maneira o thesouro que os impostos foram augmentados em desproporção desmedida."

* * *

Francisco Gê Acayaba de Montezuma, visconde de Jequitinhonha, que, entre os nossos estadistas do Imperio, não era dos que gozavam, sob o ponto de vista moral, de um conceito inatacavel, nem de fama que se pudesse invejar, ainda este apresenta, numa fé de officio brilhante, os mais bellos e os mais nobres rasgos de um espirito superiormente devotado aos interesses de seu paiz e capaz de fazer por elle, os sacrificios que se tornassem necessarios.

Quando chega a São Salvador de regresso de Coimbra, formado em leis pela gloriosa Universidade, moço de 27 annos, pobre, sem prestigio, lutando com difficuldades de vida, mas cheio de aspirações ardentes e alevantadas, o que procura não é aconche-

gar-se ao poder para a obtenção de vantagens. Investe é contra os poderosos, visando o ideal supremo da emancipação de sua patria. E a provincia natal de Montezuma, onde o general Madeira, perverso e atribiliario, só tinha para o brasileiro o páo e a cadeia, era, então, o centro mais perigoso onde se pudesse fazer a propaganda da independencia.

Em 1821, quando o joven bacharel regressa ao seu berço, vae encontrar bem accesos, incandescentes, os odios entre os portuguezes e os naturaes da terra. Já então, Cypriano Barata, Lino Coutinho, Borges de Barros, eleitos ás Côrtes de Lisboa, tinham partido a desempenhar o seu mandato. Montezuma tornar-se-á, nestas condições, o centro de todo o movimento na capital.

Depois de fundar a *Keporatica*, ou a sociedade secreta dos *Jardineiros*, um agrupamento de patriotas dispostos a tudo, põe a circular, com successo imprevisto, o *Diario Constitucional*.

E' este um grande baluarte das liberdade publicas. Sua linguagem flamejante, de condemnação severa aos abusos da oppressão, rebôa em toda a parte como o clarim que chama os homens ás armas. Incita. Enthusiasma. Alimenta em cada peito uma fogueira incandescente devotada á idéa maior

que constitue a preoccupação maxima de todo o brasileiro: a alforria. O espirito publico sente-se animado para a luta. Aquella vibração a pouco e pouco se vae estendendo por todo o interior. As autoridades portuguezas enchem-se de apprehensões, porejam despeitos. A idéa está em marcha.

Montezuma não descansa um minuto. Uma actividade febril absorve-lhe todo o tempo. Desabusado, affronta sem temor o despotismo. Diz as coisas claramente, sem rebuços, sem mysterios: a Bahia não tem, nem póde ter outro caminho que não seja unir-se ao Rio para sustentar, a todo transe, o principe d. Pedro. Lança a formula e desinteressa-se pelo que pessoalmente lhe possa succeder.

O *Diario Constitucional* torna-se o pesadelo quotidiano de Madeira. "Elle é incendiario e os seus autores perturbadores da ordem estabelecida", informa o general ao governo. E a clava forte de Montezuma, cada vez mais tremenda, não esmorece nunca, a desferir golpes certeiros com um vigor e uma precisão admiraveis.

Quando as tropas de Avilez desembarcam em terra bahiana, sob os applausos interesseiros do *Semanario Civico* e da *Edade de Ouro*, o *Diario Constitucional*, falando pela alma de toda a população, interroga deste-

mido, em face da força desvairada:

— "Isto é uma feitoria ingleza? Somos escravos?" E rebatendo as noticias portuguezas de que os soldados inimigos haviam sido recebidos com enthusiasmo pelo povo:

— "Nós declaramos á face do Universo que a Provincia não teve parte nisso."

A 21 de agosto, o *Constitucional* recebe o premio que lhe era devido: a vingança do empastelamento. Já desde junho, em franca actividade revolucionaria, Montezuma se achava no reconcavo. Em conspirações continuas na capital, tomára parte em toda a trama do movimento que irromperia, em pouco, para só findar pela victoria definitiva do 2 de julho de 23. Declarada a rebellião, partira ao encontro de seus amigos. Era homem de acção nos momentos decisivos. Do governo provisorio que, a 6 de setembro, solemnemente se installava, em Cachoeira, é o 1° secretario, encarregado, justamente, dos negocios da Guerra, ao lado do futuro marquez de Abrantes, 2° secretario e encarregado da Fazenda. Eram tambem as duas unicas pastas existentes...

* * *

Proclamada a Independencia do Brasil, Montezuma vem eleito deputado á Assem-

bléa Constituinte. O jornalista impulsivo, fogoso, irreverente, vae ceder logar, agora, ao orador parlamentar, cheio de recursos, que sabe esgrimir a palavra com habilidades de mestre.

Defensor das mais avançadas doutrinas liberaes, mostra-se na Côrte o mesmo espirito adeantado de sempre. Conquista logo as sympathias publicas e as suas attitudes não o desmerecem da confiança que alcançou.

Não é um camareiro do paço, nem um aulico do Imperador. Com o mesmo enthusiasmo com que o sustentára na campanha, vendo no principe a imagem da patria, sabe collocar, na Constituinte, os interesses da nação acima dos caprichos do monarcha.

Dissolvido o congresso, é preso e deportado para o estrangeiro, ao lado dos Andradas, de Rocha, do padre Belchior. Isso não impede que oito annos mais tarde, quando consegue retornar do degredo, recuse fazer parte do primeiro ministerio da Regencia Permanente, para se collocar contra ella, ao lado dos *caramurús* e á frente do "Ypiranga", o orgão que na imprensa batalhava pela volta de Pedro I ao poder.

E' que em sua opinião os interesses nacionaes reclamavam a annullação da jornada de 7 de abril, e sentia-se sem o direito de sobrepôr á elles os seus resentimentos pes-

soaes. Sacrifica a sua popularidade. Pleiteando a cadeira de deputado consegue, apenas, em toda provincia da Bahia, 36 votos! Mas nada disso lhe transforma as convicções.

Em 1837, organizando Feijó o seu gabinete de 16 de maio, confia a Montezuma a pasta dos Estrangeiros, que elle exerce, só por quatro mezes, quando a Regencia, pela renuncia do seu titular, vae parar ás mãos de Araujo Lima, passando dos liberaes aos conservadores.

Ainda uma vez o parlamentar bahiano acceita gostosamente o seu papel na opposição. Na Camara, bater-se-á contra o marquez de Olinda, a favor da immediata proclamação da Maioridade, medida extrema, francamente inconstitucional, mas que se apontava, então, como o meio, talvez unico, de pôr-se um paradeiro á situação de verdadeira anarachia em que, ha perto de nove annos, se vinha desmantelando o Imperio.

Mandado á Inglaterra por Pedro II, como ministro pleniptenciario e enviado especial, Montezuma, ao voltar ao Rio, encontra dominando no poder o Partido Conservador. Já desde esta época elle se considera um nome nacional, acima das competições, a pairar numa esphera mais alta, afastado dos partidos, para se collocar acima delles. Con-

selheiro de Estado em 1850, senador pela Bahia em 51, visconde de Jequitinhonha em 54, entra, evidentemente numa phase nova de sua vida politica, perdido um pouco, é certo, o seu idealismo de outr'ora e encarada a existencia sob um aspecto mais material. Os effeitos da edade e do meio!

Combatendo vivamente em 53 a politica de conciliação do marquez de Paraná que elle reputa "programma absurdo, inexequivel, mistura de idéas contrarias e panacéa de diversos ingredientes", data desta quadra a anecdota que correu célere, e é registrada por varios dos nossos historiadores, collocando Montezuma numa situação moral nada lisonjeira.

Conta-se que Jequitinhonha, em oração vehemente, dirigia ao governo acaloradas increpações, quando Paraná lhe fez chegar, habilmente, ás mãos, um bilhetinho, annunciando a satisfação de certo pedido que elle lhe fizéra. O orador, então, sem se perturbar, foi accrescentando, para concluir o seu discurso num hymno de louvor ao gabinete:

— "As accusações que tenho dirigido ao ministerio, partem do publico mal informado. Rendo-lhe agora homenagem na tribuna."

Por isso o velho estadista mineiro dizia:

— Esse preto não se vende, aluga-se

* * *

Outro aspecto não menos brilhante da vida do visconde Jequitinhonha é a sua passagem pelos auditorios como advogado. Varias vezes, caindo no ostracismo, recorreu ao exercicio de sua profissão sem que ella nunca lhe faltasse. Elle sabia apprehender as causas muito rapidamente. As suas razões curtas, incisivas, logicamente argumentadas eram sempre impressionantes. Ainda aqui foi um vencedor... Estimado largamente em sua classe, figura entre os que fundaram o Instituto dos Advogados, cabendo-lhe a honra de ter sido o seu primeiro presidente. Só em setembro de 50, quando foi chamado ao Conselho de Estado, deixou o exercicio daquellas funcções que ha cerca de sete annos vinha desempenhando... Uma questão de escrupulos. Era assim que comprehendia as coisas...

Em 1870, aos seus 76 annos de edade, a morte cobrava-lhe o seu tributo. Ao visconde de Jequitinhonha bem se póde applicar o que se disse de Odilon Barrot: *"le type de l'homme politique d'esprit moderne, champion de libéralisme et du systeme representatif."*

VISCONDE DE ITABORAHY

Joaquim José Rodrigues Torres, visconde de Itaborahy, é uma das figuras mais insinuantes da politica imperial brasileira, no longo espaço que medeia da jornada victoriosa de 7 de abril de 31, aos primeiros dias do anno de 1873.

Deputado, senador, conselheiro de Estado, presidente de provincia, dez vezes ministro e duas vezes chefe de gabinete, em todas estas altas funcções por que passou, soube deixar uma luminosa tradição de capacidade de trabalho, de tino administrativo, a recommendal-o, sobretudo, como um espirito privilegiado de organizador.

Bacharel em sciencias mathematicas e professor desta cadeira na Escola Militar, especializou-se profundamente nas questões economicas e financeiras, estudando-as sempre com interesse demasiado, acompanhando os methodos novos e as doutrinas modernas, de maneira a achar-se sempre em dia, ao par

da ultima palavra, como um verdadeiro mestre da materia.

A sua intelligencia adquire, então, esse espirito pratico e esclarecido dos que só julgam pela logica, pelo numero, em conclusões certas, rigorosamente provadas por *a* mais *b*, e de cujos resultados não ha appellações a recursos do sophisma ou do malabarismo politico.

Applicando os resultados dos seus estudos ao caso brasileiro, examinada a nossa situação em todas as suas minimas particularidades, apprehendeu, num instante, o que nos era necessario, e elaborou o seu plano, traçando uma politica financeira de rumo certo e seguro.

A phase mais brilhante da carreira de Itaborahy não está, propriamente, nos seus dias aureos de poder, apezar do quanto elle o soube elevar, mais na campanha empolgante de 1857, sustentada, a ferro e fogo, contra as falsas directrizes do gabinete de 4 de maio, presidido pelo marquez de Olinda.

Souza Franco, ministro da Fazenda, e outra reputada autoridade em finanças, entendera de vantagem conceder aos diversos estabelecimentos bancarios o direito de emissão, indo ao ponto de facultal-o, até ás sociedades commanditarias. Era a ajuda mais efficaz que se poderia prestar ao commer-

cio. Um só banco de circulação não satisfazia, em absoluto, ás precisões do momento. Assim argumentou e assim o fez, por acto discricionario do governo, quando um projecto semelhante aguardava no Senado a deliberação definitiva do assumpto.

Itaborahy, na sua arguta visão das cousas economicas, percebeu, logo, em que importavam aquellas concessões. Era a anarchia, era o desmantello, era o sacrificio inevitavel de interesses legitimos do paiz.

No Conselho de Estado opinára em parecer exhaustivo, pela incompetencia do Executivo em deliberações desse vulto. Desprezadas as suas ponderações, põe o apito na bôca e dá o brado de alarme. Desde 1854 desempenhava as funcções de presidente do Banco do Brasil. Nesta contingencia, antevendo, desde então, como consequencia das innovações de Souza Franco, a baixa do cambio, a desvalorização da moeda, a perturbação e a desordem das transações mercantis, a porta aberta e franca á jogatina, á especulação, á agiotagem, a ancia de ganhar dinheiro sobrepujando a todas e quaesquer outras considerações, o visconde de Itaborahy sente, perfeitamente, que não póde permanecer, por mais tempo, no seu posto, e abandona o cargo, com ruido e com espa-

lhafato, para lançar-se, com toda a alma, no combate aos desatinos do poder.

A sessão legislativa de 1858 é uma sessão cheia, agitada, de grandes lances, empenhado o ministerio numa batalha parlamentar intensa, logo em cujos primeiros embates, elle sente o peso da opposição. Vê que Itaborahy faz approvar no Senado um voto de censura ás opiniões financeiras do governo. E não tem a força precisa para embaraçar, na Camara, a passgem do requerimento de informações de Teixeira Junior, combatido da tribuna pelo proprio titular da pasta da Fazenda.

A combinação que succede a de Olinda Souza Franco, e que tem como presidente Limpo de Abreu, gerindo Salles Torres Homem os negocios do thesouro, consubstancia em projecto as idéas de Itaborahy, firmando no caso a competencia da assembléa, e exigindo das casas bancarias "que haviam recebido faculdade" de emissão, que pagassem "em ouro as suas notas, no prazo de tres annos, sempre que levadas a troco e logo que assim o exigissem os seus portadores."

O gabinete de 12 de dezembro de 58 não consegue levar a termo a sua missão, porém pouco mais de um anno se tinha passado, e em começo de 60, confirmadas todas

as previsões de Itaborahy, o gabinete Ferraz encapa-lhe as doutrinas e leva o projecto Torres Homem até á phase final de sua approvação, com a acquiescencia de quasi todos os que mais violentamente o haviam combatido. Para a gloria de um financista basta este facto, na alta significação de que elle se reveste.

*
* *

Joquim José Rodrigues Torres começa muito cedo a sua vida publica. Com 19 annos seguia para Coimbra e entre os estudantes brasileiros matriculados, então, na gloriosa Universidade, destacava-se, no meio de todos, como uma mocidade cheia de vigor, cheia de talento, cheia de animação, idealista, de largas perspectivas e vendo, sempre, aberto deante dos olhos os mais bellos horizontes.

Em 1831, apenas com 29 annos de edade, professor da Escola Militar desde os 24, director d'"O Independente", vibrante periodico de um liberalismo exaltado, ao organizar-se o primeiro Ministerio da Regencia Permanente, a repartição da Marinha e pouco depois, interinamente, a da Fazenda, são confiadas ás suas aptidões technicas. E' uma

victoria unica e exclusiva do seu merito individual. Dos membros do gabinete, excepção feita de Lima e Silva, general do Exercito e barão de Suruhy, elle é o unico que não tem assento no parlamento, circumstancia que ainda mais exalta a distincção com que o elevaram. E os seus companheiros chamam-se Lino Coutinho, Feijó, Carneiro de Campos, Vasconcellos, quer dizer os maiores estadistas da sua época.

A habilitação que Rodrigues Torres revela nos assumptos de sua pasta, a sua austeridade, os seus escrupulos, levam-no a ella, quatro vezes seguidamente. Deixando o governo em julho de 32, logo em novembro, de novo se recorre á sua profisciencia, e é o ministro da Marinha do gabinete de 13 de setembro, e ainda, depois, dos que se formam em 37 e em 40, na regencia Olinda, e em 43, já na Maioridade, sob a chefia de Honorio, tendo dirigido, provisoriamente, em 37, o departamento da Guerra. Só em 34 realiza a sua entrada na Camara, como deputado pelo Rio de Janeiro, para, nesse mesmo anno, promulgado o Acto Addicional, ser o primeiro presidente de sua provincia. Em mais uma esplendida occasião o moço estadista confirma a sua vasta capacidade de organização, o seu criterio, o seu tino

administrativo, na montagem de toda a engrenagem de um novo governo.

Deixando-o em 36, quando Vasconcellos abandona os liberaes e arvora o estandarte do Partido Conservador, a que logo Honorio Hermeto tambem se filia, Rodrigues Torres realiza, por seu turno, a mesma evolução, e em 37, no parlamento, colloca-se na opposição a Feijó, entre os combatentes de primeira linha, o que lhe vale ser na Regencia Olinda "como que o representante da politica ministerial", na luta activamente empenhada contra a proclamação immediata da Maioridade.

Senador em 44, combate de 45 a 48 a situação liberal iniciada por Almeida Torres, subindo, emfim, ao poder em outubro desse anno, como ministro da Fazenda do gabinete Olinda-Monte Alegre.

Uma nova directriz imprimem-se, então, aos negocios publicos. A politica de conciliação e de tolerancia dirá, mais tarde, o velho Alves de Lima, foi, em verdade, iniciada por esse Ministerio, e apenas ampliada pelo de 53, presidido por Paraná.

Jugulada a revolução praieira de Pernambuco, dominado o ambiente pela superioridade de orientação dos homens que dirigiam a náo do Estado, estendendo sobre os revolucionarios o manto da amnistia, todos

sentem, como registra o preclaro historiador das "Memorias do meu tempo", que as paixões se acalmavam, os rancores se desvaneciam, e os politicos se approximavam, animados do desejo sincero de que se désse, no centro, uma orientação diversa da que fôra até ali seguida. O momento exigia um periodo de treguas e esquecimento de odios, um periodo de paz e de reconstrucção. Paranhos, Torres Homem, Montezuma, Limpo de Abreu, Justiniano José da Rocha, grandes figuras liberaes, manifestam-se francamente sympathicos ao ministerio.

Quando Monte Alegre, Vieira Tosta e Euzebio de Queiroz, por divergencias particulares que não vêm a proposito, abandonam as suas pastas, o visconde de Itaborahy, assumindo a presidencia do Conselho, com pulso forte, domina a crise, e recompõe o governo, proseguindo com a mesma habilidade aquella orientação pacifista.

A retirada dese gabinete em 53 constitue um mysterio, a proposito do qual correm versões differentes, mas que, ainda hoje, se não conseguiu desvendar ou comprehender. Repentinamente, sem que ninguem o pudesse, siquer, suspeitar, elle apresenta sua demissão, sem caso politico algum em fóco, marchando os ministros na mais completa harmonia com o Legislativo. Uma surpresa!

Tambem ha cerca de cinco annos vinha Itaborahy dirigindo os negocios da Fazenda. Seja, porém, como quizerem, diz Pereira da Silva, foi esse um "gabinete que mais do que nenhum outro havia prestado ao paiz os mais relevantes e assignalados serviços com a sua moderação e justiça, com a nova orientação que imprimira á politica e com os felizes resultados que obtivera."

Quinze annos mais tarde, voltará Itaborahy á presidencia do Conselho, na combinação de 16 de julho de 68, em circumstancias verdadeiramente excepcionaes. Zacarias se desavindo com a Corôa, a proposito da escolha senatorial de Salles Torres Homem, offerecera a sua exoneração e a de seus collegas. O imperador não teve duvidas, ou se as teve foi um instante. E chamando Rodrigues Torres a palacio, decidiu-se a passar a situação aos conservadores. Na Camara, quasi unanimemente liberal, isso repercute como uma bomba. E José Bonifacio recebe o ministerio com uma incisiva moção de protesto "em nome do systema representativo e da monarchia constitucional" contra "o estranho apparecimento" de um gabinete gerado fóra do Congresso, e symbolizando uma nova politica, sem que uma questão parlamentar tivesse provocado a quéda do seu antecessor."

Só restava o recurso da dissolução. Era inevitavel como remedio ultimo. Itaborahy lançou mão delle, dissolvendo a Camara e marcando as novas eleições.

Ainda uma vez na direcção das finanças, numa situação difficilima, que a guerra com o Paraguay aggravava sempre, o estadista fluminense guiou magistralmente o leme do seu barco, em novas affirmações do seu valor.

Em 1870, abandona o poder, já velho, cansado, doente. Está nos seus ultimos annos de existencia. Em 71, ainda por uma questão de principios, colloca-se contra o projecto do ventre livre. Não póde fazer mais nada. A 8 de janeiro de 73 está finda, na terra, a sua missão.

Como homem de partido não é menos brilhante a actuação de Itaborahy, na vida politica do Imperio. Possuia raras qualidades de chefe. Sabia attrair, sabia harmonizar, sabia se impôr na confiança, na admiração e na estima dos que o acompanhavm. Em 1860 qundo o gabinete Ferraz abstem-se de intervir nas eleições, é Rodrigues Torres quem, com Euzebio de Queiroz, Paulino de Souza e Limpo de Abreu, restaura e fortalece ao Partido Conservador, do qual em 64, passará a ser chefe sem contraste, assim reconhecido e proclamado geralmente.

Orador sem arroubos de eloquencia, mas utilizando-se sempre de uma linguagem extremamente correcta, não deixou nunca de dizer o que queria, com firmeza e com logica, portando-se, na tribuna, como homem que não teme, em nenhuma conjectura, as suas surpresas.

Foi um estadista, na verdadeira extensão da palavra.

RODOLPHO DANTAS

Rodolpho Dantas passa pela politica do 2º Reinado como um grande e luminoso meteoro. Apparece, brilha, eleva-se nos braços da fama, e de repente, inexplicavelmente, sem ninguem saber ao certo porque, abandona o scenario e recolhe-se á vida privada.

Nenhum desgosto intimo ou publico poder-lhe-ia justificar ou explicar a estranha attitude. A sua carreira, já brilhante, apresentava os indicios mais seguros de que elle não andava de longe de se tornar, no Imperio, uma daquellas figuras maximas que eram como que columnas mestras do nosso systema constitucional. Filho do conselheiro Dantas, um dos chefes liberaes mais populares e mais poderosos, todas as portas se lhe abririam com muito maior facilidade. Rodolpho possuia os mais apreciaveis dons de talento e de cultura, de caracter e de honradez, distinguindo-se, ainda, entre os seus contemporaneos, pela bondade immensa de um grande coração. No regimen parla-

mentar, em que as capacidades triumphem sempre, tinha de ser, necessariamente, um victorioso. E elle o foi!

Quantos lhe têm tracejado o perfil da individualidade, Joaquim Nabuco, seu grande companheiro de ideaes abolicionistas, José Verissimo, Constancio Alves, são unanimes em proclamar em Rodolpho Dantas um desses espiritos de rara superioridade, ao par de uma alma de extrema sensibilidade affectiva.

"Elle combinou em si faculdades e qualidades que entre nós nenhum outro joven politico reuniu, e pertenceu a uma escola inteiramente diversa da de todos", escreve Nabuco.

José Verissimo, com toda a austeridade e secura do seu dizer, tão avesso a elogios, como o foi sempre, proclamava-o "um espirito superior", "um dos homens mais completos que eu jámais vi", aristocrata á maneira atheniense", "fidalgo na mais nobre acepção deste termo".

E Constancio Alves: "As qualidades que mais honram o homem elle as possuiu". A "sua delicadeza moral tocava á perfeição."

Nascido na capital bahiana em 1854, Rodolpho Dantas, logo depois de formado em bacharel pela Faculdade de Direito do

Recife, e após um rapido estagio pela redacção do *Diario da Bahia,* é enviado á Camara dos Deputados Geraes em 1878, em substituição ao pae, eleito senador. Contava, apenas, 24 primaveras.

Quatro annos depois, tem de tal fórma se conduzido nos negocios publicos que Martinho Campos, ao organizar o gabinete de 21 de janeiro, confia-lhe a pasta do Imperio e interinamente a da Justiça.

Ministro de Estado aos 28 annos, a sua passagem pelos conselhos da Corôa deixa-a assignalada como a de um homem escrupuloso, que sabe pesar bem as responsabilidades do seu cargo, como sabe, perfeitamente, o que faz, e só age com moderação, com o espirito reflectido, com o conhecimento da causa. Em quantas questões se levaram ao ministerio, deu a sua opinião como costumava fazer: com franqueza, com independencia, sem preoccupações subalternas de interesses politicos.

O gabinete Martinho Campos, apezar de se haver conservado seis mezes no poder, teve uma vida toda ephemera. Não realizou coisa alguma. Nada propoz ao parlamento. Sem embargo da sua politica conciliatoria e respeitosa dos direitos da minoria, e a despeito de ter sido recebido sympathicamente, desde o primeiro instante, pelos dois mais

graduados chefes conservadores, Paulino de Souza Filho e Andrade Figueira, elle não resiste ao primeiro embate, logo desamparado pelos proprios liberaes.

Um projecto corrigindo defeitos da lei eleitoral de 81, (Lei Saraiva) põe-n'o em baixo com pasmosa facilidade. Martim Francisco, presidente da Camara, subindo á tribuna, accusa Martinho Campos de "não representar as doutrinas politicas do Partido Liberal". E resigna o cargo. Estava feita a scisão. A 30 de junho, Ignacio Martins, com a palavra, requer urgencia para a discussão do parecer da commissão mixta, revendo o regulamento eleitoral em questão. Era o rompimento directo das hostilidades contra o gabinete. Rodolpho intervem, então, no debate, com a palavra official. Elle fala com extrema correnteza e admiravel simplicidade. Tem, sobretudo, a grande vantagem de não se exaltar nunca, nem mesmo quando todos estão exaltados. E diz, não raro, as coisas mais pesadas, sempre risonho e affavel, com a physionamia sympathica e expansiva. Um movimento geral de attenção aguarda, numa atmosphera de anciedade, o que vae dizer o ministro do Imperio. Serenamente, delicadamente, como num banquete a brindar o homenageado, conservada, em toda a plenitude, aquella linha de elegancia mo-

ral que tanto o caracterizava, elle declara que não tem razão de ser, o pedido do seu collega. Mas se o que se visava, com tão inopportuno requerimento, era uma questão de confiança, não fosse esta a duvida: o ministerio não se furtaria a ella.

Martim Francisco, em nome da dissidencia liberal, avança logo:

— Nem o requerimento visa outra coisa.

— Pois vamos aos votos!

Nem Martinho Campos, nem mesmo Rodolpho, intimamente orgulhoso do seu ministerio de 28 annos, tinham tão apêgo aos cargos que desempenhavam, que nelles quizessem permanecer por processos excusos.

Rodolpho era um espirito eminentemente liberal. Não comprehendia a politica senão na sua alta e elevada acepção, politica larga, politica de idéas, nobremente norteada por sentimentos superiores. Não tinha, é bem verdade, o "fetichismo por fórmas e formulas de governo". Mas ministro num regimen parlamentar, não acceitaria ficar no poder, um só dia, desde o momento em que a confiança da Camara lhe fosse retirada. Seria, talvez, um idealista, encarando as coisas como se vivera na republica de Platão. E quem sabe se por isso mesmo, se sentindo cada vez mais isolado e incomprehendido no

seu meio, "um exilado no seu partido", como disse Constancio Alves, se tivesse resolvido a abandonar, tão cêdo, as lutas, em cujos embates conquistara, logo nas primeiras escaramuças, os bordados de general?

63 deputados contra 43 concederam a urgencia reclamada por Ignacio Martins. O gabinete succumbira.

Rodolpho Dantas, que segundo a opinião respeitavel de um dos seus biographos, "foi seguramente um dos ministros mais competentes" que tivemos, chegara á sua pasta com o cerebro povoado de melhoramentos e de reformas em perspectiva. O presidente do Conselho, no seu discurso de apresentação, annunciara, mesmo, os planos do director da repartição do Imperio, sonhando, então, com uma remodelação completa da nossa instrucção primaria, secundaria e superior. A rapidez com que passou pela administração não lhe permittiu que, ao largal-a, houvesse prestado ao paiz os serviços inestimaveis que haveriam de envolver de maiores glorias o seu nome, se, por mais tempo, tem permanecido á frente dos negocios confiados á sua mocidade activa e emprehendedora.

Todavia, ainda assim, "patenteou aptidões de estadistas", dil-o Affonso Celso, nos seus "Oito annos de parlamento".

Em 1884, ao ser organizado pelo velho conselheiro Dantas, a celebre combinação de 6 de junho, Rodolpho vae ter na Camara uma actuação de raro brilho na defesa do programma do governo. Será como que o seu *leader*.

O presidente do Conselho, no seu discurso inaugural, encarando de frente a mais grave e a mais importante das questões nacionaes, a do elemento servil, declarara, francamente, que era necessario extinguir-se o captiveiro no Brasil.

Rodolpho Danta é o encarregado de redigir o projecto ministerial. A 15 de julho, num ambiente de espectativa, dividida a Camara em duas fortes correntes antagonicas, preoccupados os espiritos, agitada a opinião publica, alarmadas as classes conservadoras, elle dava desempenho integral á sua missão. Libertavam-se os escravos sexagenarios. Decretava-se a abertura de novas matriculas. Estabelecia-se que os escravos não arrolados seriam considerados livres. Instituia-se o imposto proporcional de 1, 3 e 5 % para os senhores de engenho.

Foi uma sensação. Logo Moreira de Barros, deixando a presidencia da casa, submette aos seus collegas a sua renuncia. Antonio de Siqueira quer saber se o gabinete acceita questão de confiança no pronuncia-

mento que a Camara vae fazer. E' Rodolpho quem responde, com toda calma, com toda serenidade, em meio a uma saraivada de apartes que se cruzam de todos os lados, que acceita a situação no terreno em que é posta. 55 votos contra 52 concedem a renuncia. O ministerio vencera por 3 votos!

A vida parlamentar do gabinete de 6 de junho é das mais movimentadas que se conhecem no Imperio. Uma campanha intensa leva-o desde o seu alvorecer até o seu occaso. As questões de confiança succedem-se a cada minuto. O povo, de certa altura em deante, começa a intervir activamente nos debates, comparecendo em massa ás sessões, aparteando os oradores, apupando, nas ruas, os seus representantes. O começo da memoravel jornada da Abolição!

Os debates da Camara travam-se agitadissimos. Uma confusão em que ninguem se entende. Ouvem-se insultos de todas as bandas. Os deputados maltratam-se, retaliando-se uns aos outros. A sessão de 23 de julho torna-se assignalada nos nossos annaes. Em meio á irritação de todos os animos, Andrade Figueira propõe, na votação de um paragrapho da receita, que ella seja tomada como prova de apoio ou não ao governo. A balburdia attinge, então, ao auge. A proposta Figueira é positivamente um

absurdo. Palavras pesadas são dirigidas contra o orador. O presidente sente-se impotente para manter a ordem. Uma gritaria ensurdecedora. Ruy Barbosa, Antonio Siqueira, Martim Francisco, Felicio dos Santos, Cezar Zama proferem discursos tempestuosos, que difficilmente se ouvem. Rodolpho Dantas ainda uma vez intervêm com a sua habilidade e a sua diplomacia para serenar os espiritos, diplomacia e habilidade que não excluem a sua segurança e a sua energia no que quer e sabe querer. Começa reclamando silencio. Porque se a agitação continúa não descerá da tribuna e a votação não se fará... Fazendo-se escutar, declara então, resolutamente, para esclarecimento de todos, que nem o governo, nem a maioria acceitam a votação de um dispositivo sobre sello, com a significação que os seus adversarios lhe querem attribuir. A questão de gabinete só "no grande terreno da emancipação dos escravos."

Finalmente, a 2 de julho, João Penido, colloca-se nestes termos, apresentando a moção seguinte, em substituição a uma outra de Lourenço de Albuquerque:

"A Camara reprovando o projecto do governo sobre o elemento servil, nega-lhe a sua confiança."

A moção foi approvada. Differença de

um voto! A quéda do ministerio, ou a dissolução da Camara. No mecanismo do regimen parlamentar não ha outro dilemma. O imperador decide-se pela segunda hypothese.

E' ahi que Rodolpho, subitamente, com surpresa geral e com pezar de todos, retira-se da arena. Da nova Camara já não faz parte, substituido pelo seu irmão Souza Dantas Junior. "Genuino sucidio politico", classifica Affonso Celso.

*
* *

Sete annos mais tarde, já proclamada a Republica, o estadista bahiano tem a idéa da fundação de um orgão de publicidade. Uma grande folha de doutrina, como elle a imaginava, que discutisse os assumptos nacionaes com elevação e com criterio, que pugnasse pelos direitos e pelos interesses do povo, só olhando a esses direitos e a esses interesses, que velasse pela bôa marcha dos negocios publicos, sem preoccupações secundarias de personalidades. Nada de insultos. Nada de combates systematicos. Nada de questões pessoaes. O idealista sonhava ainda.

Data dahi a fundação, em 1891, do *Jornal do Brasil*. Para jornalista, como elle encarava a profissão, tinha Rodolpho Dantas

os requisitos necessarios. Uma cultura generalizada de todos os assumptos aprimorava-lhe a bella intelligencia. Conhecia tão aprofundadamente a literatura portugueza, a literatura italiana, a literatura franceza, a literatura britannica, como conhecia a brasileira.

A vida dos grandes estadistas e homens publicos de França e de Inglaterra eram-lhe perfeitamente familiares.

Discutindo qualquer assumpto revelava uma mão de mestre. Anteriormente, sob o nome de *Lincoln*, escrevera artigos magistraes nos "a pedidos" do *Jornal do Commercio*, ao lado de Ruy Barbosa, Barros Pimentel, Gusmão Lobo, Joaquim Nabuco, todos quatro tambem com pseudonymos inglezes. Os inglezes do sr. Dantas, como os chamava, ironicamente, Martinho Campos.

Agora no *Jornal do Brasil* a penna de ouro de Rodolpho estaria, talvez, mais afinada... Nabuco dizia: *é um jornal saido de um gabinete de estudo*.

A actuação do grande brasileiro não é devidamente interpretada no seu meio. Em 1891 o receio da restauração da monarchia era ainda um caso sério! Rodolpho desgosta-se e de novo regressa á vida particular. Segue para o estrangeiro. Annos depois, em

setembro de 1901, essa dolorosa noticia ecôava de bôca em bôca:

— Morreu Rodolpho Dantas!

Elle foi, incontestavelmente, um dos maiores vultos de sua época, duplamente notavel pelas qualidades de talento como pelas qualidades de coração.

VISCONDE DE INHOMIRIM

Figura singular de pamphletario a de Francisco de Salles Torres Homem. Formado em direito e em medicina pela Faculdade de Paris, começa a sua vida publica nas columnas da imprensa. Publicando na França, em 1830, nos seus 18 annos, a "revista brasiliense" "Nictheroy", o moço estudante revela, desde então, os primores da sua vocação para o jornalismo. E' a carreira que o attrae, que o conquista, que o seduz. Os grandes espiritos, principalmente os grandes espiritos liberaes, consagraram-lhe sempre esta sympathia envolvente, esta inclinação respeitosa. Ella é o orgão que fala ao coração e ao sentimento do povo, pugnando pelos interesses maximos da collectividade, defendendo as causas nobres, justas e elevadas, agitando os problemas principaes da nacionalidade, discutindo-os, elucidando-os. O temperamento vivo, ardoroso, independente de Salles Torres Homem adaptava-se, perfeitamente, a isso. Gostava de falar ás

massas, sem pêas na lingua, com desassombro, altivamente, intemeratamente, verberando os abusos da força, a intolerancia dos governos, os máos costumes da sociedade, procurando o vicio, com a sua lanterna de luzes poderosas, onde quer que elle se occultasse, para cauterizal-o com o fogo de sua penna em braza.

Tornando ao Brasil, no seu regresso de Paris, diplomado em duas carreiras distinctas, senhor de uma illustração que, na sua edade, não se poderia exigir maior, nem mais completa, ingressa na agitação do periodismo carioca sob os auspicios de Evaristo da Veiga, na "Aurora Fluminense". De 1831 a 1833, escreve n'"O Independente", de 37 a 38 no "Jornal dos Debates Politicos e Literarios", de onde sáe para succeder a Evaristo na direcção da "Aurora"; de 39 a 40 n'"O Despertador", de 41 a 42, n'"O Maiorista", em 43 n'"O Pharol", por fim no "Correio Mercantil", ao lado de Francisco Octaviano e de Silva Paranhos, futuro Visconde do Rio Branco. Mais de uma dezena de annos, como se vê, consagrada ao labor da actividade diaria do jornalismo, nesse contacto de todos os instantes com o povo, nessa identificação de todos os momentos com os interesses e as necessidades do paiz.

A carreira não é livre de escolhos. Offerece as suas difficuldades, os seus dissabores, as suas provações, experimentando a tempera e a fortaleza moral dos lutadores que se arriscam por essa estrada pejada de perigos innumeros e insondaveis. O homem de imprensa que, pela covardia ou pelo suborno, põe a sua penna ao serviço do poder contra a liberdade, ou ao lado dos aventureiros contra as conveniencias da nação, este não se conta, não merece, nem póde merecer a consideração ou o respeito da sociedade. Este se afunda, de logo, no poço da lôdo de sua propria abjecção, desmoralizando e compromettendo aos que soffrem os seus elogios susupeitos e desvalorizados. Torres Homem comprehendeu sempre a profissão no seu papel mais alto de orientar com independencia a opinião publica, sem ligações a interesses pessoaes, nem prisões a conveniencias subalternas. Por isso mesmo padeceu as consequencias do officio, pagando o tributo devido ao desassombro de suas convicções.

Em 1837, combatendo no "Jornal dos Debates Politicos e Literarios" os excessos da Regencia Feijó, expõe-se aos perigos da politica aggressiva do padre desabusado e violento que dirigia, então, despoticamente, os destinos do paiz, numa phase revoluciona-

ria que balouçava, ameaçando-o, na sua existencia, o proprio throno.

Torres Homem não media consequencias no desempenho da sua funcção jornalistica, que attingia, aos seus olhos, o caracter de um verdadeiro apostolado. Nunca lhe preoccuparam, um instante, os perigos pessoaes a que o expunha a sua ardente combatividade. Quando rebenta em São Paulo e em Minas o movimento de 41, ninguem o excede no vigor com que anima a revolta. O ministerio Aureliano inicia a reacção; o jornalista atrevido redobra de vehemencia e não se cala senão quando, fechado o Club Liberal, lhe apontam a elle, Limpo de Abreu e tantos outros patriotas illustres, o exilio no estrangeiro.

Em 1845, a sua actividade passará a ser exercitada no parlamento. Pela primeira vez é enviado, pela provincia de Minas, á Camara dos Deputados, reeleito em 48, pelo Rio de Janeiro, para, depois disso, só tornar ao congresso dez annos mais tarde, em 57, já então eleito não mais pelos liberaes e sim pelos conservadores.

Data de 48 o celebre "Libello do Povo", que Torres Homem desfechou contra a monarchia e a propria familia imperial, redigido numa linguagem quente, incisiva, brilhante e, sobretudo, profundamente offensi-

va. No momento constituiu uma sensação. Nos dias que se seguiram ao em que foi lançado á publicidade tornou-se o assumpto obrigatorio de todas palestras, a nota dominante da época. Foi, no dizer de um contemporaneo, "uma erupção vulcanica, em que o autor estudou em ondas de fogo a situação politica, demonstrando com exaltamento febril a improficuidade dos meios normaes para a salvação das instituições liberaes." "No empenho de ferir-se de frente o chefe do Estado, ahi se abre e estende-se o processo e lavra-se a sentença contra a casa de Bragança, sem que, ao menos, em suas lavas, se poupe ao sexo que obriga o respeito."

Em 1851, o gabinete Costa Carvalho, cuja tolerancia, depois da victoria, tanto contrastava com a violencia a que o obrigara a revolução de Pernambuco, infunde aos politicos um sentimento geral de sympathia, amortecidos os odios, anhelantes todos os espiritos por um periodo de calma, de apaziguamento das paixões e de paz reconstructora. Torres Homem acompanhando, então, essa toada, elogia "a marcha proveitosa do governo para o fim de se approximarem os homens de bôa fé e patrioticos". Apoia o Ministerio da Conciliação, que logo se fórma, e acceita um logar na direcção do Banco do Brasil. Tudo isso, elle o fez bem in-

tencionado, no seu desejo de prestar serviços ao paiz, sem que lhe influissem, de modo algum, no animo, a seducção dos proventos pessoaes. Os seus correligionarios, porém, assim o não entendem, e sem contemplações com o amigo que tantos serviços lhes prestara, investem contra elle, furiosamente, censurando-o com acrimonia pelo que, ás suas vistas, se lhes afigurava uma conducta pouco limpa. Isso marca o afastamento de Torres Homem do partido. Aggressões tão pesadas e tão injustas tinham sido arremessadas contra elle que a sua permanencia entre os liberaes importaria, agora, numa demonstração irrecusavel de falta de caracter. Emquanto assim procediam seus antigos companheiros, abriam-lhe os braços, os conservadores, na satisfação de poderem contar no seu seio com um elemento que, por todos os titulos, só lhes poderia ser util e vantajoso.

Especializando-se em direito constitucional, em finanças, em economia politica, não demora de tornar-se uma das figuras mais capazes do parlamento. Em 1857, a sua luta com Souza Franca, ministro da Fazenda, dá-lhe um relevo singular. Investe contra a sua politica financeira com a afoiteza de um athleta e, victoriosamente, numa campanha memoravel, arrebata-lhe a pasta

das mãos. No desempenho do seu novo cargo, o antigo director da "Aurora Fluminense" tem de enfrentar uma das mais carregadas tormentas que passaam pelo firmamento da politica parlamentar do 2º reinado. Souza Franco, na sua gestão infeliz e desastrada, legara ao seu successor uma herança horrorosa. Torres Homem tinha previsto tudo isto: a desvalorização do papel moeda, a quéda do cambio, a desconfiança nas transacções, a "perturbação do commercio legitimo", uma vez que se concedesse a bancos diversos a faculdade de emissão." "Não admittir papel moeda inconversivel em moeda metallica", tinha sido sempre o seu principio. Desattenderam seus conselhos e o resultado foi a crise maior que até então conhecera o imperio. A acção de Torres Homem, no governo, vale bem como uma consagração. A proposta que elle apresenta, regularizando a situação financeira provoca no parlamento, é verdade, uma longa agitação. "Discursos violentos duravam dias inteiros, recriminações odiosas, apodos insultantes, peturbações da ordem, conturbavam a todo o instante o recinto dos legisladores, e fóra da Camara, agitações populares promovidas pelos interessados na não conversão em lei da proposta bancaria presagiavam tempestades temerosas". O ministerio Limpo de

Abreu não podendo resistir ao temporal succumbe em meio a procela. A victoria parecia fugir para bem longe do autor do "Libello". Todavia ella nunca esteve tão perto. O novo gabinete que se fórma sob a direcção de Ferraz, liga-se a Itaborahy, encampa a proposta Torres Homem e toma a sua conta promover a sua passagem, no Senado, o mais depressa quanto possivel. Narra-se, mesmo, que o futuro visconde de Inhomirim, tendo o prazer de ver votando pelo seu projecto diversos dos que mais violentamente o haviam impugnado, ia exclamando, em voz alta, sonora, que todos escutavam: — Mais uma esquife que passa!

O jornalista cedera logar, integralmente, ao parlamentar, e a força deste não se mostrava inferior ao daquelle em coisa alguma. Campanhas empolgantes encontraram no deputado pelo Rio, ao lado de um batalhador infatigavel, uma palavra maravilhosa. Em 1862 é elle quem põe abaixo o ephemero gabinete dos seis dias, presidido por Zacarias, apresentando no debate de um projecto sobre promoções, a moção secca, simples, incisiva, que liquida a situação recem-formada: — *"Requeremos o adiamento dessa discussão até que a Camara possa convencer-se que o ministerio está disposto*

a executar fiel e restrictamente o presente projecto de lei."

Octaviano, Martinho Campos, Saraiva saem a campo a defender o governo. Baldado esforço. Elle estava no chão, sem mais salvação possivel.

A indicação de Torres Homem para o Senado, em 1868, dá origem ao incidente que se tornou famoso entre a corôa e o ministerio. O seu nome vinha na lista triplice votada pelo Rio Grande do Norte, e Pedro II de logo se deliberára a nomeal-o. Zacarias, presidente do conselho, diverge do monarcha. O imperador não accede. Tem o direito, inherente ao poder moderador que a Constituição lhe assegura, de fazer, neste caso, livremente, a escolha. Insiste pela sua resolução. Zacarias não concorda e deixa o poder, ruidosamente, dando publicidade ao escandalo.

O caso dessa escolha senatorial colloca, aliás, Pedro II numa nobre posição. Ninguem, no imperio, atacára mais desabridamente, ao imperador do que Salles Torres Homem. Da primeira vez que o convidam para ministro esse facto repercute como um escandalo.

— Nos conselhos da corôa o autor do "Libello do Povo?", era a pergunta, insistente, reiterada, que se fazia, no momento,

em todas as rodas, onde os commentarios todos convergiam para aquelle ponto. O monarcha não era homem de guardar resentimentos pessoaes. Acima de tudo jámais deixou de collocar o interesse do paiz. E' esta uma superioridade moral que ninguem lh'o poderá contestar. A indicação, mesma, de Torres Homem para a pasta da Fazenda fôra uma suggestão directa que elle fizera a Limpo de Abreu, organizador, então, do gabinete de 12 de dezembro. Insistindo agora, pela escolha do senador pelo Rio Grande do Norte, falava em D. Pedro a consciencia do dever. Tinha a certeza de cumpril-o quando preferia o grande parlamentar a qualquer um dos seus dois outros competidores, que não tinham nem o seu valor, nem a sua reputação, nem o seu passado.

Ministro da Fazenda, pela segunda vez, em 1870, na combinação São Vicente, conselheiro de Estado, visconde de Inhomirim, Salles Torres Homem galga, como se vê, as mais altas posições do seu tempo, morrendo, afinal, em 1876, aos 64 annos.

Estudando-se a sua individualidade, não será demais affirmar que o intellectual sobrepuja nelle, de modo notavel, ao politico. Apezar de ter sido, como diz o visconde de Taunay, "dos mais discutidos, applaudidos e admirados do segundo reinado", o que pre-

domina, essencialmente, em Salles Torres Homem é o homem de letras, o leitor assiduo de Racine, de Dante, de Chateaubriand, que, falando, ou escrevendo, legou-nos paginas de alta sabedoria e da mais viva eloquencia, delle nos podendo dizer o mesmo Taunay, num juizo critico de extrema e rigorosa precisão, que "raros imprimiram a tudo quanto fizeram e intentaram fazer tamanho cunho de superioridade."

VISCONDE DE ABAETÉ

Quando em 1823, com a proclamação da Independencia, a provincia de Minas Geraes enviou á Côrte uma commissão especialmente incumbida de apresentar as suas felicitações á Assembléa Constituinte, um portuguez figurava como parte integrante da delegação.

Era Antonio Paulino Limpo de Abreu.

Nascido em Lisboa aos 22 de junho de 1798 e formado em Coimbra, acompanhára a familia real quando D. João VI se viera estabelecer no Brasil. E seguindo para a terra gloriosa de Tiradentes, que tomaria, mais tarde, como sua terra de adopção, logo se salienta na magistratura, galgando, numa carreira rapida e luminosa, os mais elevados postos na Justiça, até o de ministro do Superior Tribunal.

Vem ao Rio em 23, no desempenho da signifiactiva missão dos seus conterraneos,

e volta em 26, na representação de Minas á primeira Assembléa Legislativa brasileira.

Desde logo começa a brilhar, como um dos astros de primeira grandeza do parlamento nacional. A oratoria é-lhe uma qualidade inata ao espirito.

Como orador possue as mais variadas qualidades para se fazer agradavel na tribuna: a solemnidade do porte, a sympathia da voz, a propriedade dos gestos, a tudo o que se vem alliar a precisão de linguagem, o arrebatamento e a convicção com que, por vezes, se eleva ás alturas da mais viva eloquencia.

Não raro arrebata e commove, impressiona e convence. Não tarda a encher de fama o seu nome e tornar-se, entre os seus pares, uma dessas figuras privilegiadas, que os partidos disputam sempre como figuras preciosas, orgulhando-se quando as póde contar entre as que lhes enchem as hostes.

Em 1835, indo Feijó assumir a direcção do paiz, como Regente, fal-o seu ministro, ministro da mais intima confiança e o com que mais conta para as porfiadas campanhas do parlamento. Dos quatro gabinetes com que governou, Limpo de Abreu fez parte de tres, ora na pasta da Justiça, ora na pasta do Imperio, ora na dos Estrangeiros, quando não simultaneamente em todas ellas.

E' um multiplicar de actividade que o ministro affronta serenamente, em meio a toda aquella agitação, sem titubeamentos e com enthusiasmo, na satisfação intima de bem servir á sua extremecida patria de adopção.

E' sabido o que foram as lutas parlamentares na regencia Feijó. Os debates attingiam o tumulto. A confusão, a balburdia, a troca de insultos, a ameaça de pugilatos, eram scenas de todas as sessões a que assistia aquella Camara febril e vibrante de civismo. Houve momento em que as mais altas capacidades oratorias do congresso formavam um bloco granitico, compacto, de resistencia e opposição aos actos do regente. Limpo de Abreu, *leader* do gabinete na Camara temporaria, enfrentava a todos com um destemor admiravel, acceitando as discussões mais amplas, investindo sempre nos debates mais apaixonados, "deslumbrando á força de talento."

Era sempre exacto, minucioso e logico na sua argumentação, sem lhe faltar, quando necessario, um fino sarcasmo, dito muito a proposito, com as phrases mais cortezes, porém ferindo fundo o adversario contra quem era dirigido.

E assim atravessou aquella situação an-

gustiosa que só encontraria salvação no golpe revolucionario da Maioridade.

Foi outra disputa memoravel a que o deputado por Minas foi chamado a intervir com as luzes de sua palavra esclarecida.

Quando Honorio Hermeto, mais tarde Marquez de Paraná, sentindo a pressão da opinião, contrapuzera ao projecto de Martim Francisco, da maioridade immediata, o da maioridade quando D. Pedro completasse 15 annos, foi Limpo de Abreu, ao lado dos dois irmãos Andradas, um dos chefes da campanha de que resultou, depois do adiamento das Camaras, ordenado por Araujo Lima (Marquez de Olinda), a revogação desse decreto para que do poder fosse logo investido o joven Imperador.

No Ministerio da maioridade a pasta da Justiça é confiada á direcção de Abaeté, essa mesma pasta que exercera, cinco annos antes, sob a chefia de Feijó, e onde, máo grado as circumstancias anormaes da época, teve occasião de firmar qualidades de administrador esclarecido e probo.

Comparecendo á Camara para a discussão do orçamento da Justiça forma-se, em seu derredor, uma roda viva de perguntas e interpellações que o ministro, com habilidade, responde ou contorna, mas solicitando

sempre o concurso dos adversarios para o programma conciliatorio do gabinete.

No ministerio, a ligação de Limpo de Abreu é toda com os Andradas. Nas eleições geraes é o grande companheiro e braço direito de Antonio Carlos na politica de reacção, que provocará em torno dos ministros uma atmosphera de odiosidades e antipathias.

Na crise ministerial aberta com as divergencias, em face da revolução rio-grandense, de Aureliano (visconde de Sepetiba) com os Andradas, colloca-se ao lado destes, com elles se retirando na quéda do primeiro ministerio da maioridade, em 21 de março de 1841.

Cinco annos mais tarde, em 1845, volta de novo Limpo de Abreu ao governo, numa combinação de que faziam parte Almeida Torres, Alves Branco e Albuquerque, occupando elle a pasta dos Estrangeiros e interinamente a da Justiça. A este tempo a reputação de Limpo de Abreu como administrador e como estadista era já uma reputação consolidada.

Em 1833, exercendo a presidencia de Minas, revelara qualidades apreciaveis de direcção, tino administrativo, segurança de acção. Agora nos seus 47 annos de edade, o orador nervoso, insinuante, attrabiliario,

quasi, da Regencia Feijó, nada tem perdido, na eloquencia e na vivacidade, reunindo, a mais, dez annos de experiencia, que não representam pouco na vida de um homem publico.

Em 1847, ingressa no Senado. Era esta, no Imperio, a suprema consagração politica. Entrar na camara vitalicia era passar á categoria dos chefes, era o descanso, era a sagração ultima. Conselheiro de Estado no anno immediato, faz parte em 1848 do gabinete de 8 de março, presidido por Macahé, desempenhando, logo no começo, duas pastas, a dos Estrangeiros e a da Fazenda. E' a época da revolução praieira de Pernambuco, o que tanto vale dizer que importava ser ministro em quadra tão grave e agitada da vida nacional.

No ministerio da Conciliação, (6 de setembro de 1853), Limpo de Abreu, pela terceira vez, acceita a direcção dos negocios estrangeiros, sendo com o velho Nabuco de Araujo, as duas figuras maximas do gabinete presidido pelo Marquez de Paraná.

A' presidencia do conselho só em 1858 ascende o grande liberal, desta vez com a pasta da Marinha, e já Visconde de Abaeté, desde 1854. Não era mais, entretanto, o homem de lutas que nos dias memoraveis da Abdicação, da Regencia e da Maioridade tan-

to soubera se exalçar. O gabinete de 12 de dezembro elle o constitue com nomes da altura de Nabuco, Rio Branco, Salles Torres Homem.

E' um ministerio que encontrará, pela frente, uma das opposições mais desbragadas que se conheceram no parlamento sob o 2º Reinado. Elle incluira no seu programma a conciliação, no sentido — declarou-se — de "moderação na politica, de justiça na administração e de progresso reflectido e pautado no desenvolvimento das idéas e das necessidades publicas". — Mas tanto se apresenta á Camara a reforma financeira de Torres Homem e logo se desencadeia, terrivel, a tormenta.

Na discussão dos orçamentos, depõe Pereira da Silva, "os ministros eram desabridamente aggredidos". "Discursos violentos duraram dias inteiros, recriminações odiosas, apodos insultuosos, perturbações da ordem, conturbavam a todo o instante o recinto dos legisladores."

Explicando, mais tarde, a retirada do gabenete dirá Salles Torres Homem: "Era impossivel a posição de ministro a quem se prezasse de pundonor. Recorreu-se a excessos lamentaveis, de que não tinha havido exemplos na tribuna legislativa, ainda nos pe-

riodos mais tempestuosos de nossa historia politica."

O visconde de Abaeté não era mais o homem desses momentos. Accusam-n'o de não ter auxiliado com a sua intelligencia e a sua actividade o ministerio que presidia, contemplando "quasi silencioso, a luta travada". A verdade é que Abaeté, sem forças, nos seus 60 annos, não passava, como dizia Joaquim Nabuco, de um "sobrevivente do primeiro reinado e da Regencia". "A politica que o havia fascinado na sua mocidade era agora para elle um objecto de estudo, de analyse, de satyra — um theatro, onde elle ainda consentia em figurar e que usassem de seu nome nos cartazes, mas de que não sentia mais o prazer e o encanto."

Era a ultima vez que Abaeté subia ás culminancias do governo.

Em 1880 chamado á presidencia do conselho para succeder a Sinimbú, terminantemente o recusa, allegando, então, estes tres interessantes motivos que os historiadores contemporaneos registraram: "1º — que a sua edade e soffrimento o impeciam de tomar uma parte activa nos negocios politicos; 2º — que não se reputava á si — proprio — para guiar homens novos, que não conhecia; 3º — affirmava que, se pedisse ás camaras

os meios de fazer o bem do paiz, duvidava que ellas os dessem."

Deixando o poder em 1859, passará, dois annos mais tarde, para a presidencia do Senado, que exercerá até 1873, num longo espaço de 12 annos.

Morre nos seus 85 outonos, em 14 de setembro de 1883, cercado da maior estima e veneração do seu paiz. Era um politico que acompanhára a vida nacional desde a proclamação da Independencia. A politica para elle, diz Nabuco, tinha se tornado então "uma disponibilidade activa", da qual apreciava sómente o privilegio de dar o seu voto em conselho de ministros, ou no conselho de Estado, fazendo sentir a autoridade de sua experiencia ás novas gerações de estadistas."

Todos o consideravam, todos o ouviam com respeito e sympathia se não amizade, todos o admiravam como uma reliquia da patria, com uma revivescencia gloriosa de um passado glorioso.

O velho liberal passára no parlamento 57 annos, fóra 35 annos conselheiro de Estado e contadas as pastas ministeriaes que exerceu effectiva ou interinamente, verifica-se ter sido 12 vezes ministro, 5 dos Estrangeiros, 3 do Imperio, 2 da Justiça, 1 da Fazenda, 1 da Marinha.

Como diplomata desempenhou no Prata delicadas missões, como enviado extraordinario e ministro plenipotenciario. Ao deixar a vida, era grande do Imperio, dignatario do Cruzeiro, grã-cruz da ordem de Christo, tendo nos legado, entre outros trabalhos, um "Tratado de Commercio" e um Protesto, feito como Ministro dos Estrangeiros contra o acto do parlamento inglez, que "sujeitava os navios brasileiros, que fizessem trafico de escravos, ao alto tribunal do almirantado britannico."

Assim decorreu a existencia de um dos maiores vultos do Imperio Brasileiro.

VISCONDE DE OURO PRETO

Querer se attribuir ao Visconde de Ouro Preto a quéda da monarchia brasileira, em 15 de Novembro de 1889, é não conhecer os factos, na verdade de como elles se passaram, ou inverter-se a significação que elles têm e outra não póde ser. O que fez a Republica foram, as questões militares. Se ellas não occorrem, o imperio, pelo menos tão cedo, não haveria baqueado. A idéa republicana, como entendem alguns dos nossos escriptores, poderia ter sido sempre uma idéa innata na consciencia do nosso povo. Mas o que ninguem seguramente affirmará é que, em 89, quando Deodoro se poz á frente do movimento triumphante, a Nação estivesse siquer preparada para o advento do novo regimen.

As questões militares, insistentes, successivas, reiteradas é que deram em baixo com a Corôa.

O fermento do militarismo punha os espiritos em desordem, semeava a desconfiança, gerava o descontentamento. A abolição da escravatura, feita de uma maneira muito rapida, em se tratando de medida tão radical, desorganizára o trabalho, implantara, na burguezia, o desamor á realeza, a indifferença por ella, mais do que isso, uma especie de antipathia pessoal contra a princeza, a quem caberia a successão do throno, e que se havia tanto identificado com a causa da emancipação.

Foi num ambiente destes, confuso, carregado, que a 7 de junho de 89, Pedro II recorria aos talentos e ás aptidões do Visconde de Ouro Preto, incumbindo-o da organização do gabinete que deveria succeder ao de João Alfredo.

Todos sentiam, claramente como a atmosphera era pesada. Joaquim Nabuco, recebendo na Camara, o novo governo fazia votos para que elle não viesse a ser "em caso algum", o "ultimo da monarchia". Pouco antes, Gaspar da Silveira Martins, commentando a saida de Cotegipe e as circumstancias singulares em que ella occorrera, exclamava na Camara, num brado de angustia de sua atormentada alma de patriota: — *Estamos no caminho da revolução!* E o Barão de Cotegipe, a 13 de maio de 88, quando Isa-

bel, a Redemptora, lhe perguntava se havia ou não ganho a partida, respondia-lhe propheticamente: — *"Sim, senhora... Mas perdeu o throno..."*

O Visconde de Ouro Preto chamado ao governo, nos momentos ultimos da monarchia, não lhe era possivel operar milagres. Ainda assim, em 5 mezes de governo, realizou, como administrador, o que em annos não o conseguiram fazer muitos dos seus antecessores. E como homem de acção segura, serena e energica, nas horas do perigo, portou-se com um desassombro e uma dignidade inexcediveis.

A sua resposta a Deodoro, chefe da insurreição triumphante, ao notificar-lhe este a sua deposição, é uma resposta que ennobrece. São dessas phrases que se gravam em caracteres de ouro e revelam a mais alta consciencia de dignidade que um patriota póde ter.

O proclamador da Republica alludia aos seus serviços na guerra do Paraguay, combatendo dias e noites seguidas, enterrado no lôdo... Ouro Preto replica-lhe, então, com toda a altivez e todo o desassombro, inteiramente dentro do seu papel: — Não é só no campo de batalha que se serve á patria e por ella se fazem sacrificios. Estar aqui ouvin-

do o general, neste momento, não é sómenos a passar alguns dias e noites num pantanal...

E dizia isso, em occasião que a sua vida corria imminente perigo, ameaçado de fuzilamento, pouco depois do bravo almirante Ladario, seu ministro da Marinha, haver sido espingardeado nas portas daquelle mesmo predio em que elle se achava...

Tem-se escripto que Ouro Preto, ao ser convidado para succeder a João Alfredo, não era absolutamente o homem para a situação melindrosa em que nos encontravamos. Tornava-se necessario ceder, recuar, transigir, talvez, até, deixar-se humilhar, e o visconde não se prestaria, nem mesmo se o quizesse, a papeis desta ordem e natureza. Isso é, simplesmente, uma maneira de ver e entender as coisas. Para mim quando a situação de um governo toca a tal extremo, o governo está no chão. Se era essa a da monarchia brasileira em junho de 89, não havia mais salvação possivel para ella. A verdade é que o presidente do Conselho fez quanto teria alguem podido fazer para manter o Imperio. E se elle succumbiu em suas mãos é porque não subsistiria mais nas de nenhum outro. Quem analysa, hoje, os acontecimentos daquella época e dá aos factos a sua devida, justa e exacta interpretação, ha de reconhecer que o chefe do

gabinete de 7 de junho procedeu, deante da terrivel emergencia, com a moderação, o tacto, a prudencia e a energia que eram necessarias. Em face da crise quem quer que fosse não agiria com mais criterio, nem maior acerto. Teria caido como elle e talvez na quéda, não houvesse collocado tão bem a dignidade do governo. Saber cair é, ainda, uma das coisas mais difficeis da vida. Ouro Preto soube fazel-o brilhantemente, para depois poder dizer, como disse:

— Ha alguma coisa de mais glorioso que o triumpho: — ser vencido na defesa do direito, — o sacrificio pelo cumprimento do dever.

Outra affirmação, por vezes diversas repetidas, é de que foi o grande estadista quem provocou a questão militar, pelo seu temperamento forte de não ceder, pelo seu programma de reacção contra o militarismo, pelos seus actos de perseguição á classe, pelas suas constantes ameaças, reiteiradamente feitas a ella. E' mais uma deturpação da verdade. A questão militar, surgida no gabinete Cotegipe, não se póde dizer seguramente que houvesse acabado. Entrou num periodo de incubação, mas permaneceu sempre latente. A balela das provocações do governo não passou de uma arma de combate brilhantemente manejada pelo *Diario*

de Noticias, onde trabalhava Ruy Barbosa, e pelo jornal de Quintino Bocayuva. Foram esses dois orgãos de publicidade que alimentaram a crise militar, empregando todos os seus esforços em atirar o Exercito contra o gabinete. Os actos mais insignificantes da administração adquiriam proporções immensas, vistos através das lentes poderosas que lhes antepunham essas folhas.

Ouro Preto, ao assumir o poder, confiára a pasta da Guerra ao visconde de Maracajú, então um dos mais prestigiosos chefes militares de sua classe. O ajudante-general do Exercito, a segunda pessoa do ministro, era Floriano Peixoto, tambem de grande popularidade e de conceito entre os collegas. O presidente do Conselho timbrava, attendendo, mesmo, á delicadeza da situação, em não deliberar nada na Guerra que não fosse de accôrdo com um e com outro. O visconde de Maracajú "fez sempre as promoções que lhe approuve", jámais deixando de obter o apoio dos seus companheiros de ministerio para todas as medidas que solicitou. Como o chefe do gabinete deveria accentuar, mais tarde, no manifesto de Tenerife, o seu ministro, "alta patente do Exercito, em cujo serviço ganhara todos os postos e distincções, devia conhecer-lhe bem as necessidades, reclamações e descontentamen-

tos, não podia tão pouco ser indifferente aos seus interesses que lhe eram communs". Entretanto elle nunca o preveniu "de que assistiam á corporação razões de queixa contra o governo", jámais levou ao seu conhecimento "qualquer representação, ou formulou proposta ou exigencia em favor da classe que deixasse de ser attendida."

Accusam muito Ouro Preto desse injustificado acto de perseguição: o de haver mandado recolher ao Rio o marechal Deodoro, "sem a menor attenção ao seu alto cargo e aos muitos serviços que elle prestára ao paiz". Curiosa arguição! Quando João Alfredo organizou a expedição de Matto Grosso, com o fim unico e deliberado de afastar Deodoro daqui, esse acto foi reputado *uma perfidia,* um attentado revoltante e clamoroso contra os brios do Exercito. Pois a revogação desse acto, a reintegração do chefe militar, insidiosamente embarcado para regiões longinquas, no logar onde elle estava anteriormente, a reparação da affronta, será isso, o que constitue uma provocação? Deodoro sente-se offendido por que um governo o faz seguir, por perseguição, para Matto Grosso. E sente-se depois injuriado por que outro governo, a conselho do ministro da Guerra, que lhe dirige tal pedido como uma das suas primeiras medidas administra-

tivas, o faz voltar para onde elle, anteriormente, se encontrava muito a gosto!... Será isso possivel?

Não, não foi o Visconde de Ouro Preto quem deu causa a conspiração victoriosa em 15 de novembro, conspiração em que aliás até a ultima hora, apezar dos avisos anonymos que recebia, elle não podia dar inteiro credito. Tão pouco ella se tornou vencedora pela falta de acção ou de providencias energicas e urgentes que a situação exigia. O presidente do Ministerio confiava, desconfiando sempre... O visconde de Maracajú tranquillizava-o, quando chamado a fala, com as declarações mais peremptorias de "nada occorrer de extraordinario" e estar alerta acompanhando gráo a gráo, as descidas e subidas do thermometro.

O Barão do Rio Apa, em 11 de novembro, quatro dias antes da Republica, declarava-lhe em carta do seu punho escripta e assignada: "Os corpos da minha brigada são todos muito disciplinados e cumprirão sempre as ordens do governo". E mais: "Creia V. Ex. que todos os corpos do Exercito são disciplinados e que com elles o governo póde sempre contar". "A disciplina é uma religião para o soldado, e elles amam muito a sua bandeira para darem-se em espectaculo triste, á vista da população, desobedecendo

ao seu governo". Floriano Peixoto, por sua vez, no dia 13, em face dos boatos de movimento, escrevia: — "Não dê importancia, tanto quanto seria preciso, confie na lealdade dos chefes que já estão alerta".

Rebentando a sedição, o estadista mineiro foi de uma actividade inexcedivel. Um bravo general no campo de batalha, não se portaria com mais denodo. Foi pessoalmente organizar a resistencia no Arsenal de Marinha, no Ministerio da Guerra, interrogando a uns, animando outros, pedindo sempre informações, transmittindo sempre ordens. Reconhecendo tudo minado, sentindo, a cada passo, a inacção da defesa, vendo as suas determinações desobedecidas, as forças revolucionarias avançando e as da legalidade sem se aprestar para a reacção, ainda assim o chefe do governo não se mostrava esmorecido. E, animado apparentemente, confiante, continuava a mandar e insistia desta fórma, até o derradeiro instante. Já as tropas de Deodoro acampavam defronte do ministerio, contra elle voltados os seus canhões, e o visconde de Ouro Preto instava ainda, para que ellas fossem accommettidas.

— E' impossivel! As peças estão assentadas de modo que nos poderão anniquillar, destruindo o edificio, mantando-nos a todos:

Elle, porém, não attendia:

— Mas essa artilharia póde ser tomada a bayoneta. Na pequena distancia em que se acha postada, entre o primeiro e o segundo tiro de uma peça, ha tempo para cair sobre a guarnição... No Paraguay, os nossos soldados apoderavam-se de artilharia em peores condições!

Estava tudo acabado, a monarchia em baixo, a Republica proclamada!

Façamos justiça ao presidente do ultimo gabinete. Quando se lhe confiou a direcção dos negocios publicos, o imperio agonizava. O que era possivel fazer pela salvação do moribundo elle o fez. O doente é que era victima de mal sem remedio. Ouro Preto não podia ter duvidas sobre o fim proximo do regimen. Por isso mesmo, a despeito das formaes declarações que os mais autorizados chefes militares lhe faziam, reiteiradamente, da sua lealdade á corôa, elle não acreditava muito no que ouvia... O de que poderia estar, então, convencido é de que a revolução não estivesse para tão depressa. Se o grande estadista não livrou a derrubada da monarchia em 89 é que nenhum outro homem publico do seu tempo o teria conseguido evitar. Talvez, até, se outro fôra o presidente do Conselho, a Republica houvesse sido proclamada antes de 15 de novembro...

LEÃO VELLOSO

A familia Leão Velloso deu á patria, na monarchia e na Republica, dois grandes vultos do jornalismo brasileiro, Pedro Leão Velloso e o filho de egual nome, que foi, sob o actual regimen, uma verdadeira gloria de nossa imprensa, ambos hoje continuados nessa mocidade cheia de vigor e de talento que é a de Antonio Leão Velloso, uma das figuras mais brilhantes da nossa moderna geração de escriptores.

O velho era politico daquella pleiade de homens extraordinarios que o advento do presidencialismo liquidou, politico á moda antiga, quando os homens publicos, no desempenho de suas funcções, pouco se lhe importavam o pensamento ou a vontade da gente do poder, que elles agiriam sempre como melhor os aconselhasse a consciencia e haveriam de dizer as verdades que entendessem, desagradassem ellas a quem quer que fôsse. Os estadistas do passado regimen não conheceram nunca esse terror supersticioso

em frente aos que se poderiam dizer que encarnavam a fôrça. A generalidade, presentemente, dos nossos politicos, tem um verdadeiro feitichismo pelo presidente da Republica, autoridade que se renova de quatro em quatro annos. No imperio, o monarcha, perpetuo, tendo em suas mãos o poder moderador, e com a influencia que Pedro II jámais deixou de exercer sobre todos os negocios do Estado, elle foi muitas vezes, aggredido individualmente, nos termos mais energicos. Um Olinda collocava-se contra a maioridade e, vencido, affastava-se do Paço, sem preoccupações de se explicar. Paraná rompia pessoalmente com o imperador e deixava a presidencia do ministerio. Zacarias abria conflicto com a Corôa, por querer se attribuir funcções que eram exclusivamente della, e abandonava com ruido as posições officiaes. No Parlamento palavras altamente insultuosas e profundamente injustas se proferiram contra o imperador. Hoje ha o cuidado de adivinhar-se os desejos mais reconditos de quem quer que seja que os azares da sorte colloque no Cattete...

Oliveira Vianna, cujo nome declino sempre com a mais profunda sympathia, contesta que tenha havido a degeneração do caracter nacional. Mas a ser isso verdade, não sei francamente como explicar a maior parte

dos phenomenos politicos e sociaes que se vão apresentando á nossa observação, principalmente nestes ultimos annos.

* * *

Pedro Leão Velloso nasceu em 1828 (1º de janeiro). Recebeu em Pernambuco o seu grão de bacharel em direito e esteve em Sergipe num rapido estagio pela magistratura. O seu temperamento e o seu espirito liberal impelliram-n'o, porém, para a politica, e voltando á São Salvador, foi eleito deputado provincial. Estava iniciado. Sinimbú, em 1856, quando presidiu a Bahia, fel-o director da Secretaria da presidencia. Descobrira no joven jornalista qualidades apreciaveis de talento, de cultura, de caracter, de habilidade politica. Affeiçoou-se a elle e em 1859, por indicação sua, Leão Velloso vê entregue em suas mãos os destinos administrativos do Espirito Santo. Dos politicos do imperio é o que por maior numero de vezes, (nada menos de nove), presidiu provincias. Foi presidente de Alagôas, de 60 a 61; do Maranhão, de março a abril de 61; do Rio Grande do Norte, de maio de 61 a 63; do Piauhy, de 63 a 64; do Pará, de 66 a 67; do Ceará, de 67 a 68, e de 81 a 82; tendo sido presidente interino da Bahia de março

a outubro de 66. Desde a sua primeira investidura demonstrou uma aptidão especial para administrar. Calmo de temperamento, justiceiro por indole, ordeiro, methodico nos seus trabalhos, espirito sempre inclinado á conciliação, inimigo das explosões violentas, Leão Velloso examinava questão por questão, encarava problema por problema, e as suas resoluções pensadas, ponderadas, eram as que melhor podiam satisfazer, no momento, ás necessidades do serviço publico. Administrador, bem se póde dizer modelar, deixou em todas as provincias que dirigiu um traço assignalado da sua passagem.

Mesmo na Bahia, numa interinidade de oito mezes, teve occasião de prestar ao seu paiz serviços da mais alta valia. Era na guerra do Paraguay, o governo central não cessava de reclamar o concurso das provincias para a leva de soldados ao campo da batalha. Leão Velloso deu, nesta época, ao ministerio, auxilio relevante, incentivando o alistamento, impulsionando o voluntariado, provendo para que tudo se fizesse na melhor ordem dentro do mais breve espaço de tempo.

Data de 1867 a sua entrada para o parlamento, como deputado por Sergipe. Sobrevindo em 68 o ostracismo liberal de 10 annos, enfrenta a situação com o animo va-

ronil dos que se não deixam abater pelos contratempos da sorte. A Bahia constitue-se, então, o grande centro da reacção liberal, a trincheira inexpugnavel para que se voltam os olhares admirativos e cheios de enthusiasmo de toda a gente. E o "Diario da Bahia", de que fazem parte Dantas, Leão Velloso, Ruy Barbosa, Bellarmino Barreto, é o baluarte das idéas reivindicadoras dos valentes adversarios do Partido Conservador, e talvez se possa avançar a "alma mater" da reorganização do partido em todo o imperio. Leão Velloso era, nesta phase, "o redactor doutrinario ou o erudito de historia politica e de jurisprudencia parlamentar". Leiamos o depoimento de Manuel Victorino, publicado, em primeira mão, nas columnas do "Correio da Manhã", quando do fallecimento, em 2 de março de 1902, do velho Velloso:

"Conhecia profundamente a historia das instituições e do governo de Inglaterra. A vida dos Jorges, sobretudo Jorge III, todo o estudo do poder pessoal, no paiz classico do parlamentarismo, as questões que se suscitaram ácerca da eleição directa, tudo isto foi apreciado com extraordinaria elevação de vistas e primoroso apuro na fórma e no estylo. Para elle a imprensa foi um apostolado: o jornalismo a mais ampla e vasta das tribunas de onde devia descer a doutrina que

vivifica a bondade e o amôr que educa, a confiança e a serenidade que dominam".

"Dez annos de imprensa e de opposição não lhe fatigaram o talento, nem o caracter."

Quando os liberaes reconquistam o governo, o nome de Leão Velloso surge como dos primeiros indicados para deputado, e elle havia adquirido no seio de seu partido uma posição de tal proeminencia que é o candidato por todos apontado para substituir a Zacarias no Senado, candidato ao mesmo tempo que Dantas, apresentado para a vaga de Nabuco de Araujo. Entram na alta Camara do imperio escolhidos no mesmo dia, pela carta imperial de 19 de outubro de 1878.

Leão Velloso não era homem de tribuna. Falava pouco e constrangido sempre que o fazia. Entretanto, na imprensa, manejava a penna com a galhardia, a destreza e o vigor de um mestre. Não havia assumpto impenetravel á sua sabedoria. Finanças, historia, direito, economia, sociologia, politica, literatura, sobre tudo isso escreveu, versando a materia com perfeito conhecimento do que tratava. "Elle conhece a sciencia no passado e no presente", diz Timon nos seus "Estadistas e Parlamentares". "Absorvido no amor do estudo, é um philosopho no sentido dos antigos."

Em 1882, ao organizar-se o gabinete de 3 de julho, presidido pelo marquez de Paranaguá, serve Leão Velloso como titular da pasta do Imperio. Em oito mezes de governo e nas condições em que se encontrava o ministerio, contra o qual se scindira o Partido Liberal, o estadista bahiano não poderia ter feito mais do que fez. Deu regulamento á Escola de Minas, regularizou a substituição dos lentes das faculdades de Medicina, organizou instrucções para serem observadas nos concursos dos cargos do magisterio superior, deu novo regulamento ao Asylo de Meninos Desvalidos, regulou os estudos praticos nos laboratorios, proporcionou ao Observatorio Imperial os elementos para observar a passagem de Venus sobre o disco solar.

Ao lado do jornalista e do administrador ha a notar, ainda, em Leão Velloso, a habilidade do homem de partido. Esta habilidade teve o ensejo de a revelar em occasiões differentes e coberto de exito. Nem por outra coisa costumava dizer com certa graça, um seu contemporaneo: "Quando o Partido Liberal quizer dar um desmentido ao regimen eleitoral directo incumba ao sr. Leão Velloso a organização de uma Camara á sua imagem e semelhança."

Com a proclamação da Republica dá

por finda a sua carreira politica essa "grande figura de batalhador liberal". Já em 1889 fôra nomeado para o Conselho de Estado, quando a monarchia agonizava... Sobreviveu, ainda, á quéda do throno cerca de 13 annos... Com a sua perspicacia politica, e o seu espirito justiceiro tão chegado á liberdade, como o seu coração de patriota não deveria de ter soffrido, na visão clara dos horrores que o presidencialismo haveria de desencadear sobre um povo, sobre um paiz, cuja indole e cujas necessidades só o regimen parlamentar é capaz de satisfazer...

JOÃO ALFREDO

O conselheiro João Alfredo é uma figura que domina inteiramente o scenario de sua época. Iniciado na politica desde os mais verdes annos — inda menor foi eleito deputado — quando chega, em 71, ao Ministerio, ao lado do viscondo do Rio Branco, era já uma organização completa de estadista. Nelle, principalmente, o que mais se admira não é o orador de palavra facil e vibrante, que sabe externar muito bem, sobre qualquer assumpto, os conceitos mais judiciosos; não é, tão pouco, o administrador esclarecido que deixou sempre assignalada, por feitos valiosos, a sua passagem pelos altos postos que occupou. O que em João Alfredo mais releva a sua personalidade é o chefe politico, é o conductor de homens, é o espirito de organização e de disciplina, é a habilidade com que sabe ceder, no momento opportuno, o que é preciso ceder, e com que sabe resistir, inaccessivel a todos os rogos e a todas as artimanhas do ardil, quando a re-

sistencia é necessaria. Essa penetração, esse bom senso, essa visão pratica fazem-no uma das compleições mais integraes de homem de partido.

Nascido em Pernambuco, João Alfredo concentra e synthetisa todas as qualidades de energia, de altivez e de inflexibilidade que caracterizam o pernambucano. Nesse meio crystalizou o seu caracter. Não tinha desvios. Não tinha fraquezas. Formado em Direito pela então Academia de Sciencias Juridicas e Sociaes de Recife, tendo sido promotor publico e juiz municipal, logo reconheceu que na magistratura não estava a sua vocação. Ainda academico fôra eleito deputado provincial e não se vira reconhecido porque na verificação de poderes, comprovada a sua menoridade, annularam-lhe o diploma. A politica é que deveria ser a sua carreira. Para ella é que estava talhado. A sua inclinação só poderia ser desencaminhada contrariando-se a lei da natureza. João Alfredo reconheceu-o em tempo e entregou-se á advocacia e atirou-se ao jornalismo politico, com a decisão dos fortes e a energia dos que querem e sabem triumphar na vida. E triumphou.

Em 1858 elegem-no deputado provincial e, pouco depois, contando cerca de 28 annos, chegava á presidencia da Assembléa.

Na legislatura de 1861 a 1864 recebe a promoção á deputado geral. E' a figura mais joven de sua bancada. Successivamente reeleito de 69 a 72 e de 72 a 75, é, em 77, incluido na lista triplice e escolhido senador. Anteriormente, em 1860, sob o ministerio de 16 de julho organizado pelo visconde de Itaborahy, exercera a presidencia da provincia do Pará, que elle deixa em 1870, convidado para ministro do Imperio e interinamente da Agricultura, no gabinete de 29 de setembro, dirigido pelo então visconde de S. Vicente. Esse ministerio, cercado de sérias difficuldades desde a sua formação, não durará mais de seis mezes. Ministerio ephemero, feito com a preoccupação de elaborar a reforma do elemento servil, falha integralmente á sua missão. S. Vicente não contando, sequer, com os seus companheiros e havendo collocado, de prompto, contra si, diversos elementos do proprio Partido Conservador, logo se convence da impossibilidade de realizar os objectivos collimados, e antes mesmo da abertura do parlamento decide abandonar o poder, solicitando do imperador a demissão collectiva. Não pôde, assim, João Alfredo realizar coisa alguma. Não houve tempo. Não se lhe deparou opportunidade. Esta vae abrir-se-lhe brilhantemente é no ministerio que substitue

ao de 29 de setembro. Do gabinete de 7 de março de 71, presidido pelo visconde do Rio Branco, faz parte tambem o politico pernambucano. Dos seus collegas é o unico que fica, continuando a dirigir a mesma pasta, a do Imperio. E João Alfredo foi o braço direito do governo. Na primeira sessão que dirige — phrase de Rio Branco — logo conquista o bastão de marechal. Vamos entrar, agora, na grande phase em que levou de vencida a valente conquista liberal do ventre livre.

"A coragem pernambucana, que scintila como gladio invencivel em campo de batalha, escreve Eunapio Deiró, o illustre cidadão ostenta nas campanhas politicas. Nenhum ministro, depois do marquez do Paraná, dirigiu uma maioria com tanta sobranceria". "Fazia lembrar o tom arrogante com que Cassimir Périer, na camara franceza, ordenava aos seus fieis sectarios: — *debout, messieurs.*" Os debates em torno do projecto governamental, apresentado na sessão de 12 de maio, attinge a proporções empolgantes. Os homens daquelle tempo não costumavam pensar de um modo e votar de outro, nem tinham por habito sacrificar as suas idéas pessoaes, ou calar as suas opiniões sobre os assumptos que se discutiam, porque umas e outras pudessem, porventura, desagradar o

poder. Falavam. Argumentavam. Debatiam. Nenhum conservador por ser conservador, como nenhum liberal por ser liberal, jamais sacrificou á disciplina partidaria as suas convicções doutrinarias. Isso de partidarismo equivaler a pacto de servidão, levemos a conta de evolução da Republica, ou mais precisamente, desde presidencialismo nefasto que males tão intensos e tão profundos vem causando ao nosso paiz. No parlamento do Imperio havia discussão séria, em que cada qual podia livremente manifestar os seus pontos de vista, em que os argumentos prós e contras pesavam no animo dos julgadores e os votos valiam como votos conscientes, reflectores reaes e sinceros do pensamento dos que os davam.

Em face da proposta do ventre livre, os conservadores dividem-se em forças equivalentes, apoiando uns, combatendo outros, o gabinete. De lado a lado defrontam-se os maiores oradores do seu tempo. A opposição, dirigida por Paulino de Souza Junior, é uma opposição numerosa, atrevida e intelligente. Contam-se, entre os seus membros, dos conservadores, nomes como os de Ferreira Vianna, Andrade Figueira, Perdigão Malheiro, José de Alencar; dos liberaes, vultos do valor de Martinho Campos, Sinimbú, Pedro Luiz. São homens dispostos, bata-

lhadores de alta envergadura, parlamentares de habeis recursos. Os debates que se travam attingem por vezes o auge da exaltação. Ao lado dos discursos doutrinarios, difficultosamente ouvidos no meio do tumulto, ha os essencialmente politicos, muitos delles incendiarios. Os oradores com os seus collegas trocam, frequentemente, apartes insultuosos, em linguagem incandescente. Houve até ameaças de pugilato, tamanha a exaltação em que os animos se encontravam.

Em meio a tudo isso, ao lado de Rio Branco, avulta a personalidade de João Alfredo, como o director da maioria. E como essa maioria quasi equivalia á minoria, na quantidade como na qualidade, não será difficil prever em que de esforços e de vigilancias se multiplicava a actividade do ministro do Imperio. No dizer de um contemporaneo elle "era a audacia, a vontade, o braço forte do governo". "A sua coragem passava para as almas timidas". Mais nos corredores, que na tribuna, mais conversando e persuadindo do que discursando, João Alfredo saiu sagrado heróe dessa campanha, e passa á historia com o epitheto que lhe deram, então, de *"leader" tacituro dos encerramentos."*

Deixando o poder em 75 e sobrevindo em 78 a situação liberal, leva João Alfredo

cerca de sete annos em ostracismo, já então senador, escolhido desde 1877. Em 1885 com a quéda de Saraiva e o advento de Cotegipe, sobem os conservadores e João Alfredo recusa fazer parte do ministerio, acceitando, embora, como prova de solidariedade com os amigos, a presidencia da provincia de S. Paulo. Tres annos mais tarde seria o presidente do conselho no gabinete de 10 de março de 1888. A abolição era, a este tempo, a grande idéa que apaixonava os corações, avassalava o espirito liberal do paiz, dominava as consciencias. A campanha tocava ao seu periodo aureo e como Ruy Barbosa previra em 84, no ministerio Dantas, "as concessões moderadas", então recusadas, não satisfaziam mais, agora, as aspirações nacionaes. Queria-se a extincção integral, immediata e sem indemnização de toda a escravatura. Não havia mais soluções intermediarias. Um fremito de enthusiasmo pela idéa percorria o paiz de ponta a ponta. O grito de libertação dos escravos partia do fundo da consciencia de cada brasileiro. Não se raciocinava que a abolição incondicional viria importar franca e insophismavelmente numa authentica confiscação da propriedade privada. Não se attentava mais em taes considerações, prestes o vulcão a explodir. "E' este incontestavelmente o

maior momento de nossa patria", brada na Camara o verbo formidavel de um dos oradores mais brilhantes que jámais passaram pelo parlamento no Brasil: Joaquim Nabuco.

João Alfredo, tomando o pulso á situação sente-se com a força necessaria para desferir no captiveiro o golpe de morte. Soara o momento decisivo. A 8 de maio o projecto do governo dá entrada na Camara, simples, laconico: "E' declarada extincta a escravidão no Brasil..." Cinco dias mais tarde subia á sancção da princeza imperial, Regente do throno, e transformava-se na magna lei de 13 de maio. "Foi como se o territorio brasileiro até então estivesse occupado pelo estrangeiro e este de repente o evacuasse e nos deixasse senhores da nossa vida nacional", diz Nabuco, na explosão do seu enthusiasmo.

João Alfredo, apezar de conservador que o foi toda a vida, sem a menor variação, era um grande espirito liberal. Quando o accusam de haver posto em cheque a Corôa com a abolição da escravatura, elle tem destas phrases, discursando no Senado: "No systema de governo que temos, nunca é um mal quando se executa a vontade da nação. Esta é a lei suprema, a que todos estamos sujeitos; ou então este regimen deve desapparecer". Em outra opportunidade dirá:

"Falam-se em manifestações republicanas, deante das quaes o governo deve aterrar-se. Senhores, que valeriam instituições que estivessem dependentes de tão fraco fundamento?" "Ha perigo? Não, senhores! Repito que se as instituições dependiam da continuação, por mais alguns annos, do trabalho escravo, estariam fatalmente condemnadas."

João Alfredo vae adeante: se o povo quer a mudança da fórma de governo esta deve ser mudada, pois o povo é o unico juiz... "Quem póde oppor-se á vontade nacional? pergunta. Qual é o nosso direito publico? Todo elle se apoia na soberania da nação, e eu sou coherente e solidario com este principio." Assim entendia a democracia.

A este tempo a Republica andava proxima, mas quem falava desta fórma não queria nem acceitaria della coisa alguma, e tanto assim que, sobrevindo o 15 de novembro de 89, abandonou a carreira politica definitiva, decisiva e irrevogavelmente.

Falando de João Alfredo, considera-o Nabuco: "um nome que ha de viver na historia do paiz, quando todos os outros estiverem esquecidos". "Dissidentes, intransigentes e intrataveis, escreve Deiró, podem dizer delle, como na grandeza de sua justiça, um dia Roberto Peel disse de Palmerston, seu adversario, em pleno parlamento: — *Nós*

todos aqui nos sentimos orgulhosos delle.

Os contemporaneos de João Alfredo já o julgavam deste modo. Para a posteridade ainda mais cresce e avulta a figura impressionante do glorioso politico que tendo sido com Rio Branco o arauto da lei do ventre livre, foi, mais tarde o presidente do gabinete que varreu da superficie do paiz a ignominia do captiveiro, fazendo de um povo escravo um povo livre. 28 de setembro de 71 — 13 de maio de 88... as duas maiores datas da monarchia brasileira... A todas duas se acha visceralmente, indissoluvelmente ligado o nome de João Alfredo!

O MARQUEZ DE PARANÁ

De todos os estadistas do Imperio um só não houve, cujo prestigio, cuja grandeza, cujo poderio se tivessem igualado ao de que, em seus ultimos annos de vida, desfrutou Honorio Hermeto Carneiro Leão.

Vasconcellos, Olinda, Saraiva, gozaram sempre, fosse nos partidos a que pertenceram, fosse no seio da opinião, fosse nos conselhos da Corôa, da mais vasta influencia e da mais alta somma de autoridade. Honorio Hermeto a todos supplantou. E vencendo e se impondo e dominando, fazia timbre de um espirito rebelado a qualquer submissão, elle que não soube nunca o que foi utilizar-se das armas faceis da bajulação, do insenso, da subserviencia, asseguradoras dos triumphos ligeiros e das victorias de improviso.

A altivez, a independencia, a franqueza o caracterizavam. Sabe-se mesmo que o Imperador não era "um seu affeiçoado" e que se D. Pedro fôra homem de guardar res-

sentimentos, ou nortear-se, nos seus actos, por outros desejos, ou outros intuitos que não fossem sempre o de acertar, o marquez de Paraná se teria de resignar, talvez, a um permanente ostracismo, emquanto, pelo menos fosse elle o monarcha.

Como politico e como homem de Estado, sobresaem em Honorio as mais apreciaveis qualidades. A' sua intelligencia, muito viva, muito lucida, unia uma visão penetrante das coisas e um conhecimento perfeito dos homens. Autoritario, voluntarioso, querendo fazer predominar em tudo a sua vontade, não cedendo nunca, jámais se deixando levar por quem quer que fosse, de resoluções sempre muito promptas, taes foram os traços essenciaes do seu temperamento. Honesto, inteiramente despreoccupado de interesses pessoaes que não tinha, a Patria era a sua obcessão e a ella exclusivamente é que votava todas as suas energias, com um patriotismo inexcedivel.

Deputado geral, pela primeira vez, em 1830, como representante da provincia de Minas, onde nascera a 11 de janeiro de 1801, Hermeto ingressa na politica, logo em opposição a D. Pedro, cujo governo combate, desde o primeiro momento, tomando parte em todos os movimentos parlamentares que contra elle se organizam.

Onde, porém, o joven congressista vae ter a opportunidade de revelar-se o homem de attitudes desassombradas que foi invariavelmente, atravéz de todas as phases de sua vida, é em 1832 quando Feijó, então ministro da Justiça, na Regencia Trina, e verdadeiro chefe do governo, planeja o golpe temerario da Assembléa Nacional, que se tem sido desferido victoriosamente, ninguem sabe até onde iria esbarrar a obra da nossa emancipação, com o rumo imprevisto que, necessariamente, tomariam os acontecimentos.

Positivadas as divergencias entre os dois ramos do Legislativo, Feijó, convocando os *leaders* do partido, declarava-lhes que a victoria da restauração era infallivel "se não se votassem immediatamente, mesmo por um acto de força, as reformas constitucionaes." E suggerindo a renuncia da Regencia e do Ministerio, insiste com os seus amigos para que a Camara, se convertendo em Assembléa Nacional, e assumindo plenamente o governo, adoptasse as medidas que, para a conjuração da crise, fossem precisas.

E' o que se leva á sessão de 30 de julho, logo se declarando a Camara em reunião permanente, e nomeando, no mesmo instante, uma commissão especial que, nesse mesmo dia, opinará na conformidade da combinação da vespera.

Nesta emergencia extremamente delicada, Honorio não usa de meias palavras, nem de meias franquezas. Estava filiado entre os deputados governistas. No dia anterior comparecera á conferencia, convocada pelo ministro da Justiça, e ali expressara, com inteira independencia, as suas divergencias de plano tão perigoso. Agora na Camara manifestava, rudemente, sem contemporizações, os seus pontos de vista inalteraveis. Em circumstancias taes, considerações partidarias não prendem os homens. E elle falou com enthusiasmo, com ardor, com convicção, fulminando a idéa da Assembléa Nacional, como mais nociva, ainda, que a propria revolução popular. Um fremito corre pela Camara. Os mais desanimados illuminam-se. Sente-se que uma força nova invade o recinto e empolga os delegados do povo. Honorio vencera. A Camara manifesta-se pelo adiamento da discussão, para, no dia immediato, rejeitar o parecer da commissão. Estava consagrado o homem.

A Regencia volta atrás e permanece no poder. Do gabinete dos 40 dias, que succede ao demissionario, Honorio não faz parte. Mas, a 13 de setembro, na combinação liberal moderada, a que se entregam os destinos da nação, o triumphador de 30 de julho occupa a pasta da Justiça.

Em 1836, unindo-se a Bernardo de Vasconcellos, que se passara, então, para o Partido Conservador, Hermeto alista-se entre os adversarios da Regencia Feijó que, numa opposição cerrada, o acompanham até a sua renuncia, em setembro de 37, quando sobe ao poder Pedro de Araujo Lima, futuro marquez de Olinda.

Do Ministerio de 19 de setembro é o seu *leader* na Camara. Em 1840, ao agitar-se a questão da maioridade, todos vêem nelle o grande sustentaculo do Regente. Quando Aureliano indica, num voto a fala do throno, a entrega immediata do governo a D. Pedro, é Honorio quem rompe, audaciosamente, os debates, impugnando, com vivacidade, a proposição. Não está longe de querer a Maioridade, apezar de evidentemente contraria aos termos rigidos da Constituição. Comprehende a situação e sabe que, para felicidade geral do paiz, é necessario condescender. Mas a sua decretação, no momento, julga-a da mais alta inconveniencia nacional. Em 2 de dezembro, muito bem. Agora, seria uma calamidade. A sua coragem de attitudes impõe-n'o á admiração até dos que lhe são menos afeiçoados.

Derrotado, conserva-se firme, com muita nobreza e dignidade, na sua postura de adversario franco e declarado do Ministerio

de 24 de julho, cujos excessos profliga com vigor. Não tem condescendencias. Guerra é guerra.

Com a quéda dos Andradas dá-se uma mutação completa de scenario e, em face da nova organização de 23 de março, feita por Aureliano, mantem-se Honorio numa attitude de apoio discreto e limitado, aconselhando uma politica de moderação, de tolerancia, sem perseguições, sem violencias. Nesse mesmo anno ingressa no Conselho de Estado e, incluido na lista senatorial, é escolhido pela Corôa. Presidente do Rio quando irrompe as revoluções liberaes de Minas e São Paulo, dá mostras de uma energia desassombrada e activa, seguindo, em pessoa, para os pontos mais proximos ao theatro dos acontecimentos, organizando batalhões, incitando, com as suas palavras e os seus exemplos, aos defensores da legalidade.

A 20 de janeiro de 1843, chamado ao Paço, recebe a incumbencia de organizar o novo ministerio. Aureliano insustentavel, incompatibilizado com José Clemente, Paulino de Souza e outros companheiros de governo, fôra forçado a dar a sua demissão. O imperador appellara, então para Honorio.

O seu programma é muito simples. Achava a directriz de situação antecedente perfeitamente "apropriada ás circumstan-

cias". Mas a idéa da conciliação, de uma politica moderadora, é a sua preoccupação predominante. Prega a "apaziguação dos animos, quer de amigos, quer de adversarios" e, nestes limites, está firmemente disposto a "não consentir em vindictas contra os vencidos das ultimas revoltas."

Assim se apresenta. O gabinete durará um anno e 12 dias. No Rio Grande continúa a luta armada. Na Côrte, o Senado e a opinião publica agitam-se no processo que se levanta, na Camara Alta, contra Feijó e Vergueiro. Emquanto isso, Aureliano, o mordomo Paulo Barbosa e outros descontentes com Honorio, concentram suas forças, numa campanha habil e segura que visava, principalmente, indispol-o com o soberano. E vencem. Elles conheciam o homem. "Paraná não se curvava", dirá delle, mais tarde, o grande imperador. Acceitou a luta e, corajosamente, abriu conflicto com a Corôa. Saturnino de Oliveira, irmão de Aurèliano, e inspector da Alfandega, tendo se candidatado a senador, atacara, vehementemente, no seu manifesto, ao ministro da Fazenda. Terminado o pleito, positivada sua derrota, o chfee do governo delibera-se a propor sua dispensa. Saturnino na eleição exercera sobre os subordinados toda a sua influencia de chefe. E como funccionario ag-

gredira, em termos violentos e desrespeitosos, a autoridade, sob cujas ordens servia. Não lhe merecia mais a confiança. Tinha de sair.

Pedro II recusa ao presidente do Conselho o seu pedido. Elle insiste, argumenta, fecha a questão. O imperador recusa, ainda. Paraná apresenta-lhe a exoneração do gabinete, abandonando ruidosamente o poder.

São quatro annos de ostracismo. Mas um ostracismo brilhante, agitado, empolgante, em que o senador mineiro não deixa parar, um momento, os ministerios. Combate seguidamente os gabinetes Almeida Torres, Hollanda Cavalcanti, Alves Branco, de novo Torres e Paula e Souza, só ensarilhando as armas com a subida dos conservadores em 48, na combinação de 29 de setembro, presidida por Olinda.

Em 45 fôra convidado para dirigir a provincia de Pernambuco, succedendo a Vieira Tosta, numa situação delicadissima, mal extincta, ainda, a terrivel revolução praieira, de tão funesta lembrança.

A sua obra de pacificação é formidavel, bastando só ella para glorificar um estadista. Entrou em Recife com a mais liberal de todas as orientações. Levava, principalmente, como escopo maximo, a idéa de não consentir que se exercesse sobre os ad-

versarios vencidos a mais insignificante represalia. Logo após a sua posse, restabeleceu amplamente a liberdade de imprensa, pôz fóra das cadeias quantos presos nellas se achavam sem culpa formada, fez regressar os desterrados de Fernando de Noronha, acabou com o recrutamento, amnistiou a diversos compromettidos. Assim o reconhece um dos mais autorizados chefes praieiros, o sr. Urbano Sabino Pessoa e Mello.

Nas eleições que se vão travar, a sua preoccupação é estimular o partido vencido a comparecer ás urnas, para o que lhe dará todas as garantias necessarias, superintendendo, directa e pessoalmente, o pleito, para que elle represente, effectivamente, uma realidade.

Tres annos depois, logo após a sua volta de importante missão diplomatica no Rio da Prata, vae estabelecer no paiz a politica da conciliação. Com a quéda de Itaborahy, todas as vistas se concentram em Paraná. Era, então, e desde 1848, o "estadista de maior vulto no Imperio" e de "maior ascendente no paiz", disse Nabuco, e o "homem publico que maior influencia havia exercitado na scena politica, desde o anno de 1831", accrescenta Pereira da Silva.

O gabinete de 6 de setembro de 53 é o Grande Ministerio do 2º reinado. Joaquim

Manoel de Macedo pinta-nos o quadro admiravelmente:

"O marquez de Paraná viu o partido liberal fóra de todas as posições officiaes, e o conservador estragando-se pelo abuso da victoria; no espirito publico descrença e cansaço; no parlamento lutas estereis; nas eleições, desde 1840, o governo sendo o unico e verdadeiro eleitor."

Foi nessas circumstancias que Paraná desenrolou, larga, extensa, com a capacidade de envolver a todos, fraternalmente, a bandeira da concordia, a bandeira da paz, a bandeira do congraçamento. Era preciso que todos se unissem, sem odios, sem desavenças, sem resentimentos para uma obra commum, visando, supremamente, a grandeza da Patria.

No presidente do Conselho, mais que tudo falava o patriota, o grande espirito liberal, "liberal para ser conservador", poder-se-ia usar a phrase de Ruy Barbosa.

Escolhendo os seus companheiros de jornada, Honorio andára com tino, com perspicacia, procurando apresentar á nação nomes que só por elles, valessem como o elogio mais significativo do Ministerio.

Apparecendo no Senado, apresentava o seu programma de conciliação:

"Não ha mais saquaremas nem luzias.

As lutas passadas estão terminadas e esquecidas. O governo é conservador progressista e progressista conservador. Acceita todas as questões politicas que têm sido pontos de divergencias até agora, para, na calma das paixões, discutil-as e solvel-as. Aos conservadores eu dou a fiança do meu nome e do meu passado; aos progressistas, porém, a quem não posso dar a mesma fiança, asseguro que concorrerei com os primeiros passos ao seu encontro."

Abriam-se na politica do Imperio bellos e largos horizontes. Para os cargos de administração não via liberaes, nem conservadores. Via apenas, o merecimento, a habilitação, os serviços que os nomeados poderiam prestar ao paiz, no desempenho de suas funcções. E' preciso que os partidos se reorganizem, proclama o estadista. Não os quer "como anteriormente occupados só em polemicas abstractas e estereis", e com "orientações perigosas". "As circumstancias novas exigem principios mais praticos e mais consoantes com a marcha dos acontecimentos."

Sente-se o pulso do homem que quer e sabe querer, que tem a noção da grandiosidade de sua obra e certo de que ella consulta ás necessidades geraes da Nação, está disposto a leval-a de vencida, á custa de todos

os obstaculos e de todos os perigos. Paraná não recua nunca. Avança sempre, animado, corajoso, certo da victoria.

Varios dos seus amigos conservadores, desgostosos, movimentam-se em opposição. Pouco importa ao presidente do Conselho, que vae seguindo serenamente o seu caminho. Tem o seu plano. Ha de executal-o.

Paraná é um chefe de governo com a mais exacta comprehensão dos seus deveres e das suas responsabilidades. Informa-se de tudo. Quer saber tudo. Está ao par de tudo. Não se limita aos negocios de sua pasta. Encontra-se sempre em entendimento com os ministros, perguntando, suggerindo, numa ancia de não ignorar nada e realizar o maximo possivel.

No parlamento a sua actividade não é menos assombrosa. Sempre alerta, sempre prompto, discute a qualquer momento, com qualquer orador e sobre qualquer assumpto.

A sua replica de 54 a Ferraz, tornou-se celebre. O grande orador bahiano, numa analyse minuciosa da administração de Paraná, fizera-lhe uma critica formidavel, contundente, mesmo, ministerio por ministerio, serviço por serviço. Honorio, de improviso, assombra a Camara. Mostra-se ao par de todas as questões. Parece um ministro de todas as pastas. Responde a Ferraz, ponto

por ponto, numa defesa completa e, por vezes, esmagadora.

Nessa quadra em que, com pulso de aço, dirige a politica brasileira, phases houve em que o parlamentar mineiro falava diariamente e repetidas vezes. Não se furtava nunca ás opoprtunidades de subir á tribuna.

Era uma questão de temperamento.

Seu ultimo embate oratorio travou-o com Araujo Lima. Tinha acabado de vencer na questão da lei eleitoral de divisão dos districtos. Fôra uma pugna agitada. Os animos mostravam-se, ainda, exaltados. Quando chegaram ao Senado as leis annuaes — já estamos em 1856, ultimo da legislatura — Olinda ataca com virulencia a politica do governo.

Honorio responde incontinente, com a costumada vibração. Mas ao findar seu discurso, sente-se incommodado, logo se recolhendo, enfermo, á sua residencia. São os seus ultimos dias. Em momentos de delirio, replica, ainda, a Araujo Lima. E, como Rio Branco, morre na impressão de quem fala no parlamento. São as suas derradeiras palavras, baixinhas, compassadas, quasi imperceptiveis:

— Scepticismo... O nobre senador... Patria... Liberdade..."

Assim deixou a vida, a 3 de setembro

de 56, o mais poderoso politico do Imperio. O trespasse de Paraná foi um acontecimento. Depõem as testemunhas da época que cortejo funebre igual só se vira o de José Clemente Pereira. No mundo politico elle repercute com um desastre irreparavel. Uma desgraça!

Para o grande estadista é que não poderia haver occasião melhor de abandonar o mundo.

Morreu em pleno fastigio do seu poderio. Morreu em plena gloria!...

VISCONDE DE SEPETIBA

Na historia do nosso paiz, os nove annos que, de 1831 a 1840, constituem o periodo accidentado e tumultuoso da Regencia representam na formação politica e constitucional do Brasil, uma dessas phases decisivas para o futuro e a sorte das nações.

Liberaes e conservadores, exaltados e moderados, restauradores e republicanos, quando se analysar, hoje em dia, fóra do ambiente das paixões, o que fizeram, então, esses homens, tem-se francamente a impressão de que uma onda de insensatez e de desequilibrio invadira, de ponta a ponta, o territorio patrio, levando a todos os espiritos a confusão, a balburdia, o estonteamento.

Dir-se-ia uma dansa infernal, dirigida pela batuta de Belzebuth, em que toda aquella gente, perdida a noção e o conhecimento de quanto em volta se passava, sem norte, sem objectivo, sem inspiração, rodopiava sempre e sem parar, ameaçando levar de vencida a obra que, a custo de tantos esfor-

ços, haviam realizado os proclamadores da nossa independencia.

Não tem sido a coragem pessoal de alguns estadistas providencialmente apparecidos no momento, o destemor no affrontar dos perigos, a energia vigorosa na acção, providenciando "com pulsos de ferro e mãos de pellica", e a anarchia teria empolgado a nação, atirando-nos a destinos imprevistos.

A este typo privilegiado de homens que Oliveira Vianna chama com excellente porpriedade, de "gigantes politicos, de molde hamiltoniano ou bismarkiano", pertence, innegavelmente, o grande Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, que passará á historia pelo seu titulo de visconde de Sepetiba.

Em 1833 era o ministro da Justiça da regencia permanente de 17 de junho, quando, na capital e nas provincias, o fermento revolucionario lavrava em uma actividade abrazadora.

O governo, sem exercito, não tinha por si senão a guarda nacional e a força moral da legalidade, emquanto na côrte, sob o patrocinio do tutor do monarcha menor, e chamando-se esse tutor José Bonifacio, o partido da restauração de Pedro I attingia o auge de sua animação e da sua confiança no pleno triumpho dos seus designios revolucionarios.

A "Sociedade Militar", que neste anno se organizára, era um fóco permanente e continuo de conspirações, que se podia e se devia vigiar, mas contra a qual nenhuma providencia seria dado resolver, quando ella se dizia defensora da classe e o governo não tinha base alguma para proceder contra ella.

O facto é que todos sentiam claramente que algo de estranho e de anormal se desencadearia, fatalmente, daquelles horizontes carregados e cinzentos, prenunciadores dos grandes temporaes.

A 2 de dezembro, de facto, a cidade amanhece abalada. São motins a succederse a motins, em que as violencias menos desculpaveis e os attentados mais violentos, a todo o instante se praticam e a envolvem no panico e na exasperação do imprevisto.

Dias tristes e negros. Espedaça-se a illuminação da *Sociedade Militar*. Atacam-se jornaes. Implanta-se o terror.

Dão-se dos acontecimentos a responsabilidade ao governo que preferira antecipar a mashorca a ser por ella colhido de surpresa. Mas seja este ou seja aquelle o causador da perturbação, esta prosegue intensa, ameaçando o poder constituido e a propria ordem constitucional.

Nesta dura emergencia Aureliano se mostra um homem de acção á altura do mo-

mento. Não tem um segundo de desanimo. Tranquillo, sereno, confiante, expede as suas ordens e toma as suas providencias. Todos sentem que a regencia está sob a ameaça de um baque fatal e fragoroso. Mas o ministro da Justiça não perde, um minuto, a sua placidez de animo. Brinca com a rebellião. Affronta a morte. Em meio aquillo tudo, quem quer que o encontre, vê o mesmo cavalheiro de sempre, sem perder a sua linha de distincção. Quando julga chegado o instante, desfere, então, o golpe decisivo e supremo: suspende José Bonifacio da tutoria e recolhe-o preso, á sua ordem. Esmaga. Aniquilla. Desnorteia.

Salvára a situação. Bernardo de Vasconcellos, seu adversario, declarará com nobreza e enthusiasmo:

— O sr. Aureliano gravou o seu nome na base da monarchia!

Como diz Macedo, foi no governo "o homem temperado para resistir e assoberbar todas as tormentas", o "estadista admiravelmente preparado, por sua propria natureza, para as grandes crises e para as mais terriveis lutas politicas, e á sua energia "o governo da regencia escapou á sua quéda e a capital á sanguinolenta revolta".

Mas, vencido o perigo, suffocado o movimento, Aureliano mostra logo, á eviden-

cia, a largura de seu coração, a extensão de sua bondade, a superioridade do seu espirito.

O que o preoccupa, agora, não é a satisfação de desforços microscopicos. Empregou a força quando era necessaria a força para manter a ordem e assegurar o throno de Pedro II. Restabelecida a paz, sua preoccupação é servir ao paiz com os serviços que a paz exige. Revela-se, então, uma grande capacidade realizadora. Quando abandona o poder em 1835 deixa o seu nome intimamente ligado a uma série grandiosa de melhoramentos materiaes e moraes que emprehendeu no desempenho das duas pastas, na da Justiça, e, interinamente, na dos Estrangeiros.

O traço caracteristico de Aureliano é sobretudo a austeridade. Tinha a vocação do magistrado. E' isso o que foi sempre. Desde que regressára ao Brasil, formado em direito pela Universidade de Coimbra, e fôra despachado para Minas, a principio como juiz de fóra de São João del-Rei e, depois, como ouvidor de Ouro Preto, mostrara, para a distribuição da justiça uma inclinação admiravel.

Deputado geral em 1830 e nesse mesmo anno presidente da provincia de São Paulo, aquelle joven de 30 annos, que tão cedo galgava as posições politicas mais elevadas,

não trazia por si outra recommendação que a sua tradição de juiz. E' essa tradição que elle procura, sempre, conservar, sem querer abandonar a carreira, desempenhando no Rio as funcções de juiz de orphãos, de intendente geral da policia, de desembargador da Relação da Côrte.

Saindo do ministerio em 1835 Aureliano, dentro em pouco, entrará na brilhante campanha que se enceta para entregar as redeas do governo ao imperador menor. Em 1840, ao abrir o Congresso os seus trabalhos e lida a fala do throno do regente Araujo Lima, o deputado mineiro levanta-se e apresenta a sua emenda, exprimindo o desejo geral da nação "de que se approximasse a época da maioridade."

Vehementemente combatida pelos defensores do governo, entre os quaes se excede Honorio Hermeto, marquez do Paraná, a idéa de Aureliano não consegue vingar. Mas o pavio da bomba estava acceso. Dahi por deante o prestigio da Regencia vae decaindo a olhos vistos. Tres mezes não tinham decorrido e Pedro II, a 24 de julho, entrava já no pleno e amplo exercicio de sua majestatica autoridade.

No Ministerio da Maioridade, Aureliano occupa a pasta dos Estrangeiros. Sua preocucpação maxima é, então, collocar-se

acima dos partidos, acima dos ressentimentos pessoaes. Por isso mesmo defende, em reunião do gabinete, a necessidade de "uma politica de concordia e de esquecimento do passado", sustentando que se devia solicitar "o concurso dos dois partidos, afim de consolidarem-se as instituições e a força moral do throno, e acalmarem-se as paixões e exaltamento dos espiritos."

E de que foi essa a directriz inicial do gabinete basta a comproval-o a amnistia, immediatamente concedida "para todos os crimes politicos praticados no periodo das regencias."

Aureliano, de todos os seus collegas, é o que desfruta de maior prestigio na Camara, que não tardará de mostrar-se fundamente irritada contra Antonio Carlos e Martim Francisco, que occupam no ministerio as pastas do Imperio e da Fazenda.

Depois da reacção eleitoral dos Andradas e, talvez mesmo, por isso, o gabinete entra em crise. Discutia-se a situação do Rio Grande que engravecia de momento para momento, e Aureliano, contra a vontade e a opinião expressa de Antonio Carlos, Martim Francisco e Limpo de Abreu, sustentava que se devia conceder não só a demissão do presidente Alvares Machado, como a do brigadeiro Santos Barreto, commandante das

armas. Estava aberta a dissidencia. Ou um grupo ou outro, seria mantido no poder. O imperador deu ganho de causa a Aureliano. Tinha caido o gabinete, e o novo, de 23 de março de 1841, é elle quem o organiza, com o marquez de Paraná e Araujo Vianna, delle fazendo parte, além dos tres, mais Paulino Soares, futuro visconde de Uruguay; Miguel Calmon, depois marquez de Abrantes, e José Clemente Pereira.

Como ministro dos Estrangeiros, Aureliano é quem conduz as negociações para o consorcio de Pedro II com a imperatriz Thereza Christina, deixando o governo em 1843, já então, e desde 1842, senador por Alagôas.

A carreira politica do visconde de Sepetiba não estava, ainda terminada. Nos conselhos da corôa, como nos conselhos do partido liberal, em cujo estado-maior formava, entre as figuras principaes, a sua opinião jámais se dispensou, em todos os grandes problemas nacionaes da época. A sua autoridade entre os liberaes não era então sombreada por nenhum dos seus correligionarios, e no Paço desfrutava, como poucos, a amizade e a confiança do imperador. Foi a acusação maior que se lhe fez: a do aulicismo. Aliás, injustamente, porque Sepetiba seria incapaz de, por conveniencia subal-

terna ou, mesmo, por amizade, deixar-se levar a qualquer posição menos digna, que não fôra a aconselhada pela sua consciencia.

Em 1844, o ministerio então presidido pelo visconde de Macahé, (José Carlos Pereira de Almeida Torres), empenha-se numa luta de vida e de morte com os conservadores, a frente dos quaes, pessoalmente empenhado o marquez do Paraná. Sepetiba é a columna-mestra que o sustenta. Não faz parte do governo, mas acceita, para o prestigiar, a presidencia da provincia do Rio de Janeiro, que desempenha até 1848.

E' uma nova campanha tremenda que o aguarda. Os conservadores recebem-no de armas embaladas e descarregam, logo, o fogo. Era o que elle queria. O "poderoso Aureliano", como o chamou Nabuco, tinha o temperamento peculiar aos combatentes.

"Titão impassivel, escreve o barão de Santo Angelo, caminhava com passo regular ao seu fim, derrocando, friamente, todos os embaraços, até conseguir o escopo desejado."

Assim o fez. O ministro da Justiça da regencia que affrontou a revolta e prendeu José Bonifacio, mostrará, em nova contingencia, que o seu pulso é, ainda, o mesmo. Ao fogo respondeu com o fogo. Iniciou uma politica de reacção, demittindo em massa os

conservadores. Na eleição geral venceu em toda a linha.

Mas ainda, como da outra vez, finda a campanha, entrega-se á administração, cortando o canal de Magé, erguendo chafarizes, construindo estradas, promovendo a immigração, fundando, com o seu amigo, Paulo Barbosa, mordomo imperial, e com a ajuda financeira de Pedro II, a cidade de Petropolis.

A 25 de setembro de 1855 fallecia em Nictheroy.

Como estadista, como politico, como administrador, o foi dos maiores de seu tempo. Temperamento raciocinario, apezar da delicadeza de suas maneiras e finura do seu trato pessoal, conservando na época das lutas uma tranquillidade e uma calma admiraveis, excedia-se, ás vezes, no entanto, em medidas violentas e compressivas. Não o fazia, impulsivamente, por odio, por vingança, por paixões pequeninas. Era a violencia calculada, methodicamente levada a effeito e com objectivo politico, ainda assim como arma de ultimo recurso e quando provocado.

Por isso mesmo, não se póde consideral-o, inteiramente, um espirito liberal, como o foi, por exemplo, o velho Nabuco de Araujo.

No visconde de Sepetiba, o homem publico escureceu o orador. Na tribuna, que pouco frequentava, não tinha arroubos de eloquencia, nem flores de rhetorica. Mas, dizia bem o que queria, com clareza, com precisão, com convencimento.

BARÃO DE COTEGIPE

O Barão de Cotegipe foi uma das figuras mais singulares do Imperio.

Entre os nossos politicos da monarchia, o logar que a historia lhe designa é na primeira linha daquelles nossos homens publicos que se destacaram no seu meio, como sentinellas avançadas do systema, e assumindo, pela sua superioridade, a direcção geral dos negocios nacionaes, fizeram a honra e a gloria do abençoado regimen parlamentar brasileiro.

Dos estadistas bahianos, comparado Cotegipe com os quatro maiores, Dantas, Saraiva, Rio Branco e Zacarias, elle é o mais subtil, o mais habil, o mais insinuante. Não possuindo, nem a extrema affabilidade de Dantas, nem a fria algidez de Zacarias, sabia melhor do que nenhum o segredo com que se conquistam corações. Talvez dos quatro não houvesse sido o mais estimado, mas foi, inegavelmente, o que mais influencia exerceu sobre a amizade, e de todos ain-

da, o mais finamente politico, com uma penetração e uma vivacidade que lhe indicavam sempre, seguramente, os momentos exactos de avançar, de transigir, de recuar e, ás vezes, mesmo, de disfarçar... E disfarçar, em politica, é uma das armas que tanto tem de efficiente, como de difficil no seu manejo...

Cotegipe não agiria como Saraiva, presidente do conselho liberal, que vae declarar ao imperador, apresentando a sua demissão, que não póde indicar quem organize o novo gabinete, porque são "especialissimas as circumstancias." Uma insinuação clara de que os liberaes não podiam, ou se podiam, não deviam, continuar no poder, o que logo Pedro II apprehende, num instante, passando o governo aos conservadores, ao proprio Cotegipe, aliás.

Tambem, por outro lado, estaria longe de ter aquella organização essencialmente partidaria de Zacarias, a que ainda ha pouco se referia o eminente sociologo brasileiro sr. Oliveira Vianna, e que só lhe permittia ver, "mesmo as idéas mais sérias e altas, do angulo estreito do espirito de partido", sacrificando tudo por uma questão de somenos, que elle poderia facilmente contornar, quando ellas, não eram provocadas directamente por elle.

Entre Saraiva e Zacarias, punha-se no meio termo. Foi incontestavelmente o mais perspicaz, o mais agudo, dando por isso mesmo, como assignala Joaquim Nabuco, "a impressão de ser o mais intelligente dos homens de sua época, o que não quer dizer que elle tivesse a intensidade mental de outros". A habilidade, a argucia, a facilidade de comprehensão das coisas, a "adivinhação", caracterizam-no sobretudo. Cotegipe terá, sido, talvez, o mais finamente politico dos estadistas do Imperio.

O orador foi dos mais admiraveis. Não costumava preparar as suas orações. Subia, ás vezes, á tribuna sem saber, sequer, o que tinha a dizer. Ia falar, era o quanto bastava. Uma vez com a palavra começava o seu discurso, com levesa, com graça, com argumentação, com segurança, discutindo qualquer assumpto, respondendo com felicidade e, não raro, contundentemente, as interrupções que se lhe faziam, tendo sempre um caso de espirito a narrar, um "a proposito" a contar, uma anecdota a applicar. "Toma a palavra, contra Timandro, illumina o debate, resume, classifica, decompõe e sintetiza, com uma concisão notavel, aquillo que talvez horas antes não cuidava."

"Seu prazer, dil-o o autor da "Minha Formação", era resolver as questões mais

complicadas pela inspiração do momento, tratal-as na tribuna *a la minute*". E enfrentando-se com os maiores oradores e as mais altas capacidades do seu tempo, a ninguem encontrou que se tivesse podido gabar de haver-lhe levado vantagens nestas justas.

*
* *

Wanderley, Barão de Cotegipe, iniciou muito cedo a sua vida publica. Bacharel nas suas 22 primaveras, foi logo curador de orphãos, juiz municipal e de direito, deputado na Bahia, onde nascera a 23 de outubro de 1815, tendo se assignalado em Pernambuco, no mesmo anno de sua formatura, como advogado de varios dos accusados da revolução de 37.

Em 1842, ao completar os seus 27 annos de edade, vem eleito deputado geral, sendo logo em 48, chefe de policia no gabinete de 29 de setembro. Desde então não abandonará a Camara, senão em 1850, ao ser escolhido, pela Corôa, senador do Imperio.

O deputado, uma vez apenas, será chamado ao Ministerio, isso em 1855, no gabinete Paraná, para dirigir interinamente a repartição da Marinha, que em 56, elle trocará pela da Fazenda.

Deixando o governo no anno immediato, a elle deve tornar por mais tres vezes: na pasta da Marinha, em 68, com Itaborahy na presidencia do Conselho; em 75, dois annos depois de sua volta da missão diplomatica ao Prata na da Fazenda com Caxias e, finalmente, como organizador do gabinete de 20 de agosto de 1885, superintendendo os negocios Estrangeiros.

Ministro, desempenhou sempre as suas funcções, demonstrando alta capacidade administrativa, que aliás, já revelára, anteriormente, em 1852, na presidencia da Bahia. Cotegipe não deixou de manter nunca a sua linha superior de proceder, mostrando em todas as occasiões que se lhe offereceram que era homem de individualidade propria, incapaz de transigir com as suas opiniões e os seus principios, por quaesquer considerações de ordem pessoal ou politica.

Delle poder-se-á dizer, como do Marquez de Paraná, que não se curvava, nem sabia, sequer, o que isso era deante de potentados. Mesmo em face da Princeza Isabel, a quem devia toda a consideração e todo o respeito, pela sua dupla posição de grande dama e de regente do throno, mesmo em face della, achou a energia e a delicadeza bastantes para não se deixar abater.

Conta-se que ao abandonar o governo,

— são episodios muito repetidos, — Cotegipe declarou á Redemptora, com a maior affabilidade, curvando-se respeitosamente:

— Eu por aqui (mostrava a porta da rua) e Vossa Alteza, por ali, (e indicava a barra fóra).

E mais tarde, após a abolição, quando a magnanima senhora o interroga:

— Então, sr. Barão, ganhei ou não a partida?

Elle com todo cavalheirismo:

— Perfeitamente, Princeza. Mas Vossa Alteza perdeu o throno...

Um anno e meio mais tarde, proclamava-se a Republica!

Cotegipe tinha dessas franquezas. Annos antes, em 1877, os senadores e deputados liberaes, combatendo a ferro e fogo a situação, impugnavam a chamada lei "da representação das minorias", pugnando pelo "systema directo".

O Barão, ministro da Fazenda, "não trepida", é o termo proprio empregado por Pereira da Silva, "em asseverar que não lhe agradava a lei, que acceitara em consequencia da urgencia de decretar-se uma nova com que se effectuasse a eleição, como ensaio, não como disposição permanente, e que em tempo conveniente e durante a legislatura

que funccionava, levantaria a questão do suffragio directo."

O imperador infenso então á grande idéa, não lhe pareceram bem aquellas palavras do ministro. Caxias, pedindo a sua exoneração da presidencia do Conselho, indicava Cotegipe para substituil-o. E apezar da sua autoridade entre os conservadores e a despeito da esplendida gestão financeira que elle vinha fazendo, diminuindo despesas, equilibrando os orçamentos, esforçando-se pela valorização da moeda, Pedro II recusou-se, formalmente, a acceitar Wanderley, preferindo passar o governo aos liberaes, sob o fundamento de que uma vez que queriam todos a eleição directa, que a fizesse o Partido Liberal, de onde primeiramente partira o brado a seu favor.

Dahi a combinação de 5 de janeiro de 78, presidida pelo Visconde de Sinimbú, contra cuja politica volverá Cotegipe a sua artilheria pesada, combatendo o seu plano de só effectivar a reforma, com a revisão da Constituição, quando uma lei ordinaria poderia, perfeitamente, adoptar o que se queria, sem offensa alguma aos dispositivos constitucionaes e sem ser preciso que nelles se tocasse.

E' o principio afinal victorioso em 1880, sob o gabinete Saraiva, successor de Sinimbú, cujo ministerio se arrastára por dois

annos, sem collimar o objectivo principal visado pela Corôa, ao confiar-lhe os destinos do paiz.

Dirigia Cotegiipe os trabalhos do Senado desde 1882, quando em 85, solicitando Saraiva a sua exoneração, foi convidado pelo imperador para organizar o governo que lhe deveria substituir.

Wanderley, êm 1884, em banquete que se tornára celebre, e onde João Alfredo o proclamára o chefe supremo de sua grey, declarára de modo terminante:

— O Partido Conservador quer, póde e deve realizar a reforma do elemento servil.

A questão emancipacionista, era, então, o mais grave dos problemas nacionaes, e em sua solução punha Pedro II todo o seu empenho, toda a sua autoridade e todo o seu prestigio.

Cotegipe chamado ao paço, logo após a demissão de Saraiva, affirmava ao monarcha a disposição dos seus amigos de votarem o projecto de abolição gradual da escravatura já então encaminhado ao Senado.

A 20 de agosto estava constituido o novo gabinete. A recepção de Cotegipe na Camara, onde a grande maioria lhe era manifestamente infensa, reveste-se de um aspecto, — por que não dizel-o? — brilhante, numa agitação que, vista hoje á distancia,

só nos provoca a admiração pelo patriotismo, pelo enthusiasmo, pelo desassombro com que os homens daquella época sabiam tão dignamente se collocar no seu papel, defendendo com o mais intenso ardor civico as suas convicções pessoaes.

O discurso de Wanderley, admiravel no seu genero, foi viva e intensamente aparteado, desde o seu começo até o fim. O orador com galhardia, imperturbavel, em meio a toda algazarra, sem perder o fio de suas considerações, vae replicando a uns e a outros, ora com um dito humoristico, ora com um desvio subtil, ora com uma phrase fulminante, tudo conforme a natureza de cada aparte e o momento em que elle é dado. Vê-se que o parlamentar é formidavel. Só diz o que quer. Não deixa cair uma palavra inconveniente. E' de uma segurança de rochedo, de encontro ao qual se esboroam, impotentes, as mais temerosas investidas adversarias.

O projecto Saraiva, já na camara alta, e que Cotegipe se incumbira de fazer passar, consiste, principalmente na abolição gradual da escravidão que, dentro de 16 a 19 annos, estaria, totalmente, extincta, ao mesmo tempo que o trabalho escravo ia sendo habilmente substituido pelo trabalho livre, de modo a não perturbar a producção, nem

abalar os grandes interesses da industria agricola.

A 28 de setembro deste mesmo anno de 85, elle estará convertido em lei.

"— O gabinete Wanderley, diz Pereira da Silva, achou-se a braços com difficuldades aterradoras." Dissolvida a Camara e convocada a outra para 1886, logo neste anno rebenta a questão militar, mais um producto do estado de exaltação do ambiente, do que, propriamente, da inhabilidade ou, porventura, da imprudencia do ministro da Guerra Alfredo Chaves.

Seja como fôr, Cotegipe, chefe do governo, é que teve de sustentar todo o peso da crise, e é de justiça assignalar que, em face da excepcional gravidade da situação, manteve-se sempre com coragem, com firmeza e com dignidade.

Quando no auge da questão militar Ouro Preto e Silveira Martins offereceram ao presidente do Conselho a sua mediação junto ao Visconde de Pelotas, elle responde, com perfeita sobranceria:

— Sim, pois não me viriam propôr o que não fariam, se como eu fossem governo."

E' uma resposta inteiriça.

No parlamento ha debates acaloradissimos. Quando Pelotas, em ligações intimas e constantes com os militares insurreccciona-

dos, assume, ostensivamente, a sua defesa perante o paiz, Cotegipe diz-lhe face á face:

— Eu poderia replicar a V. Ex. que o governo está no seu posto e o nobre senador não está no seu.

A este tempo a mediação Ouro Preto-Silveira Martins tocava ao seu termo. O movimento já não envolvia, apenas, o ministerio, já não ameaçava, sómente, a ordem publica, senão que já punha em cheque a propria monarchia. Era-lhe necessario dar quanto antes, um paradeiro. Uma moção approvada no Senado, consegue afinal a pacificação dos espiritos.

E' justo reconhecer que a questão militar foi, principalmente, um resultado do meio. Havia nas classes conservadoras uma desconfiança crescente na Corôa e um desgosto profundo pela protecção que ella dispensava á corrente abolicionista. A idéa republicana progredia, avançava...

Quando, pouco menos de um anno depois, o Ministerio Cotegipe caía a 7 de março de 88, por um incidente que se tornou celebre, entre o presidente do Conselho e a Princeza Isabel, — "uma verdadeira conspiração de palacio", — podia dizer, então, o grande espirito de Silveira Martins:

— Estamos no caminho da revolução!

Se até agora os governos não demoravam muito, menos durarão de agora em deante!

Era a verdade. Estavamos, a passos largos, a caminho da revolução. A 7 de junho de 89 caia o gabinete João Alfredo, de 10 de março de 88. E cinco mezes depois de subirem ao poder os liberaes, tendo á frente um dos mais notaveis homens de seu tempo, o Visconde de Ouro Preto, a Republica, proclamada a 15 de novembro, punha abaixo a monarchia e com ella o que até hoje tivemos de mais util ao progresso e ao desenvolvimento da civilização brasileira — o regimen parlamentar.

O MARQUEZ DE OLINDA

A 23 de Dezembro, na provincia de Pernambuco, em 1793, Pedro de Araujo Lima abria os olhos á vida. Elle estava destinado a ser uma dessas creaturas a que, logo na primeira mocidade, a sorte toma a sua conta e ata ás suas azas para fazel-as vôar sempre na região dos bem acolhidos da fortuna.

Formado em canones, pela Universidade de Coimbra, em 1818, Araujo Lima começa a sua carreira publica por onde os outros acabam. Não chega a tomar posse do logar de ouvidor de Paracatú, em Minas, para onde o nomearam, porque, quando torna á patria, tem logo de voltar a Portugal, surprehendido com a sua eleição como deputado ás Côrtes de Lisboa. E' assim que elle se inicia...

O temperamento politico do estadista pernambucano é o de um espirito agudo, perspicaz, que sabe ver as coisas encarando-as sob os seus differentes aspectos, e que

possue, sobretudo, esse grande poder de resistencia ás seducções do poder. O 2º reinado instaura-se com a sua opposição. Regente do throno, até á ultima hora bateu-se, com quantas forças teve, contra a declaração da maioridade. Não ensarilhou armas. A cessação da menoridade de D. Pedro foi proclamada illegalmente, como se sabe, pela minoria das duas casas do parlamento. Araujo Lima communicando ao imperador aquelle facto affirmava-lhe a sua intenção de manter a ordem publica e o respeito constitucional, oppondo-se ao desvario de representantes do povo que se collocavam fóra da lei. Falta-lhe, diz Nabuco, "a flexibilidade precisa para ceder".

D. Pedro responde-lhe que não approva a resistencia e quer já entrar na posse do poder. Só então o regente cedeu, quando toda reacção de sua parte seria, agora, o querer se sobrepôr á vontade e aos desejos do legitimo possuidor da corôa. Mais do que isso: a luta aberta e declarada. Qualquer outro, depois de taes factos, só teria uma preoccupação: cumular o monarcha de quantos agrados fossem possiveis, até desvanecer-lhe completamente do espirito a impressão desagradavel do incidente. Araujo Lima, não. Pelo o contrario. Affastou-se do paço, voltando, serenamente, á sua cadeira

do Senado. Trazia tranquilla a consciencia do dever cumprido. Bastava-lhe isso. Não era homem de explicações que parecessem desculpas humilhantes.

No entanto nos seus pontos de vista, mesmo quando batalhando na opposição, conservava sempre um feitio governamental. Macedo dil-o em tres linhas: "Do principio ao fim da sua esclarecida e elevada vida politica, o Marquez de Olinda symbolizou o *respeito e a obediiencia ao poder legal do governo*". Não foi senão por isso que assignou, em 1822, nas Côrtes, a Constituição Portugueza, quando diversos dos seus companheiros haviam se recusado, terminantemente, a fazel-o. Por isso mesmo, em 1848, exclamava da tribuna: *"E' preciso resistir ao rei para servir melhor ao proprio rei"*. Temperamento singular o deste homem publico, que á primeira vista póde parecer contradictorio, mas na realidade e visto mais de perto, está muito longe de o ser.

* * *

Quando Araujo Lima chega ao Brasil, de regresso de Lisboa, é para tomar parte na Constituinte Brasileira, que em 1823 se reune.

A sua posição ali é toda de sympathias

por Pedro I. Desculpa os seus defeitos para só lhe olhar as qualidades. Aquelle mesmo temperamento arrebatado, nervoso, romantico do principe glorioso que proclamara a nossa independencia, fala-lhe muito particularmente ao seu espirito. Não esconde o pezar que lhe produz a dissolução da assembléa. Convidado, porém, pelo monarcha, para ministro do Imperio do gabinete de 10 de novembro, acceita o convite e assume a pasta no dia 14, para o diai 17 abandonal-a. Em consideração ao imperador não rejeitara o offerecimento, explicam os seus biographos, mas a acceitação não significava mais que uma prova de respeito. Tanto assim que tres dias depois deixa o cargo para seguir viagem á Europa.

Deputado em 1826, á nossa primeira legislatura, foi successivamente reeleito em 1830 e em 1834, sendo escolhido senador em 1837. Anteriormente, em 1827, após ter sido presidente e vice-presidente da Camara, occupou no conselho de 20 de novembro a pasta do Imperio. Cinco annos mais tarde, em 1832, já depois da abdicação de Pedro I, volta ao governo, dirigindo os negocios da Justiça no ministerio dos 40 dias, organizado pouco depois do fracasso ruidoso do plano complicado que Feijó architectara e em virtude do qual o congresso se de-

clarando em assembléa nacional, avocaria a si, como a convenção franceza da revolução, os destinos do paiz. Elevado Feijó á regencia em 1835, Araujo Lima não tarda de filiar-se á combativa maioria do parlamento que dirigida, principalmente, por Bernardo de Vasconcellos, nega ao sacerdote autoritario e dominador todos os meios de governo.

A este tempo já o futuro Marquez de Olinda é uma das figuras de maior prestigio do seu partido. Principalmente se distingue pela sua respeitabilidade. E' um espirito sereno, moderado e justo. Aprecia, sempre, as coisas por um prisma razoavel. Infunde sympathias como politico sincero, incapaz de machinar em cambalachos, e como homem honesto que não dá um passo sem ser de conformidade rigorosa com os principios da honradez.

Os acontecimentos tomam de repente uma feição imprevista. A maioria da Camara é cada vez mais volumosa contra Feijó. O cerco aperta dia a dia. As hostilidades directas e pessoaes feitas a elle são de todas as horas. Em dado momento, inesperadamente, o padre num arranco chama Araujo Lima a palacio, nomea-o ministro do Imperio e renuncia... De 18 de setembro de 37 a 22 de julho de 40, temos Olinda como regente do

throno, governando, nesse espaço de tempo, sob as suas ordens, quatro gabinetes.

Mostra-se, então, um lutador destemido. Os liberaes, apeados do poder, concentram no Congresso as suas forças, e investem sobre elle, empregando na pugna todos os recursos de que, legitimamente, podiam dispôr. As sessões legislativas de 1838, 1839 e 1840, fazem honra á combatividade da opposição liberal. Foram "tres campanhas parlamentares das mais brilhantes de que se póde ufanar o Brasil', escreve um historiador.

Os tres annos de administração de Araujo Lima contam-se por tres annos de agitação, de lutas, de tumultos. Rebentam movimentos revolucionarios no Pará, no Maranhão, na Bahia, que elle consegue abafar, com providencias rapidas e acertadas á altura da crise. Já no Rio Grande do Sul não se alcança a pacificação, a provincia inteira em armas, em pé de guerra. Alvares Machado, na Camara, proclama a illegalidade da regencia, sob o fundamento de que ella cabe á princeza Januaria. Tudo isso vae enfraquecendo o governo no conceito da opinião. Em 1840, logo ao abrir-se o parlamento, a minoria agita, com estrondo, a proclamação immediata da maioridade. A idéa ganha raizes. O povo confraterniza com os

liberaes. A luta assume, então, o caracter de extrema gravidade. Olinda, nestes momentos difficeis, não esmorece, nem titubeia. A sua directriz está traçada. Enfrentará a opinião publica...

No Senado, na primeira sessão, os irmãos Hollanda Cavalcanti propõem que D. Pedro seja, quanto antes investido de todas as suas funcções majestaticas. Os conservadores levantam a luva e rejeitam a proposição. No debate da fala do throno, Paraná, sustentando o governo, tem o seu primeiro e renhido encontro com Sepetiba, partidario exaltado do golpe de Estado. Na Camara, Martim Francisco repete o projecto recusado no Senado, emquanto o ministerio balançado, procura reforçar-se, chamando ao seu seio dois elementos de primeira ordem, Paulino de Souza e Rodrigues Torres. Os debates são, comtudo, cada vez mais tempestuosos. "Conturbaram-se os animos, narra Pereira da Silva, alvoroçaram-se as paixões e ouviram-se insultos e injurias pessoaes. Nas ruas e praças das vizinhanças do edificio derramavam-se ondas de povo que soltavam vivas á maioridade; apinhavam-se tambem em numero extraordinario nas galerias da Camara, e dahi dirigiam apôdos aos conservadores e bravos aos defensores do projecto. Não os continha o presidente, e por

vezes foi coagido a suspender os trabalhos dos legisladores."

Olinda, Paraná e Vasconcellos — trindade formidavel — condescendem, então, em que a maioridade seja declarada, mas a 2 de dezembro. Publicado o projecto de adiamento das sessões do parlamento, precipitam-se os acontecimentos. A maioria do Senado com a da Camara faz o movimento. O resto é como se sabe. D. Pedro recusa as razões do regente e declara a sua disposição de assumir a governança. Estava iniciado o 2º reinado.

* * *

Só oito annos mais tarde, voltará Araujo Lima ao poder. O ministerio Paula Souza acabara de cair. Souza Carvalho, convidado a substituil-o, declinara, indicando para o posto o ainda então Visconde de Olinda. O gabinete de 29 de setembro de 1848 organizava-se em circumstancias excepcionaes. Era composto, todo elle, de chefes dos mais graduados do Partido Conservador, Olinda, Itaborahy, Monte Alegre, Euzebio de Queiroz. E se apresentava a uma Camara, na sua grande maioria, liberal... Theophilo Ottoni recebe de lança em riste a nova situação. Não contém a sua linguagem vehe-

mente. Apaixona-se, exalta-se, faz accusações tremendas. Vae ao ponto de avançar que semelhante acontecimento não podia ser senão um resultado das machinações da "facção aulica, que governava o paiz e que tinha agora por chefe o senador Almeida Torres." No Senado, o presidente do Conselho limita-se prudentemente a declarar, deixando que passe a tempestade:

— O actual gabinete não faz promessas, não quer prometter, para não se ver muitas vezes na dura necessidade de não poder cumprir seus desejos...

E' uma declaração esquiva, como se vê, declaração de quem marcha em taes difficuldades que só no silencio encontra a porta de saida. A politica parlamentar do imperio offerece aspectos empolgantes... Na Camara succedem-se, tremendos, os protestos contra a curiosa substituição dos liberaes... E' tal o ambiente que o chefe do governo convidado a comparecer á sua presença, se excusa sob o fundamento de que não o póde fazer no dia designado por ser necessaria a sua ida ao Senado. Merece ser lida a moção com que Christiano Ottoni protesta, em linguagem candente, contra todo esse estado de coisas:

"Proponho que se passe á outra parte da ordem do dia, declarando-se na acta que

havendo se organizado o ministerio actual no dia 29 do mez passado, e havendo tratado com evidente menosprezo a representação nacional, deixando de comparecer nesta Camara para explicar seu programma politico, apezar de ter sido convidado por duas vezes, a Camara passa á ordem do dia, retirando-se os convites não acceitos, e protestando contra a desconsideração com que era tratada, e contra tão deploraveis infracções dos principios da Constituição."

Uma balburdia immensa se estabelece no recinto. 62 votos contra 25 approvam a moção. Dahi a pouco chegava á Camara, ainda em meio a grande agitação, o decreto que adiava as sessões do parlamento.

* * *

Em 57, em 62 e em 65, o Marquez de Olinda é o organizador dos gabinetes de 4, 30 e 12 de maio. No primeiro, propõe-se a continuar a politica de conciliação que Paraná iniciara, a "politica que proclamada do alto do throno e levada á execução, tem conseguido fazer tender os espiritos para a concordia e a moderação." O 2º, o chamado ministerio dos anciãos, foi um ministerio esteril, surgido entre os dois presididos por Zacarias, em 24 de maio de 62 e em 15 de

janeiro de 64. Uma e outra combinação que Araujo Lima dirigiu caracterizam-se, a primeira pelo desastre financeiro de Souza Franco; a segunda pela questão Christie e consequente rompimento de nossas relações com a Inglaterra.

Na organização de 12 de maio de 1865, Olinda vae se ver a braços com a guerra do Paraguay, coincidindo, justamente, a sua ascenção com a viagem do Imperador ao Rio Grande. E' um ministerio politica e administrativamente sem orientação. Os seus membros, entre si, não se entendem. Não ha harmonia e cada ministro se julga com a independencia bastante para fazer, por si, o que entender, sem consulta nenhuma aos seus collegas. Todos sentem o caracter de transitoriedade de um gabinete assim. E elle cáe quasi sem barulho, sem difficuldades, suavemente, contando pouco mais de 14 mezes de vida.

O marquez de Olinda andava, então, pelos seus 72 dezembros. Politicamente, no que toca ás suas relações com os partidos, fizera uma lenta evolução dos conservadores para os liberaes, passando pela *liga* e pelos *progressistas*. Conservava, porém, acima das facções, o espirito de independencia pessoal. "De sua situação de regente, escreve Joaquim Nabuco, ficara-lhe um orgulho na-

tural de ser o primeiro cidadão abaixo do Imperador, uma especie de vice-Imperador permanente". "Elle tinha em tudo idéas proprias, sentimentos ou antes preconceitos que ninguem podia modificar."

Com o seu talento muito vivo e sempre prompto, com a sua cultura, com o conhecimento que tinha das praticas de administração, com a surprehendente actividade de trabalho que manteve até os seus derradeiros instantes, o estadista pernambucano foi dos politicos do Imperio um dos que alcançaram posição de mais vasta respeitabilidade.

Ao morrer em 1870, bem merecia o epitaphio que lhe consagrou o grande espirito de Joaquim Manoel de Macedo:

"— Em sua vida póde-se lêr grande parte da historia da patria durante quasi meio seculo."

MARQUEZ DE PARANAGUÁ

Ha 104 annos, em 26 de Agosto, numa longinqua cidadela do interior do Piauhy, vinha ao mundo, João Lustosa da Cunha Paranaguá.

Sua ascendencia era das mais modestas e a desventura ferindo-o fundo, com a morte do pae, atirava-o, nas suas oito primaveras, para fóra do convivio da mãe extremosa, rumando, sózinho, para a Bahia, a fazer ali, sob a protecção de parentes, os seus primeiros estudos.

Foi este o seu começo de vida. Assim iniciou, nos jardins da existencia, os seus primeiros passos incertos e vacillantes. Dahi por deante é que a fortuna o tomaria para protegel-o. O adolescente faz rapidamente os seus estudos primarios, galga, aos 20 annos, a Faculdade de Direito de Olinda, para, depois de um curso brilhante, receber, em 1846, o gráo de bacharel em sciencias juridicas e sociaes.

De Pernambuco torna á Bahia, onde

sua cultura literaria se completa e aprimora, e onde encontra o amor e a felicidade, ligando-se, pelo casamento, a uma das familias mais distinctas da provincia, a do visconde de Montserrat.

Num jury famoso que, em São Salvador, teve logar, o joven bacharel faz a sua estréa sensacional. Tratava-se de um assassinio, barbaramente perpetrado pelo professor Lisboa. Desmanchara este o seu noivado com a bella e encantadora Julia Feital, de cuja fascinação ainda hoje na Bahia se guarda a lembrança. Não se pôde conter e num impeto passional, mata-a, á bala, por cima da mãe della, por detraz da qual a pobrezinha correra a esconder-se, transida de pavor.

Paranaguá estréa nesse jury, numa causa por demais ingrata, que attraia uma aversão generalizada, como advogado do assassino. Por isso mesmo que a causa não podia ser peor, e tendo, ainda, contra elle, um dos advogados mais notaveis de sua terra, o dr. Luiz Maria, mais se salienta e avulta o esforço formidavel de intelligencia e de erudição a que foi forçado o recem-formado bacharel.

Ingressando na politica ao mesmo tempo que desempenha, successivamente, as funcções de delegado da capital, juiz municipal

e juiz de orphãos de Cachoeira, logo em 1848 é levado á Camara Provincial, onde se mantem até 1853, quando, então, sua provincia natal, o Piauhy, o envia, como um dos seus representantes, á Camara dos Deputados.

Vae começar, em scenario mais amplo, a accidentada vida politica de uma das grandes individualidades do 2º reinado. Habil, maneiroso, intelligente, sabe insinuar-se na affeição dos homens da época. Se não tem a sagacidade de um João Alfredo, os arroubos oratorios de um Salles Torres Homem, ou o florido e a harmonia de expressão de um Francisco Octaviano, possue, como politico e como parlamentar, qualidades multiplas que o recommendam, como um companheiro que é bom, sempre, ter ao lado.

Em 1858, convidado, acceita a presidencia do Maranhão de onde voltará, um anno mais tarde, para figurar como ministro da Justiça, no gabinete de 10 de agosto, presidido por Ferraz, (Barão de Uruguayana).

Foi, aliás, uma pasta brilhantemente conquistada, no campo da luta, num desses admiraveis torneios parlamentares que tanto embellezam o systema.

O ministerio Limpo de Abreu entrára em crise na Camara, com a proposta bancaria de Salles Torres Homem, ministro da

Fazenda. A opinião publica, bem ou mal inspirada, levantara-se contra elle. E como reflexo natural os animos na casa baixa do Congresso mediam-se pelo mesmo gráo de exaltação.

A 22 de junho, quando a proposta é dada á discussão, trava-se um debate intenso e apaixonado. E é Paranaguá quem o rompe, logo seguido de Dantas e Saraiva. Verifica-se, então, que não só os liberaes historicos, com Martinho Campos e Francisco Octaviano á frente, como o grupo de conservadores que haviam sustentado o anterior gabinete presidido pelo marquez de Olinda, estão contrarios aos designios do governo. A proposta consegue passar por 61 votos contra 50, mas o ministerio é que não poderia mais resistir. Negado pelo imperador o adiamento das Camaras, elle cede o seu logar á combinação Ferraz.

Paranaguá, que parte tão saliente tomara na pendencia, tem assim um ministerio, conquistado muito parlamentarmente, a custo sómente dos seus esforços de representante do povo.

Deixando o governo em 1861, exerce de 65 a 66, a presidencia de Pernambuco, para, nesse mesmo anno, escolhido senador pela sua provincia natal, voltar ao poder, exercendo a mesma secretaria, que antes desem-

penhara, agora sob a chefia de Zacarias de Góes e Vasconcellos.

A este tempo, diz Pereira da Silva, eram notorios "o zelo e as qualidades severas de administrador intelligente", que todos reconheciam e admiravam no politico piauhyense.

Assim, quando Ferraz, em plena campanha do Paraguay, recusa-se a assignar a nomeação de Luiz Alves de Lima, (Duque de Caxias), para o commando geral dos exercitos, apresentando, incontinente, a sua demissão, é a Paranaguá que Zacarias recorre para conjurar a crise, entregando-lhe a pasta da Guerra, que elle desempenhará a contento geral, saindo-se sempre bem em todos os seus actos e deliberações.

Deixando o governo em 68, com a subida de Itaborahy, só 11 annos mais tarde voltará aos conselhos da corôa, em 1879, para superintender, pela segunda vez, os negocios da Guerra, substituindo ao marquez de Herval, no agitado ministerio de 5 de janeiro, presidido pelo visconde de Sinimbú.

Nesta época Paranaguá ocupa no Partido Liberal um dos seus logares de maior destaque. Figura entre os seus chefes mais prestigiosos e é já com essa aureola que preside a Bahia, de 1881 a 1882. O seu nome,

então, era já, a cada momento, falado para organizador de gabinete.

Em 82, largando Saraiva o governo, é para elle que o Imperador appella. Paranaguá, era, porém, um espirito essencialmente disciplinado nas regras do parlamentarismo. Achava que o novo ministerio logicamente só deveria ser organizado por Martinho Campos, naquelle momento eleito presidente da Camara, por uma votação bem significativa. E declinou do convite. Seis mezes mais tarde succederia a este seu correligionario, compondo o gabinete de 3 de julho, em que tomou para dirigir os negocios da Fazenda.

O seu discurso de apresentação á Camara, na sessão de 5 de julho, é um modelo de eloquencia sobria, discreta, em que as coisas são ditas com firmeza e com intelligencia, impressionando agradavelmente a quem quer que ainda hoje o leia.

Começou explicando as razões porque ali estava. Convidado, no primeiro instante recusára, na persuação sincera, em que se encontrava, da existencia de uma coalização entre a dissidencia liberal e a minoria conservadora. Ausente, ignorava a situação. E em taes condições não poderia acceitar a incumbencia, sentindo que não lhe seria licito aproveitar-se de um resultado para o qual

não contribuira, directa nem indirectamente. Uma vez, porém, informado do contrario, pelo proprio monarcha, não via por que recusar este serviço ao seu paiz. E ali estava.

O marquez de Paranaguá era, como se vê, e acima de outra qualquer coisa, um homem honesto, cheio de escrupulos, incapaz de enveredar por uma estrada tortuosa, ou um caminho menos limpo.

Passa, em seguida, a falar do seu programma. Quem o lê tem a impressão de um espirito lucido, esclarecido, bem intencionado, desejoso de fazer o bem de sua patria. Em materia de finanças leva o seu plano preconcebido. Vae incrementar a fiscalização nas arrecadações de renda e proceder com economia no dispendio dos dinheiros publicos, "tendo sempre em vista a verdade dos orçamentos, que reputa a pedra angular do systema representativo". Quer a reducção do papel-moeda e a diminuição dos juros da divida interna.

Mas não é só. O gabinete tem ainda em vista grande numero de realizações outras, com as mesmas idéas do programma liberal de 68. Pleiteará que o Poder Judiciario seja collocado em "posição de verdadeira independencia, capaz de inspirar confiança a todos os partidos". Promoverá, quanto possivel, "a descentralização admi-

nistrativa, fortalecendo a autonomia das camaras municipaes", assim como "o alargamento da instrucção publica, como base de todo o progresso e liberdade". Quanto á magna questão do elemento servil, mostra-se grandemente preoccupado com as consequencias da abolição, promettendo, de uma maneira geral, que "o ministerio favorecerá, sem quebra do respeito á propriedade, a evolução que se opera do trabalho escravo para o trabalho livre."

Sente-se, em todas as suas palavras, o estadista de visão larga, o homem de idéas, sinceramente absorvido na preoccupação de acertar. O marquez de Paranaguá fecha o seu discurso com toda a habilidade, manifestando os seus desejos de contar com o apoio, não só da maioria, como com o da minoria: "Nós nutrimos a esperança, de que os dignos membros da opposição conservadora, com a sua lealdade, não se recusem prestar-nos o seu valioso concurso em terreno neutro, sobre questões que interessando á causa publica, tenham por si accôrdo quasi geral".

Vê-se ainda aqui a compleição moral do hômem. Não pede clemencia. Não tenciona corromper ninguem. Deseja governar com todos, numa politica de confraternização e de harmonia, mas não solicita o "concurso" dos adversarios além do "terreno neu-

tro", isto é, além dos limites até onde, dignamente, podem ir. Não tem direito de querer mais dos seus inimigos.

Nesse mesmo anno de 1882, discutindo o orçamento da Fazenda, Paranaguá vae enfrentar dois dos maiores oradores parlamentares de sua época: Ferreira Vianna e Andrade Figueira. Na tribuna não conhece difficuldades. Em meio a discussões agitadissimas, conserva uma impassibilidade inalteravel. Não se perturba. Não se exaspera. Os apartes não o atrapalham em coisa alguma. Recebe-os serenamente e a cada qual responde com precisão e com brevidade, sem perder o fio de suas considerações. E' de uma presença de espirito singular. Não ha nada que o faça desviar de rumo. Diz o que é preciso e o que tem a dizer, sabendo aproveitar, sempre, a seu favor, as interrupções dos adversarios.

Homem de principios, nunca encarou o partidarismo como pacto de renuncia aos seus ideaes e ás suas idéas. Quando a aggremiação a que pertencia quiz depurar no congresso a José Bonifacio, Carrão e outros liberaes que haviam conseguido a eleição, rebellou-se contra isso e votou pela entrada delles no parlamento.

Conservador até o ministerio de 10 de agosto, (1859) presidido por Ferraz, no mo-

mento em que se deu a scisão de que resultou a fundação do partido progressista, foi dos que se retiraram daquelle partido.

Do mesmo ministerio, Cansansão de Sinimbú, Paes Barreto e Rego Barros tiveram, como elle, a mesma attitude.

Fundindo-se mais tarde os progressistas com os liberaes, Paranaguá conquistou entre estes um logar de relevo no seu estado maior.

Depois de ter sido visconde, varios annos, morreu, já marquez, com uma das reputações mais austeras de seu tempo.

DANTAS

O conselheiro Dantas terá sido, talvez, o mais popular dos politicos, do segundo reinado. Joaquim Nabuco, José do Patrocinio attingiram na campanha memoravel do abolicionismo ao apogeu da grande popularidade. A de Dantas não era dessas, passageira, mais reflexo da causa do que propriamente do individuo. Era de um outro feitio, de uma modalidade diversa. Na mesma propaganda abolicionista os louros que coroavam Nabuco e Patrocinio ornamentavam tambem a fronte do presidente do gabinete de 6 de junho. Não falo, porém, da popularidade — exaltação, da popularidade — enthusiasmo, mas de uma outra, menos vibrante, menos ruidosa, todavia, mais firme e mais estavel. A de Dantas era assim. Desde que elle apparece no scenario da vida politica nacional é conquistando sympathias, nos circulos politicos, como nas camadas populares. A sua physionomia é já de si uma expressão aberta e franca, expansiva, leal,

convidando a revelações . Não se aponta em sua existencia uma falha de caracter. A bondade trae-se nelle nas coisas menores e mais insignificantes. Infunde confiança. Inspira respeito. Se por alguma coisa elle peca será pelos exageros do agrado. Os seus abraços effusivos, paternaes, tornaram-se celebres. E a lenda maliciosa, commentando o seu constante trajar de preto, dizia que já andava assim prevenido para as eventualidades dos enterros e das missas funebres a que não faltava nunca.

O certo é que Dantas, com o seu feitio derramado, tão á feição da nossa gente, attingiu a uma posição singular de estima e de confiança, entre amigos e entre adversarios. "Encontram-se nos seus salões *guelfos* e *gibelinos,* escreve Eunapio Deiró, attraidos pela amenidade do trato, pela cortezia das maneiras, pelo abandono da franqueza."

Não se queira deduzir dahi ter sido o estadista bahiano como politico, incolor, inimigo das posições definidas, fraco e contemporizador. Nada disso. "No momento da luta", depõe um contemporaneo, "é um batalhador audaz que não hesitará não só em ferir, mas ainda em esmagar o contendor, se o agarrar de geito". De 1868 a 1878, nestes dez longos annos em que os liberaes

jazem no ostracismo, Dantas se constitue um dos mais fortes baluartes da reacção liberal. Na Bahia, abrindo luta franca com o visconde de São Lourenço, chefe conservador de tradicional prestigio, consegue formar um nucleo de resistencia de que resulta em breve a sua consagração como o politico bahiano mais querido do seu povo. Dantas attinge, então, a uma posição singular que, antes ou depois delle, jámais ninguem desfrutou. Recebem-n'o em toda parte com deferencias de chefe de Estado. Não ha solemnidade publica, não ha festa particular para que não seja convidado e em que a sua cadeira não esteja ao lado da do presidente da provincia, em plena condição de egualdade. Dentro em pouco será chefe absoluto do seu partido, em que pese a poderosa influencia de Zacarias, Saraiva e Nabuco de Araujo, todos tres bahianos como elle.

* * *

Dantas inicia a sua vida publica como magistrado. E' o começo de carreira commum e banal de quasi todo bacharel que vem de terminar o curso juridico. Se tem seguido a profissão teria sido, certamente, juiz dos mais rectos e dos mais integros.

O segundo reinado, porém, teria perdido um dos seus maiores estadistas. Ainda bem que a politica o attraiu, o envolveu nas suas malhas e não mais o deixou sair, emquanto, pelo menos, foi monarchica a nossa fórma de governo. Elegem-n'o deputado provincial, depois deputado geral. Isso na legislatura de 1857. Onze annos, seguidamente, elle representa a Bahia na Camara. Em 1868 começa o grande ostracismo liberal de dez annos e só em 78, com a quéda dos conservadores, voltará ao seu logar de deputado, que logo deixará, nomeado senador do imperio a 15 de outubro do mesmo anno.

Em 1866, ao organizar Zacarias o gabinete de 3 de agosto, Dantas é o seu ministro da Agricultura. Na emergencia da situação não poderia dar desenvolvimento a qualquer plano ou programma de acção emprehendedora. "O primeiro dever do governo nas circumstancias em que nos achamos, declarára o presidente do conselho, no seu discurso inaugural, é esforçar-se por acabar honrosamente a guerra com o Paraguay". O segundo, combater a crise financeira. Dois problemas sérissimos, como se vê, cada qual mais urgente, a exigir maior cuidado e mais escrupulosa attenção dos que tinham a responsabilidade do mando, qualquer dos dois capaz de só por si encher to-

das as occupações de um ministerio. Dantas não sae, todavia, sem deixar assignalada a sua passagem por um acto de administração do mais alto alcance pratico, o franqueamento dos rios Amazonas, Tocantins, Tapajoz, Madeira, Negro e São Francisco á navegação dos navios mercantes de todos os paizes. No parlamento, em discussões memoraveis que se travaram, Dantas prestou ao governo o concurso da sua palavra ardente e arrebatada. Estava firmado o orador.

O gabinete de 28 de março de 1880, presidido por Saraiva, tambem se chamou gabinete Saraiva-Dantas. Este "representava ali, diz Tobias Monteiro, o elemento mais activo e quiçá mais partidario da situação". O chefe do governo, como conta Deiró, "indifferente ás exigencias da pequena politica e reconhecidamente desdenhoso de examinar a fundo uma questão, deixára a exclusiva direcção ao ministro da Justiça". "Ninguem entre os nossos politicos póde comparar-se ao sr. Dantas. Não é um talento, é mais ainda um genio de paciencia. No meio da alluvião de pretenções, no atropelo dos negocios, na irritação dos adversarios, nas descommunaes e incensatas exigencias dos correligionarios, o senador Dantas ouve a uns risonho; escuta a outros attencioso; fala a

todos é dá razão a todos, cheio de promessas e de esperança". E' um companheiro que vale ao gabinete como segura garantia do seu prestigio e da sua estabilidade.

Onde, entretanto, o estadista, o politico, o parlamentar se revelam em toda a extensão dos seus admiraveis recursos é no gabinete de 6 de junho. Com elle, escreve Ruy Barbosa, "amanhece no governo a edade abolicionista. Até esse tempo o abolicionismo lavrava na consciencia publica; mas a propriedade servil prelevava com poderio absoluto, acastellada no mundo official. O senador Dantas quebrou esse encanto formidavel, negando no projecto de 15 de julho a propriedade-escravidão. A libertação incompensada dos escravos sexagenarios era, em germen, a emancipação gratuita de todos os ecravos."

O imperador chamára ao poder o eminente homem publico em circumstancias bem vexatorias. Saraiva, Sinimbú, Ouro Preto, convidados a organizar a nova situação que deveria succeder a Lafayette, todos tres se haviam recusado. Dantas era o ultimo recurso de que lançava mão a Corôa, desejosa de manter de cima os liberaes e de dar com elles, quanto antes, o maior incremento possivel a idéa emancipadora, preoccupação constante e sonho dourado de sempre desse

monarcha extraordinario que se chamou D. Pedro II.

No seu discurso de apresentação teve Dantas o dito que na época agitou a opinião: "Neste assumpto nem retroceder, nem parar, nem precipitar". Estava definida toda uma politica... A 15 de julho, seu filho, o deputado Rodolpho Dantas, apresentava á Camara o projecto governamental que definia os seus desejos e os seus propositos no tocante á magna questão da abolição do elemento servil. Libertavam-se incondicionalmente os sexagenarios, localizavam-se os escravos, ampliava-se o fundo de emancipação. "Foi o cartel de desafio", na phrase feliz de Tavares da Lyra. A luta ia começar, arrebatada, empolgante, vehemente, cheia de lances imprevistos, uma das mais bellas e das mais animadas que o segundo reinado presenciou. "Pintaram outrora em França, Thiers galgando a tribuna como um cavalheiro de esporas e chicote, sempre prompto a montar a cavallo. Dantas está no mesmo caso. Elle fala, ora, escreve, gesticula, despacha, responde, sorri, e vae além o seu caminho e não é facil retel-o em sua mracha."

Na campanha parlamentar que o ministerio Dantas emprehende, o seu chefe demonstra qualidades possantes de lutador, general indomavel que não se arreceia dos re-

vezes e a cada contratempo e quanto maior a difficuldade, mais intensa a sua vontade de lutar e de vencer. Dias memoraveis o dessa campanha brilhantissima! A Camara dividida não mais entre liberaes e conservadores, mas entre emancipacionistas e escravagistas! A tribuna, sempre occupada, em duellos formidaveis de erudição e de eloquencia, pelos maiores oradores e parlamentares da época! O ministerio, como uma canôa pequenina lavada de agua, açoitada pelo vento, mas guiada pelo pulso seguro de bravos marinheiros, a lutar na immensidão do oceano, contra a brutalidade das vagas, em noite tormentosa de tempestade.

O projecto Dantas é logo recebido com moção de desagrado. O presidente da Camara, Antonio Moreira de Barros, deputado liberal, atira a luva renunciando a presidencia por "não querer servir mal o governo ou trair suas opiniões". E' necessario que se meçam as forças. Collocada a questão no terreno da confinça, 55 votos contra 52 dão ganho de causa ao gabinete. Minoria insignificantissima! A luta prosegue numa tal exaltação de animos, numa tal exasperação de parte a parte, que se torna impossivel prever o resultado. A discussão dos orçamentos dá logar a debates acrimoniosos. Gritaria. Assoada. Doestos. Os oradores,

perdida a calma, desapparecida a serenidade, deixam-se levar aos maioires excessos de linguagem. Paulino de Souza, Andrade Figueira, Ferreira Vianna, proferem discursos incendiarios. Em meio a tudo isso sobresae, como figura de relevo em medalhão romano, a insinuante personalidade do conselheiro Dantas. Bate-se como um leão. Occupa a tribuna reiteiradamente, quantas vezes sejam precisas... Os seus recursos oratorios são inesgotaveis. A acidez do debate não o arrasta, nunca, a dizer o que não quer. Só diz o que é preciso e o que deve. E resalta de tudo a sua firmeza, no seu ponto de vista de só considerar questão de confiança a que se baseasse nas idéas do projecto. No dia 23 de julho, em duas votações successivas, o governo é derrotado. A 28, a moção Ratisbona intima o gabinete a collocar-se "nas condições normaes do regimen parlamentar". Lourenço de Albuquerque suggere outra em que a Camara "deplora" que, "sem o seu apoio o ministerio continue na gestão dos negocios publicos."

E Dantas firme, inabalavel, sem ceder. Finalmente, João Penido formula a sua moção em termos que não póde ser recusada, por isso que estava inteiramente dentro da declaração do chefe bahiano: "A Camara dos Deputados, reprovando o projecto do

governo sobre o elemento servil, nega-lhe a sua confiança". A moção foi approvada... e a Camara dissolvida... Nas eleiições, o presidente do conselho sabe guardar a isenção necessaria, tão peculiar áquella linha superior de elegancia moral que os homens do imperio timbravam sempre em manter. Na nova Camara as forças mostram-se em equilibrio. A 8 de abril, Moreira de Barros, deixando a presidencia para que se conseguira eleger, apresenta uma moção negando o apoio da Camara "á politica do governo". Vae começar, novamente, a questão de confiança. O discurso que Dantas profere, então, figura como uma das mais bellas paginas da eloquencia parlamentar do tempo. "Os seus adversarios podiam fazer o que quizesse, mas lhe seria tão impossivel deter a idéa da emancipação no seu caminho victorioso, como deter o Amazonas no seu curso". O governo salva-se, ainda uma vez, pelo empate na votação. Mas já se sente claramente que os seus dias estão contados. Sobrevêm acontecimentos populares que attingem a proporções impressionantes, assustadoras. Durante as sessões, as galerias intervinham nos debates manifestando-se ora contra, ora a favor dos oradores, turbulentamente, em algazarra. Nas ruas dão-se desordens que culminam em aggressões pes-

soaes aos deputados escravagistas e ao proprio presidente da Camara. Isso não póde continuar. E' evidente. Afinal, a 4 de maio, consegue approvação a incisiva moção de Antonio Siqueira: "A Camara dos Deputados convencida de que o ministerio não póde garantir a ordem e segurança publica, que são indispensaveis á resolução do projecto do elemento servil, nega-lhe a sua confiança."

Sem que o seu projecto tivesse, sequer, entrado em discussão, o gabinete não mais podia continuar no poder... Estava em baixo. Mas como se disse na época e a historia guardou a expressão, "caiu nos braços do povo" e o cons. Dantas sagrado como o "chefe parlamentar do abolicionismo."

Isto se passava em maio de 85... Tres annos depois a escravidão era declarada extincta no Brasil, e dizem os historiadores que na memoravel sessão de 13 de maioi no Senado, Dantas "parecia o verdadeiro triumphador..." Nesse dia, quando elle chega á rua do Ouvidor é carregado pelo povo entre acclamações delirantes.

Pela estrada do futuro vinha já caminhando, a passos largos, a Republica. Ella surprehendeu Dantas no seu mandato de senador, que lh'o arrancou, mas o velho estadista do Imperio soube se manter fiel, até o tumulo, ás suas convicções doutrina-

rias... Não contemporizou com o facto consummado. Não transigiu com a victoria. Não tratou mais de politica!... Que geração de homens, a que foi destruida pela jornada militar de 15 de novembro!...

MARTINHO CAMPOS

Martinho Campos distingue-se no seu tempo como a organização mais completa do congressista de opposição. Deputado de 1861 a 1881, senador de 82 a 87, em mais de 25 annos de vida parlamentar, apenas uma unica vez foi chamado aos conselhos da corôa. Entretanto a sua actuação na politica do Imperio foi uma actuação constante, que se fez sentir, por assim dizer, em quasi todas as combinações ministeriaes a que assistiu, de modo que na monarchia o logar do estadista mineiro só póde ser ao lado daquelles que maiores responsabilidades tiveram no regimen.

O orador era máo. Martinho Campos, não o dotára a natureza de nenhum desses dotes oratorios que fazem vibrar e enthusiasmar a assistencia, attraida ao encanto da palavra. Physicamente encarado, desagradava desde a primeira vista, pelo seu aspecto pouco sympathico, alto, magro, vermelho, a bôca sem dentes, o queixo pejado de espi-

nhas... Todavia, falando sempre, enfrentando e provocando as maiores capacidades da Camara, envolvendo-se em todos os debates, usando, habitualmente, de uma linguagem vehemente, inflammada, desrespeitosa, procurando afundar o adversario pelo ridiculo ou pelo ataque energico e sem contemplações, era um homem temido e respeitado na tribuna. As suas replicas tornaram-se famosas. Galhofeiro, jovial, desabusado, quando respondia a um adversario era preciso que este fosse muito seguro para não succumbir, tristemente, sob as risadas causticantes do auditorio...

O politico possuia habilidades que explicam e justificam, perfeitamente, o successo de Martinho Campos, a sua respeiitabilidade, o seu prestigio, a consideração em que o tinham todos os governos que se formaram depois da sua entrada para a representação nacional. Membro do Partido Liberal, servindo com inatacavel lealdade e inexcedivel probidade aos seus amigos e correligionarios, não entendeu nunca o partidarismo como pacto de abdicação das suas idéas. Não transigiu jámais com essas. O que tinha vontade de fazer, o que entendia de levar avante, sempre fez, sempre levou, sem preoccupações de desagradar fosse lá a quem fosse, indifferente ao que pensavam

ou ao que diziam os seus collegas de seita. As suas attitudes tomava-as por si, sem ouvir os outros, sem escutar conveniencias de partidos. Gabinetes liberaes tiveram nelle um adversario implacavel...

Esta feição de combatente de ministerios é que, principalmente, o caracteriza. Martinho Campos tornou-se na Camara um espantalho de ministros. Rara a organização que se realizou sem que o procurassem agradar e conquistar-lhe senão o apoio, pelo menos as sympathias... Pessoalmente, o politico das Alterosas era um homem bom, desataviado de preconceitos, despido de vaidades, recebendo os que o procuravam com gentileza e com distincção. O parlamentar, porém, era indomavel. Manobrando uma escaramuça, chefiando um combate, dirigindo uma campanha, ninguem o fazia com mais finura nem melhor tactica. Sabiia de cór o regimento da casa. Suscitava questões de ordens, umas sobre as outras, com uma rapidez prodigiosa. Tinha recursos de lutador que admiravam e excediam aos calculos mais cuidadosos dos seus adversarios mais precavidos.

Outra caracteristica do seu espirito foi o desprezo pela popularidade. Deputado, ás voltas com a necessidade constante de reeleição, conta Taunay como elle levava o seu

eleitorado sem "grandes condescendencias, nem barretadas", acostumado a dizer:

— Será grande favor não me reelegerem.

Em 1872 faz parte da patrulha liberal que guerreia o gabinete de 7 de março de 71, presidido pelo visconde do Rio Branco. Agitada a questão do elemento servil, firma logo a sua posição de "escravocrata da gema", como elle a si mesmo se caracterizou. Costumava dizer, então, com o desprendimento que lhe era habitual:

— Não desejo popularidade na rua do Ouvidor... Não desejo. Fiquem sabendo... E' declaração de que não recúo... Alisto-me entre os mais emperrados e ferozes escravagistas... Tenham paciencia!

Presidente da provincia do Rio, em 1881, sob o gabinete Saraiva, a que prestou o seu apoio, é convidado em 1882 para organizar o ministerio de 21 de janeiro. O discurso de apresentação de Martinho Campos figura nos annaes do nosso parlamento como uma peça curiosamente original. Logo de inicio elle diz com muita graça:

— Mais acostumado a embaraçar os governos, do que a pensar em ser governo, tendo passado a minha vida inteira na opposição, devo declarar, apezar da justiça que me faço a mim mesmo, que deste officio de

opposicionista já eu sabia um pouco, mas quanto ao do governo nenhuma experiencia e pratica tinha. Um pequeno e ligeiro ensaio na provincia do Rio de Janeiro não serviu senão para demonstrar-me que o papel de governo é muito mais difficil que o da opposição, comquanto o desta seja muito mais patriotico e exija muito mais sacrificios pessoaes.

A oração, longa, interessante, fóra dos moldes em uso para taes casos, aborda questões diversas, terminando, afinal, Martinho Campos por definir a sua situação em face dos jornaes:

"Ha hoje em nosso paiz uma imprensa que faz sua arma predilecta o insulto e a injuria; pois bem: eu protesto á Camara que até desta imprensa acceitarei as injurias, os insultos, as criticas as mais amargas como um auxilio á administração; acceito-as com animo calmo e sem nenhum resentimento ou espirito de vingança; examinarei as queixas, os factos que forem por elle trazidos ao conhecimento do paiz."

Assim falavam os homens de governo daquelles tempos, com a noção antiga, hoje em desuso, do respeito que se deve ás idéas e ás liberdades dos cidadãos. O gabinete Martinho Campos era, nem podia deixar de ser, uma coisa ephemera... O presidente

proclamando a sua falta de geito para a funcção do mando, falava com o coração aberto, dizendo tudo aquillo com a sinceridade de sua alma de patriota. Na phrase do visconde de Taunay "o ministerio, póde-se dizer, morreu no nascedouro, estrangulado logo pelo proprio organizador". No expediente do Senado, uma vez, apresentou um requerimento "sobre irregularidades e factos do correio", pedindo "informações ao proprio governo". Foi um escandalo. E Martinho Campos, impassivel, teimava e insistia:

— Estou no meu direito. Como disse o sr. Cotegipe ali ha *caveira de burro,* e quero ver se a posso desenterrar...

Os liberaes não tardaram de descontentar-se com o gabinete. Em maio, Martim Francisco, accusando vivamente a situação de "não representar as doutrinas politicas do partido liberal", rompia em opposição, renunciando a presidencia da Camara... Pouco mais de um mez, e o gabinete vinha abaixo. Em 30 de junho, Ignacio Martins estranhando "a demora da discussão do parecer da commissão mixta sobre as eleições" requeria urgencia para que o assumpto, de preferencia a qualquer outro, fosse logo tratado pela casa. Rodolpho Dantas, ministro do Imperio, colloca a questão nos seus devidos

termos. Se o que se visa é uma prova de desconfiança ao governo, acceita neste terreno a discussão do requerimento. 63 votos contra 46 põem abaixo o ministerio.

Martinho Campos, depois de ter sido presidente da Camara, era já, agora, senador do Imperio. Estava no fim de sua vida politica. No Senado não levará mais de cinco annos. Neste ramo do parlamento teve, ainda, os seus dias de notoriedade. Velho, cansado, vergando ao peso dos seus 71 invernos, morre a 25 de março de 1887, pouco mais de dois annos antes da proclamação da Republica... Deixava, como legado, a reputação de um espirito independente, honesto, patriota, raro exemplo de politico que desdenhava o poder e cujo prazer e cuja gloria foi o viver sempre na opposição...

MARQUEZ DE MONTE ALEGRE

Poucos foram, no Imperio, principalmente no 2º reinado, os nossos homens publicos que lograram o titulo de marquez. Tem sido esta, mesmo, uma das criticas que se faz ao antigo regimen: uma monarchia sem nobreza. Basta dizer que em 60 annos de systema monarchico não tivemos senão um unico duque que foi Caxias. Por todo o governo de Pedro II não passaram pelo ministerio mais de oito marquezes que foram Sepucahy, Abrantes, Muritiba, Paraná, São Vicente, Olinda, Monte Alegre, Paranaguá (o 2º). Com Pedro I, relativamente ao tempo em que se conservou com o leme na mão, sempre houve mais portadores deste titulo. Nos factos historicos da época figuram com frequencia os nomes dos marquezes da Praia Grande, de Caravellas, de Baependy, das Lagôas, de Paranaguá, (1º) de Nazareth, de Santo Amaro, de Barbacena, de Inhambupe, de Aracaty. E' uma casta, porém, que tende a desapparecer... Pedro II

desfecha-lhe o golpe de morte. Faz barões e faz viscondes, porém se mostra de excessivo rigor quando se trata de promover um marquez. E em 1889 parece que só dois delles restavam vivos. Se o 2º Imperio tivesse sabido formar a sua nobreza, organizando uma Côrte poderosa de fidalgos e titulados de toda a especie, a sua fortaleza, o seu prestigio, a sua segurança teriam sido outros, e muito possivelmente elle não teria baquado, como baqueou, em 15 de novembro, victima de uma sedição militar, circumscripta ao perimetro da capital, sem ramificações em quaesquer das provincias e sem raizes nenhumas no seio da opinião nacional.

* * *

José da Costa Carvalho foi um dos cinco marquezes que com Pedro II attingiram á presidencia do conselho de Ministros. Releva notar que tanto elle como Olinda, como São Vicente, como Paranaguá, eram todos viscondes ao tempo em que foram convidados para o desempenho daquella funcção. Só Paraná é que logrou exercel-a já em pleno uso e gozo do seu marquezado.

José da Costa Carvalho, nascido na Bahia, a 7 de fevereiro de 1796, formado em bacharel pela Universidade de Coimbra em

1819, inicia a sua vida publica como magistrado em São Paulo, exercendo por espaço de um anno as funcções de juiz de fóra. A sua carreira politica assignala-se pela conquista muito rapida dos postos mais elevados. Em 1822, ao se agitar a campanha da independencia, forma logo ao lado dos defensores da causa nacional, com todo o ardor e todo o apaixonamento de uma vibrante mocidade de 26 annos.

Monte Alegre em que pese a sua moderação, tendo dado mostras diversas vezes de seu espirito tolerante, era, comtudo, como partidario, um temperamento exaltado, possuindo do governo a noção de que elle é a força inexpugnavel, ante o qual todos se dobram, cedendo a todos os seus desejos. E' assim que elle escreve, certa feita, a um dos presidentes de São Paulo, relativamente a eleição de Pimenta Bueno para o Senado:

"Os politicos em nossa terra não podem coisa alguma contra a vontade do governo, e só a fraqueza do poder e a pouca vontade de os sujeitar é que traz as derrotas quando as tem havido."

"Tudo quanto V. Ex. me diz nas duas cartas a que respondo são coisas sabidas em todas as eleições. Emquanto se percebe que o governo hesita, vacilla, trabalham, intrigam, ameaçam, arrufam-se, despeitam-se,

etc., etc., mas tudo isso se esvaece com a firmeza, calma, polida e digna da autoridade."

O seu pensamento ahi está clarissimo. Monte Alegre não iria á violencia material para constranger a liberdade ou a consciencia dos seus adversarios. Conhecendo, porém, o seu meio, sabia perfeitamente que bastava o governo se collocar naquella attitude de "firmeza calma" para que nada se pudesse contra elle.

Tinha um caracter agradavel e insinuante, escreve Joaquim Nabuco, "uma calma desprevenida no julgar dos factos e apreciar os homens, propria de um homem do mundo para quem a politica se afigurasse um salão e não um campo de batalha ou uma casa de jogo. Cotegipe que pertenceu á sua roda, costumava dizer que Monte Alegre foi "o melhor bom senso" que elle conhecera, pondo em segundo logar a Caxias. Esse "bom senso" era a combinação do sangue frio com a experiencia, uma disposição optimista que fazia tomar os homens pelo que cada um tinha de melhor e não pelo que elles procurassem disfarçar e esconder".

Proclamada em 1822, a independencia do Brasil, Costa Carvalho é enviado pela Bahia á Assembléa Constituinte, vindo depois como deputado, nas duas legislaturas de

1826 a 1829 e de 1830 a 1833. Entrementes, sem deixar nunca de exercitar em São Paulo a sua actividade politica, funda em 1827 o primeiro jornal que se edita naquella cidade, o "Pharol Paulistano".

Costa Carvalho tinha esse dom tão raro de saber conquistar adeptos e congregar em torno de si grandes e profundas sympathias. No parlamento toma logar ao lado dos liberaes e impõe-se á opinião publica a ponto de tornar-se "um dos homens mais queridos do povo". E note-se que o representante bahiano não era, nem tinha qualidades de orador, ocupando a tribuna em casos rarissimos e sómente quando não podia deixar de o fazer... Não foi, por conseguinte, ao prestigio de uma palavra fluente e animada que elle deveu a fascinação de que viu cercado o seu nome. Possuia essa attracção natural, instinctiva, irresistivel... Estava destinado a vencer... Na Camara põe-se francamente em opposição a Pedro I, dando o prestigio de seu nome, da sua autoridade, aos que lhe combatiam os desacertos administrativos e os processos de governo.

Sobrevindo o 7 de abril e organizada a 17 de junho a Regencia trina permanente, Costa Carvalho vê-se, de repente, aos 35 annos de edade, elevado ao supremo governo do paiz, ao lado de João Braulio Moniz e do

general Francisco de Lima e Silva. Na alta administração manifesta-se por uma politica de apaziguamento. Acha necessario que a directriz a ser tomada não seja uma directriz reaccionaria, e que só serviria para acirrar ainda mais os odios e as paixões, sem resultados efficientes, quando o momento o que exigia era uma acção organizadora que puzesse termo aos dissentimentos, afim de que pudessem todos trabalhar com mais afinco pela solidificação do novo regimen, ameaçada, então, seriamente a nossa patria de resvalar para o abysmo das sedições epidemicas. Teria sido isso funesto á nossa terra e o desagregamento da unidade nacional ter-se-ia dado inevitavelmente. Entrando, mais tarde, em divergencia com os seus companheiros, deixa a Regencia em 33, tornando a São Paulo, onde dirigirá, de 1835 a 1836, a Faculdade de Direito.

Em 1838 dá-se a sua evolução dos liberaes para os conservadores e, neste mesmo anno, a sua provincia adoptiva o envia como um dos seus representantes á Camara. Em 39 Sergipe offerecia-lhe a senatoria, o coroamento da vida publica do joven regente de 31. Já então Costa Carvalho é, justamente, reputado um dos grandes estadistas do seu tempo. Eis o depoimento de Pereira da Silva: "Gozava de estima e respei-

to geral pela moderação dos seus actos, pela tolerancia do seu espirito, pela nobreza do seu caracter, pela illustração, talento e experiencia dos negocios publicos."

Em 1842, sob o ministerio de 23 de março de 41, acceita a presidencia de São Paulo. Aguardava-o, então, um dos acontecimentos mais importantes do 2º reinado, a celebre revolução paulista encabeçada pelo brigadeiro Raphael Tobias e que contava, ostensivamente, com o apoio moral de dois senadores do vulto e da respeitabilidade de Vergueiro e de Diogo Antonio Feijó.

Costa Carvalho, nesta emergencia apertada, dá provas sobejas de um grande espirito de destemor e de energia. Desde o primeiro momento, inteirado da gravidade da situação, age á altura do que as circumstancias exigem, e antes, mesmo, da chegada de Luiz Alves de Lima, o general que vae desbaratar os sediciosos, já tinha feito marchar de encontro a elles as tropas que se haviam conservado fieis ao poder constituido. Não perdia tempo. Providenciava com vigor, com habilidade, com precisão.

Homem de principios, incapaz de transigir com elles a troco de proventos pessoaes, olhando sempre os cargos com desprendimento, Monte Alegre em 1844 recusa-se a organizar o novo gabinete por ser contrario

á amnistia que Pedro II, na magnanimidade do seu grande espirito liberal, entendia ser opportuno conceder-se aos revoltosos de São Paulo e de Minas. O gesto de Costa Carvalho é de uma perfeita sobranceria. Pode-se divergir do seu ponto de vista, achando-se que pensava errado e pensava mal. Mas não ha deixar de se admirar a franqueza e o desapego do homem que, por uma questão de idéas, abre mão da chefia do governo. Contado, assim, nos dias da Republica, o facto assume as proporções de uma lenda...

Finalmente em 1849 Monte Alegre attinge á presidencia do Conselho. Ainda aqui ha a registrar outro rasgo da nobreza moral e politica do estadista bahiano. Concedida em 1848 a exoneração do gabinete Paula Souza é a Costa Carvalho que o Imperador recorre para formar a nova combinação... Recusa-o decididamente. Entregue a situação aos conservadores, Olinda era figura indispensavel no governo, e fazendo parte do mesmo ninguem lhe poderia disputar o primeiro logar.

Nestas condições declinava do convite e indicava aquelle seu correligionario, compromettendo-se, embora, a acceitar uma das pastas, como penhor de sua sinceridade e do desejo de amparar, com o seu presti-

gio, o novo estado de coisas. E assim se fez... Só mais tarde, em 8 de outubro de 49 — o gabinete era o de 29 de setembro de 48 — foi que Costa Carvalho subiu á chefia succedendo a Olinda que dera a sua demissão.

O ministerio Monte Alegre foi no juizo quasi unanime dos historiadores um dos que maiores serviços prestaram ao Imperio. Cabe-lhe ter feito cessar a importação dos escravos africanos. Além disso dominou no Rio da Prata as duas dictaduras de Oribe e de Rosas, suffocou em Pernambuco a revolução praieira, tomou providencias sobre a navegação maritima, incrementou a construcção das estradas de ferro, favoreceu a immigração, melhorou as condições da colonização, implantou, internamente, a "politica de conciliação e tolerancia" de que foi, no dizer de Araujo Lima, o verdadeiro iniciador. Com Monte Alegre os mais intransigentes ante-conservadores approximamse do governo.

Rio Branco, Jequitinhonha, Inhomirim, Christiano Ottoni, todos elles prestam ao ministerio, desinteressadamente, a sua collaboração. Data desta época a *plaquette* que se tornou famosa, *"Acção, Reacção, Conciliação"*, de Justiniano José da Rocha, em que o vibrante publicista comparava a acção de-

mocratica vigorante até 1837, em substituição "á reacção autoritaria", "ambas exaggeradas" para concluir que era necessario "em uma época de completo socego, adoptar-se idéas medias e approximadas, e restabelecer-se a verdadeira liberdade que não devia dispensar, todavia, o concurso e a força moral da autoridade."

Deixando o governo em maio de 52, Monte Alegre, oito annos mais tarde, a 18 de setembro de 1860, dava por finda a sua missão na terra. Attingira a posição de marquez em 1854, depois de haver sido barão em 41, e visconde em 43. Fôra presidente da Camara, presidente do Senado, membro do Conselho de Estado. Uma existencia inteira, como se vê, consagrada dedicadamente á sua patria.

SARAIVA

No scenario politico do segundo reinado a figura do conselheiro José Antonio Saraiva avulta como uma daquellas que mais accentuadamente se assignalam por traços pessoaes indeleveis. Elle não tinha nem a affabilidade de Dantas, expansivo e popular, nem o autoritarismo dogmatico de Zacarias de Góes e Vasconcellos, retraido e quiçá antipathizado perante a opinião. Era secco, sem ser aspero; inacccessivel, sem ser intratavel; altivo, sem ser pedante.

Nascido na Bahia em 1823, naquelle mesmo anno em que o territorio da gloriosa provincia era theatro de um dos acontecimentos mais notaveis da nossa historia — a derrota de Madeira e a consolidação da independencia — Saraiva trazia no sangue e do berço o amor aos principios liberaes e o seu devotamento á liberdade. Formou-se em direito sendo ainda joven, ingressou na magistratura, foi juiz municipal e procurador fiscal da Fazenda na Bahia. Entrando

para a politica é eleito deputado pronvincial. Em 1850, apenas com 27 annos, preside a provincia de Piauhy. Tres annos mais tarde está deputado geral, na legislatura de 53 a 56.

A carreira politica de Saraiva é uma continua ascenção. Sério, circumspecto, de caracter inteiriço, infunde respeito e confiança. Successivamente em 57, em 61, em 64, em 67 vem eleito para a Camara temporaria, como mandatario de sua terra natal. Preside Alagôas em 1853, São Paulo em 1854, Pernambuco em 1859. Em 1867, já uma figura notavel na politica bahiana e na politica geral do Imperio, a Corôa o escolhe para senador. Era a definitiva consagração do estadista.

Nada menos de cinco vezes Saraiva desempenhou as funcções de ministro. Da Marinha, em 1857, no gabinete presidido pelo marquez de Olinda; do Imperio em 1861, com Caxias na presidencia do Conselho; da Marinha e interinamente da Guerra e dos Estrangeiros, em 1865, de novo com Olinda. Em 1880 e em 1885 organiza elle mesmo o ministerio, no primeiro com a pasta da Fazenda e interinamente a da Agricultura; no segundo com a da Fazenda.

Não tanto pelos cargos que desempenhou, como pelo relevo que lhes soube dar e

pela orientação de sua politica superiormente orientada, conquistou Saraiva o alto renome de que gozou entre os homens publicos de sua época. Em 1880, na Bahia, ao ser consultado pelo visconde de Sinimbú, em nome de D. Pedro II, sobre se acceitava a tarefa de compôr o novo gabinete, a primeira resposta de Saraiva foi uma negativa expressa, clara, terminante. O grande assumpto que, naquelle momento, empolgava a opinião era a reforma da lei para se estabelecer a eleição directa. O imperador, que foi sempre, durante o seu reinado, o patrono maximo de todas as idéas liberaes e democraticas, não faltara ahi com o seu empenho firme e a sua vontade decidida para que se satisfizesse a memoravel aspiração nacional. Nem fôra senão para servir a causa popular que o monarcha, acceitando a demissão do ministerio conservador presidido pelo duque de Caxias, entregára o governo, em 1878, aos liberaes, confiando a Sinimbú a tarefa de dirigir a nova situação.

Mas D. Pedro tinha, naquelle caso, respeitaveis escrupulos pessoaes, se não, na phrase de um dos nossos historiadores, "escrupulos constitucionaes". O monarcha entendia que a reforma por todos almejada não se poderia levar a effeito sem que se alterasse a Constituição do Imperio. A propos-

ta deveria ser apresentada revestida daquelle caracter, ao mesmo tempo se dando á futura Camara dos Deputados os necessarios poderes constitucionaes... Sinimbú acceitara o governo em 78, cedendo ao imperador neste ponto de vista relativo ao processo por que se conseguiria a eleição directa. Saraiva, porém, mais irreductivel e mais teimoso, não condescendia e recusava a alta funcção com que o throno lhe acenava.

Em carta dirigida ao marquez de Paranaguá, o estadista bahiano havia firmado claramente a sua opinião sobre a materia: a eleição directa poder-se-ia estabelecer por uma lei ordinaria, sem haver necessidade de se tocar na Constituição, no Imperio. Acceitára a fórma do gabinete Sinimbú "visto como se tratava unicamente de fórma e não do fundo da questão" e "o paiz ardentemente suspirava pela eleição directa". Fracassada, entretanto, a hypothese da revisão constitucional, pela intransigencia do Senado, não via como se desistir da idéa. Achava, mesmo que ella devia pairar acima de quaesquer competições politicas, appellando-se "para o concurso e patriotismo de ambos os partidos", para que "de accordo e harmonia decretassem a lei" que sairia, assim do parlamento revestida de maior prestigio e de mais "força moral"...

O imperador cedeu a Saraiva... Elle realizasse a reforma eleitoral pelo modo que parecesse mais conveniente... Eram as palavras textuaes do telegramma de Sinimbú... Foi assim, com carta branca, altivamente, com admiravel desprendimento pelas posições de mando, que o conselheiro Saraiva organizou o ministerio de 28 de março de 1880.

A eleição directa... Com que ardor o politico bahiano se atirou na refrega... E com que prestigio saiu do governo em 1882, cercado de uma aureola que nunca mais haveria de deixar o seu nome... Do escrupulo, da isenção, da superioridade com que elle agiu, desde o começo falam todos os historiadores. Não foi uma questão de partido. Pereira da Silva, nas "Memorias do meu tempo", accentua-o bem claramente. Saraiva ouviu os seus amigos liberaes, como ouviu os adversarios conservadores, como ouviu as pessoas de capacidade reconhecida para dar no assumpto uma opinião ponderavel. Martinho Campos, reflectindo o pensamento do governo, requereu que na commissão incumbida de dar parecer sobre o projecto "se incluissem membros de todas as facções politicas", emquanto o presidente do Conselho declarava abertamente o seu desejo de que o debate fosse o mais amplo e o mais largo. Assim se votou a lei no parla-

mento. Os liberaes que se haviam scindido contra o gabinete Sinimbú cerraram fileiras em torno de Saraiva... Os conservadores receberam-no com effusão... As discussões correram animadas e não raro empolgantes. O chefe do governo respondia a tudo e se defendia de todas as criticas com uma galhardia notavel.

Promulgada a lei, ainda outra vez patenteou Saraiva a sua extrema correcção politica depositando nas mãos do soberano a demissão collectiva do gabinete que havia preenchido o seu fim e correspondido aos anhelos do paiz. D. Pedro II é que não consentiu que Saraiva saisse. Não. O ministerio que fizera a lei, devia presidir a sua estréa. Ficando, o presidente do conselho mostrou, outra vez, ainda, a superioridade de seus intuitos e a largueza de sua politica. Não comprehendia a Camara senão como "o espelho em que com todos os matizes de idéas, a nação fosse retratada". O testemunho de Pereira da Silva, que era conservador, não póde ser mais insuspeito. Para elaborar os regulamentos e effectuar a divisão dos districtos, Saraiva organizou commissões mixtas de senadores e deputados, simultaneamente conservadores e liberaes. Restava, assim, fiel a seu proposito de que a lei não

deveria ter o caracter de deliberação partidaria, mas de uma deliberação nacional.

A maneira por que correram as eleições faz gloria ao estadista bahiano. Não se contentou em annunciar, com caracter official, que o governo não recommendava, nem sustentava candidatos. Levou mais além os seus escrupulos. Escolheu os presidentes das provincias entre as pessoas, que pela honestidade politica e identificação com os seus propositos, mais se impunham á sua confiança. E a estes recommendou expressamente, taxativamente, terminantemente, que não interviessem no pleito, nem consentissem que os seus subalternos o fizessem. Os chronistas accentuam e ha documentos demonstrativos de que Saraiva, dando-se de corpo e alma, com a maior sinceridade á execução de sua lei, timbrou em attender todas as reclamações que, ás proximidades do pleito, os adversarios lhe faziam. A eleição travou-se sob esse ambiente. O povo ia votar na certeza de que o seu voto seria apurado. O resultado é o que se viu e vale como o mais eloquente e o mais expressivo attestado da lisura do governo. Elegeram-se 68 deputados liberaes, contra 54 conservadores. E não foi só. Dois ministros de Estado, o ministro dos Estrangeiros, Pedro Luiz Pereira de Souza, e o ministro do Imperio, o barão de

Homem de Mello, sairam das urnas derrotados.

Saraiva, findo o pleito, dá a sua demissão, depois de ter offerecido ao paiz uma mostra de liberalismo politico e de largueza de espirito que não foi jámais excedida por nenhum dos mais avançados e progressistas espiritos de seu tempo. E' o grande Ferreira Vianna quem o diz: elle assumira uma posição politica nunca attingida por outrem. Tres annos mais tarde, em 1885, de novo é Saraiva chamado ao podèr, organizando o gabinete de 6 de maio. Do conceito de que ficou gozando no espirito esclarecido e recto de Pedro II é assás expressivo o episodio registrado pelo autor das "Pesquizas e depoimentos". Estamos em junho de 1882. O ministerio Martinho Campos acabara de demittir-se e o imperador entendeu que não deveria resolve a situação sem ouvir, antes, a opinião de Saraiva. No seu retiro de Pojuca, na Bahia, o chefe liberal não poderia regressar rapidamente ao Rio. Pedro II resolveu, então, esperar. Varios dias se passaram... O facto, absolutamente inedito, dava margem aos mais desencontrados commentarios. Aimprensa enchia-se de interrogações. Afinal Saraiva chegou, desistindo de honrosa incumbencia e lembrando, então, á corôa o nome do marquez de Paranaguá.

Presidindo mais tarde a combinação de 6 de maio, que vinha substituir o ministerio chefiado pelo conselheirio Dantas, declarou Saraiva, no parlamento, com a sinceridade e a decisão que o caracterizavam, que o seu programma era "a solução da questão do elemento servil", apressando "o mais possivel a libertação de todos os escravos, dando porém, tempo á nossa industria agricola para reorganizar o trabalho". Offerecendo o projecto do governo, Saraiva externava os seus desejos de que a discussão fosse "franca e esclarecida". Não havia, no caso, questão de confiança. Quem tivesse modificações a lembrar, ou suggestões a fazer, que o fizesse com a mais ampla liberdade. Providenciou para que na commissão eleita para opinar sobre o projecto fizessem parte não só os liberaes e os conservadores, como os republicanos que, a este tempo, já se representavam no Parlamento. Em todas as discussões Saraiva falava, discutindo e argumentando... Mais: acceitando todas as ponderações que no curso dos debates lhe eram feitas e lhe pareciam razoaveis.

Assim agia um estadista com a mais lucida comprehensão dos seus deveres, politico de uma escola superior que acima dos inte-

resses partidarios, soube sempre collocar os interesses legitimos de sua patriai. Promulgada a lei, tal como no caso da eleição directa, Saraiva procurou o monarcha para lhe apresentar a demissão do gabinete. Os liberaes estavam scindidos e Saraiva não conseguia harmonizal-os. Deu-se, então, um facto que causou na época viva surpresa: consultado pelo imperador sobre a quem indicava para substituil-o, o chefe demissionario excusou-se de fazel-o, de maneira a comprehender D. Pedro que era chegado o momento dos conservadores subirem ao poder... Assim cairam em 1885 os liberaes, organizando Cotegipe o novo ministerio...

Quatro annos depois proclamava-se a Republica. Saraiva acceitou o facto consummado e veiu eleito senador, pela Bahia, á Assembléa Constituinte. Conta-se que encontrou no Senado certo funccionario publico que elle demittira, pouco antes, como deshonesto. Ah! a Republica era aquillo? Eram daquelle quilate os senadores que lhe davam por companheiros? E Saraiva, altivamente, resignou o mandato.... Afastou-se da politica, por uma vez, vindo a fallecer cinco annos mais tarde em 1895.

Era uma das nossas maiores expressões

de liberalismo. Entra para a historia como uma figura que honrou a politica brasileira, collocando-se num terreno que só os espiritos de uma superioridade egual a sua seriam capazes de o fazer.

JOSE' BONIFACIO, O MOÇO

Cem annos!... Já lá vão cem annos... Foi a 8 de novembro de 1827, em terras estrangeiras, em Bordéos... Nesse dia José Bonifacio, o *Moço,* vinha ao mundo, a familia perseguida e no exilio, depois de haver prestado á independencia do Brasil serviços tão memoraveis... Martim Francisco, irmão do Patriarcha, mais joven do que elle, casára com a sobrinha, filha segunda do velho José Bonifacio, d. Gabriella Frederica Ribeiro de Andrada. Tinham sido deportados, após a dissolução da nossa primeira Assembléa Constituinte, num daquelles gestos impulsivos e immoderados de D. Pedro I... Desse consorcio nasceu José Bonifacio, o *Moço,* que viria desempenhar, na politica do segundo reinado, um papel de raro brilho.

Elle terá sido, talvez, o mais admirado e o mais elogiado dos homens publicos de sua quadra. Mais do que nenhum, possuiu o segredo da fascinação. Attraia. Encantava. Veja-se o que sobre a sua personalidade es-

creveram os maiores espiritos do tempo: Nabuco, Ruy Barbosa, Machado de Assis, e ter-se-á uma idéa do enthusiasmo que despertava e da seducção que exercia. São elogios exaltados, verdadeiros hymnos encomiasticos ao talento, á cultura, ao caracter de José Bonifacio. Para Nabuco elle foi "a palavra mais arrebatada que em sua época se fez ouvir em nosso paiz" e deixou na politica "um deslumbramento". Era a nossa "mais nobre, mais pura e mais alta individualidade politica", e pela "immaculabilidade do caracter"... "encanto de sua pessoa, belleza de sua vida e sua renuncia de tudo", um destes seres perfeitos que a natureza é avara em offerecer á admiração da humanidade.

Ruy Barbosa não se mostra menos expansivo no seu julgamento. "Quando José Bonifacio assomou na tribuna — escreve Ruy — tive pela primeira vez a revelação viva da grandeza dasciencia que abraçavamos. Uma espontaneidade esplendida como a natureza tropical borbulhava dali nos espiritos encantados; um sopro magnifico animava aquella inspiração caudal, incoercivel, que nos magnetiza de longe na admiração e no extase."

Joaquim Serra, falando de José Bonifacio, classifica-o não apenas o mais eloquente dos nossos oradores, senão a nossa

"mais esplendida intelligencia", "o coração mais nobre que jámais pulsou em peito de homem", invencivel pela "fortaleza de sua vontade, a fina tempera de seu caracter, a immaculada lisura daquella existencia". Machado de Assis, de ordinario retraido e de indole pacata, exaltava-se em face do "portentoso Andrada" e do seu "verbo aceso". Deiró via-o como "um politico excepcional", "a coragem que se sacrifica; a consciencia do patriotismo, do dever, da grandeza e da honra nacional", brilhando "sem rival". E o conselheiro Dantas, que de perto o conheceu e intimamente lidou com elle, podia falar "da rectidão intransigente de uma alma inaccessivel á corrupção de qualquer especie", vendo em José Bonifacio o "denodado paladino de todas as grandes causas liberaes agitadas em seu tempo."

Assim o julgaram os seus contemporaneos. Ha exaggero? Ha excesso? Talvez. Mas ha um facto certo: a ascendencia que elle exrecia sobre quantos se lhe approximavam, ou o ouviam falar, e saiam maravilhados, empolgados, levantando-o como idolo, sagrando-o como uma expressão singular de relevo e de gloria.

*

José Bonifacio chegou ao Brasil, na

volta do exilio, com a edade de dois annos. Cursa, no Rio, de 1842 a 1845, a carreira das armas, e já alumno alferes, desiste da farda, e matricula-se na Academia de Direito de São Paulo. Formado em 1853, recebe logo no anno immediato a nomeação de professor da Faculdade do Recife, onde lecciona até 1858, quando vem transferido para escola da paulicéa. Os depoimentos da época referem-se com encanto ás aulas do mestre. A sala se enchia. Não eram só os alumnos. Eram collegas da congregação, eram magistrados, advogados, homens de letras que corriam a escutar-lhe o verbo ardoroso e inspirado. Não havia assumptos aridos na exposição solorida e animada do lente. José Bonifacio prendia o auditorio, em dissertações que se ouviam com esse fino e delicado prazer espiritual que os bons momentos proporcionam.

Da cathedra passa José Bonifacio para o Parlamento. Deputado provincial em 1860, deputado geral em 61, em 64, em 68, em 79. Finalmente, neste anno, senador do Imperio. Já de antes se formava, lenta mas segura, a fama do orador, que se circumscreve, a principio, á capital, mas dentro em pouco, repercute pela nossa immensa vastidão territorial. Sylvio Romero escreveu que elle "pouco se elevava acima do nivel da vulgaridade e das

amplificações ectudadas". E' um juizo isolado, em contradicção com todos os outros que sobre o moço Andrada têm sido publicados. Ruy Barbosa, que o escutou varias vezes, diz que "elle petrificava os antagonistas, e arrebatava o auditorio a alturas desconhecidas."

O prestigio de Bonifacio cresce e avulta, culminando na campanha abolicionista, de que foi no Senado o combatente mais vigoroso. Em 1862, ainda deputado, convida-o Zacarias para ministro da Marinha no gabinete dos seis dias. E em 64, ao formar, de novo, o ministerio, torna a levar comsigo a José Bonifacio, confiando-lhe a pasta do Imperio.

Era uma situação politica melindrosa, que exigia dos timoneiros do barco muita pericia e muita argucia. Zacarias procurava, não suscitar nenhuma questão de confiança, de que poderia resultar, por um qualquer imprevisto, a necessidade do gabinete exonerar-se. Mas as coisas se encaminham de maneira bem diversa. Um projecto concedendo a subvenção de duzentos contos a determinada companhia de navegação, precipita, inopinadamente, os acontecimentos. José Bonifacio havia opinado pelo adiamento de qualquer solução a respeito, allegando a precisão do governo examinar mais detidamente

o assumpto. Eis senão que Martinho Campos enrista a lança e sae a campo, começando, preliminarmente, por censurar ao ministro que elle estivesse a se envolver em questões qu não diziam respeito com a sua pasta. José Bonifacio replica a Martinho Campos com a sua costumada vibração e logo se trava, entre elles, vehemente e acalorado debate. O resultado foi a Camara votar contra o ministro e a favor do liberal dissidente...

A sorte estava lançada. José Bonifacio procura Zacarias e dá-lhe a sua demissão. Em pura perda insiste o chefe bahiano para o desviar de seus propositos. Não cede. Não ha meios de convencel-o. Afinal é o gabinete que deixa o poder.

José Bonifacio, como politico, jámais conseguiu afeiçoar-se ao meio. Tinha uma maneira especial e singular de ver as coisas, diz Nabuco. "Nunca procedeu em caso algum pelos motivos que ditam a conducta ordinaria dos homens, nunca chegou a uma conclusão pelos mesmos raciocinios que os outros: o seu modo de pensar, como de sentir era diverso do de todos". Na realidade José Bonifacio não se sentia bem no ambiente das tricas e das combinações partidarias, e esteve sempre mais ou menos á margem das facções... Era, fundamentalmente, uma alma de artista. Vivia enamorado nos seus

ideaes, entregue a meditação, vendo tudo, de cima, com profunda piedade pela miseria dos homens. Por isso mesmo quando as coisas ultrapassavam demasiado a medida, exaltava-se e era tremendo nas suas inflammadas objurgatorias da tribuna.

E' famoso o seu discurso em 1668, quando o imperador tendo se desavindo com Zacarias, presidente do Conselho, por causa da escolha de Salles Torres Homem, para o Senado, substituiu, nos conselhos da corôa, os liberaes pelos conservadores, apezar daquelles se encontrarem na Camara em grande e prestigiosa maioria. José Bonifacio foi implacavel então. Como cae, pergunta, um governo, em frente de uma maioria parlamentar que não é consultada, nem é responsavel pelos acontecimentos? No centro o paiz estupefacto e pasmo, presencia este novo scenario que em rapida e mysteriosa mudança se apparelha de subito, substituindo um systema a outro! E crescendo na sua revolta, apostropha os novos titulares:

— Que pretendem de nós os nobres ministros? Que querem os nobres ministros? Pois não se apercebem de que são importunos hospedes da meia-noite, legitimos gatunos, armados de gazúa para chegarem a conquista do poder!...

E' um gabinete, continúa José Bonifa-

cio com rara vehemencia, que saiu do seio das sombras sem que se soubesse como, gabinete que não surgiu da Camara, mas veiu das trevas... E respondendo ao pedido de apoio que o novo governo fazia aos deputados:

— Desgraçado governo que se visse condemnado a viver da generosidade de seus adversarios!

Concluindo envia á mesa a moção clara, expressa, terminante, que é approvada por consideravel numero de votos contra, apenas, dez:

"A Camara viu com profundo pezar e geral surpresa o estranho apparecimento do actual gabinete, gerado fóra do seu seio e subtilizando uma nova politica sem que uma questão parlamentar tivesse provocado a quéda de seus antecessores. Amiga sincera do systema representativo e da monarchia constitucional, a Camara lamenta este facto singular, e não tem, nem póde ter confiança no governo."

*

Em José Bonifacio não ha, apenas, a considerar o politico, o parlamentar, o professor. Foi poeta de uma deliciosa inspiração sentimental, cujos versos, de commoven-

te brandura e de singular meiguice, mostram de quanta suavidade era feita aquella alma. Sylvio Romero que tão severamente o julgara como orador, abre-se em adjectivos quando se refere ao cortejador das musas, para dizer que as producções poeticas do moço Andrada revelam um talento e uma individualidade fóra, muito fóra do commum", fazendo-o, sem favor, um lyrico dos mais elegantes que o Brasil possuiu.

Se a sua palheta se inspira em assumptos heroicos e patrioticos, saem as poesias retumbantes, caudalosas, animadas de um vivo sopro musical, numa toada arrebatadora de animação e de enthusiasmo. Tal quando elle arreia a bandeira, em meia verga, o coração trespassado de magua, o espirito soffredor, deante do esquife de Andrade Neves, soldado e heróe, ou em face da noticia pungente do fallecimento de Castro Alves, seu amigo e seu companheiro:

Dorme creança, dorme! os que ficaram
— A' sombra do caminho,
Por entre os laranjaes sentem, chorando,
O aroma de teus cantos!
Foste do sonho á morte!... oh! dorme, dorme!
Talvez sonhes ainda.

Bonifacio, attinge a alturas ainda maio-

res quando se põe a cantar o amor e as mulheres, em exaltados arroubos de seu coração ardente, de sua alma amorosa e de seu espirito idealista.

Notam-se a singularidade de suas imagens, o pittoresco das comparações, e nas falas de amor, aquelle arrebatamento e aquelle enlevo das almas puras e apaixonadas.

Eu sou tua sombra, seguirei teu corpo!
Eu sou tua alma, seguirei tua vida!

Ou nestas tres linhas, tiradas de uma quadra:

Que é tua minha alma, que é meu o teu ser,
Que vivo em teus olhos; que sigo teus passos;
que quero em teus braços viver e morrer.

A lagrima inspira-lhe um soneto primoroso:

Não sei meu Deus, se a lagrima é ventura
Ou se é tristeza que nos vem do céo.

Onde, porém, o poeta se mostra de um imprevisto sempre delicioso, é na maneira de confessar os seus sentimentos, na linguagem dos madrigaes, dando a impressão de um bello cavalheiro, a Luiz XV, na sua roupa de seda, em alta elegancia, galanteando animadamente uma dama da côrte:

Os tristes olhos meus, tão empregados
No emprego de vos ver... desempreguei-os...

E' uma maneira encantadora e original de dizer. Como esta ainda, aqui:

Eu quero um *sim* e tu respondes *não,*
Eu digo *não* e tu respondes *sim*...
Entre o *sim* e o *não*... talvez... emfim...
E' *não* o labio e *sim* o coração.

Ou então:

Guardarás, se puderes,
Meu coração no fundo do dedal...

*

Eis ahi, José Bonifacio, o *Moço... Poeta,* professor, homem de Estado, orador... Teve uma existencia fulgurante, cheia de esplendores e cheia de honrarias. Attingiu na politica o posto supremo no Imperio: o Senado vitalicio, e só não chegou á presidente do Conselho porque sempre o recusou.. Foi como poeta uma alta e bella expressão do lyrismo nacional. Linda vida... Vida coroada de flores e illuminada pelo grande sol da bondade, que era uma nota cantante na sua luminosa personalidade.

INDICE

INDICE

PAGS.

O 2º Reinado 7
D. Pedro II.. 15
Zacarias de Góes e Vasconcellos 25
Francisco Octaviano 35
Antonio Ferreira Rebouças.. 43
Bernardo Pereira Vasconcellos 49
Visconde de Jequitinhonha.. 61
Visconde de Itaborahy 71
Rodolpho Dantas.. 83
Visconde de Inhomirim.. 95
Visconde de Abaeté 107
Visconde de Ouro Preto 117
Leão Velloso 127
João Alfredo.. 135
O Marquez de Paraná 145
Visconde de Sepetiba 159
Barão de Cotegipe 171
O Marquez de Olinda 183

PAGS.

Marquez de Paranaguá 195
Dantas 205
Martinho Campos 217
Marquez de Monte Alegre 225
Saraiva 235
José Bonifacio, o Moço 247

EDIÇÕES
DA
LIVRARIA EDITORA LEITE RIBEIRO
LITERATURA

ASSIS BRASIL

Dictadura — Parlamentarismo — Democracia, br. . . . 5$000

MEDEIROS E ALBUQUERQUE

Graves e Futeis, br. 4$, enc. 5$500
Paginas de Criticas, enc... 7$000
Poemas sem Versos, br.... 4$000
Hypnotismo, 3ª edição, br.. 5$000

JULIA LOPES DE ALMEIDA

A Isca, br. 5$000, enc.... 7$000
Jardim Florido, br..... 5$000

AFFONSO LOPES DE ALMEIDA

Evangelho da Bondade, br. 3$000, enc. . . . . 5$000

AMADEU AMARAL

Letras Floridas, br..... 4$000

ANTONIO AUSTREGESILO

Livro dos Sentimentos, br... 4$000
Preceitos e Conceitos, br... 5$000

ODILON AZEVEDO

Casa de Commodos, br..... 5$000
A Mulher do Promotor, br. 6$000

ESMERALDINO BANDEIRA

Reflexões, br. . . . . 3$000

GUSTAVO BARROSO
(João do Norte)

Ao som da viola, br. 6$000, enc. . . . . 8$000
O Sertão e o Mundo, br... 5$000

RONALD DE CARVALHO

Poemas e Sonetos, 2ª edição, br. 5$000, enc. . . . . 7$000

CATULLO DA PAIXÃO CEARENSE

Alma do sertão (desafios), br. .. .. 5$000

ASSIS CINTRA

Mentiras Historicas, br. 4$, cart. . . . . 5$000
Revelações Historicas para o Centenario, br. . . . . 5$000
Os classicos e o antigo vernaculo, br. . . . . 7$000
Corações Infantis, cart. . . 3$000

HUMBERTO DE CAMPOS
(Conselheiro X. X.)

Da Seara de Booz. . . . . 5$000
Tonel de Diogenes. . . . . 5$000
Valle de Josaphat. . . . . 5$000
Mealheiro de Aggrippa. . . 5$000
A Serpente de bronze. . . 5$000
Gansos do Capitolio. . . . 5$000
Bacia de Pilatos. . . . . 6$000
Carvalhos e Roseiras. . . . 5$000
A Funda de David. . . . 6$000
Grãos de Mostarda. . . . 5$000
Pombos de Mahomet. . . . 6$000
Anthologia dos Humoristas Galantes. . . . . 6$000
O Arco de Esôpo. . . . . 6$000
Alcova e Salão. . . . . 6$000
O Brasil Anecdotico. . . . 6$000

BAPTISTA COELHO

As Caiçaras (prosa), br. . 3$000

BENJAMIN COSTALLAT

Mutt e Jeff, g. c., br. . . 5$000
Cock-Tail, br. . . . . 5$000

ILDEFONSO FALCÃO

Meio-Dia (poesias), br. 4$, enc. . . . . 5$000

HERMES FONTES

Miragem do Deserto (versos) br. . . . . 3$000
Microscosmo (elogios das flores e dos insectos), br... 3$000

AGRIPPINO GRIECO

Caçadores de Symbolos (estudos criticos), br. . . . . 5$000

FABIO LUZ

Nunca — O Soldado (canticos da aurora e do crepusculo), br. . . . . 4$000

HEITOR LYRA

Ensaios Diplomaticos, br.... 4$000

FERNANDO MAGALHÃES

Discursos, 2ª serie, br. . . 4$000

XAVIER MARQUES

O Feiticeiro (romance), br. 5$000

MAURICIO DE LACERDA

Historia de uma Covardia, br. . . . . 6$000
Entre duas Revoluções, br. 6$000

EMILIO DE MENEZES

Mortalhas (Os Deuses em ceroulas), br. . . . . 3$000

MENDES FRADIQUE

Grammatica portugueza pelo methodo confuso, cart.... 6$000
Idéas em zig-zag, br. . . . 5$000
Historia do Brazil pelo methodo confuso, cart.. . . 5$000
enc. . . . . 9$000
Doutor Voronoff, br. 7$000,
A Logica do Absurdo, cart. 5$000
Contos do Vigario, cart. . . 6$000

PONTES DE MIRANDA

A Sabedoria da Intelligencia, br. . . . . 4$000

HEITOR MONIZ

O 2º Reinado (2ª edição), br. 5$000
O Brasil de hontem, br. . . 5$000

COELHO NETTO

Vesperal, br. 4$000, enc.... 5$500

D. SILVERIO GOMES PIMENTA

Cartas Pastoraes, br. . . . 4$000
Vida de D. Antonio Ferreira Viçoso, br. . . . . 6$000

LAFAYETTE SILVA

Figuras de theatro, br. . . 5$000

PEREIRA DA SILVA

Beatitudes, br. . . . . 4$000
Holocausto, br. . . . . 4$000
Pó das Sandalias, br. . . . 5$000

MUCIO TEIXEIRA

Os Gaúchos, 2 vols., br. 14$, enc. . . . . 18$000
Sciencias Occultas, cart.... 10$000
Alta Magia, br. . . . . 6$000

THÉO-FILHO

Praia de Ipanema, br. . . 5$000
Do Vagão-leito á prisão, br. 4$000
365 dias de Boulevard, br. 4$000
Viagem Movimentada, br... 4$000
Idolos de Barro, br. . . . 5$000
Perfume de Querubina Doria, br. . . . . 5$000
Quando veio o Crepusculo... br. . . . . 5$000

BASTOS TIGRE

Fonte da Carioca, br. . . . 5$000
Brinquedos de Natal (contos para crianças), cart. . . 3$000

NESTOR VICTOR

Criticas de Hontem, br. . . 4$000
Folhas que Ficam, br. . . . 4$000

YANTOCK

Aventuras de Kaximbown — (contos para crianças) — cart. . . . . 4$000
Aventuras de Levabreck e Patapuff (contos para crianças), cart. . . . . 5$000

*PB-7200-2
5-46T
C

PERMA-BOUND
Pat. No. 3,161,423

UNIVERSITY OF ILLINOIS-URBANA
920.081 M74S192 C001
Segundo reinado.
3 0112 089238817

RECENTES E

— DA —

LIVRARIA EDITORA LEITE RIBEIRO

HUMBERTO DE CAMPOS
(CONSELHEIRO XX)
O Brasil Anecdotico Nova tiragem

MENDES FRADIQUE
Grammatica Portugueza pelo Methodo Confuso
Idéas em zig-zag

HEITOR MONIZ
O Brasil de hontem
O 2.º Reinado 2ª. edição

RIBEIRO JUNIOR
Razões de Estado

LAFAYETTE SILVA
Figuras de Theatro

ESMERALDINO BANDEIRA
Reflexões

CATULLO DA PAIXÃO CEARENSE
Alma do sertão Desafios

MUCIO LEÃO
A promessa inutil Contos